

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

JESSÉ MARTINS CARDOSO

**RASTROS DESVIANTES NA WEB:
Um Estudo Sobre Blogs Temáticos LGBT no
Brasil**

**VITÓRIA
2010**

JESSÉ MARTINS CARDOSO

**RASTROS DESVIANTES NA WEB:
Um Estudo Sobre Blogs Temáticos LGBT no
Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal do Espírito Santo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima.

**VITÓRIA
2010**

RASTROS DESVIANTES NA WEB: Um Estudo Sobre Blogs Temáticos LGBT no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Vitória, ____ de _____ de 2010.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Malini
Orientador

Prof. Cléber Carminatti

Prof. Felipe Tessarolo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais essa vitória, entre tantas que já me proporcionou. Por ter me iluminado, orientado, dando tranquilidade e sabedoria para enfrentar os desafios que encontrei pelo caminho. Confesso que não foram fáceis, mas o Senhor sempre esteve comigo.

Agradeço a minha querida MÃE (*in memoriam*), que sempre esteve presente no meu coração e em minha memória. Que nos momentos de tristeza, suas palavras me deram força, ânimo e persistência para continuar. Seus conselhos, sua educação e orientação contribuíram para a realização desse sonho. Ao meu pai, que mesmo distante, sempre torceu e acreditou em meu potencial.

As minhas queridas irmãs Joseani e Daisy pela paciência e amizade e por cada palavra de apoio e incentivo. A todos os meus amigos que conheci ao longo dessa caminhada, aos amigos que carinhosamente chamo de baixarias: Getúlio Cantão, Gabrielle, Daphne, Diana, Giordano e Larisse, os quais conheci na UFES e que fazem parte de minha história nessa universidade. Além dos meus amigos (*de coração*) mais que especiais, Dija Karla, Quelzinha, José Carlos, Davidinhu, Julia Lost, Rubson e Mylena.

Também agradeço ao meu orientador de pesquisa e de TCC, Fábio Malini, pela paciência e estímulo aos estudos, por ter me guiado em meus primeiros passos na vida acadêmica, repleta de surpresas e desafios. Obrigado pelos livros emprestados e pela atenção dada as minhas indagações teóricas. Agradeço as pessoas L@BIC (Naty, Paulinha, Marcel, Darshany e Miii) pelo apoio e especialmente a Michelli que me apoiou bastante durante a reta final deste TCC.

*“O mundo é azul. Qual é a cor do amor?
o meu sangue é negro, branco, amarelo e vermelho”*
Cazuza

RESUMO

Este trabalho compreende a comunicação como uma importante modalidade de poder no atual contexto social. A partir disso, tem o objetivo de entender o modo como os novos sujeitos políticos apropriam-se dessa modalidade de poder e encontram nas novas redes comunicacionais um meio de expressar sua potência de ação. O objeto central do estudo são os rastros desviantes na web, expressão que abarca os sujeitos biopolíticos inscritos sob a denominação de minorias sexuais LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) brasileiras e sua atuação no contexto da internet por meio dos blogs. A fim de alcançar os objetivos propostos, o trabalho é estruturado em cinco capítulos. Inicialmente, apresenta uma revisão teórica com a finalidade de esclarecer os conceitos de biopolítica, império, multidão e rede. É realizada também uma teorização sobre blogs, com o intuito de introduzir melhor o leitor ao objeto de estudo. Por fim, são apresentados os resultados da pesquisa empírica acerca dos blogs LGBT, pois, dessa maneira, eles passam a ser compreendidos como dispositivos de expressão da cultura subjetiva de gênero, e, além disso, busca-se uma reflexão filosófica sobre a blogosfera LGBT brasileira a partir das concepções teóricas desenvolvidas no decorrer do estudo.

Palavras-chave: poder, comunicação, biopolítica, redes, blog, LGBT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do blog gospelgay	88
Figura 2 - Selo do Movimento: combate a homofobia no Blogger.	88
Figura 3 – Promoção do blog babadocerto.wordpress.com	89
Figura 4 – Promoção do blog passageirodomundo.blogspot.com.....	90
Figura 5 - E-JOVEM uma rede nacional de adolescentes e jovens ativistas.....	92
Figura 6 - Selo Blogue de veado.	94

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFLEXÕES SOBRE BIOPOLÍTICA	15
2.1 ESFERAS DE PODER SOB A ÓTICA FOCAULTIANA	15
2.2 NOVAS PERSPETIVAS DA BIOPOLÍTICA.....	21
2.3 BIOPOLÍTICA SOB O PRISMA DA FORÇA DE TRABALHO	25
3 OS NOVOS RUMOS DO PODER	28
3.1 IMPÉRIO: UM NOVO MODELO DE PODER GLOBAL.....	28
3.2 GENEALOGIA DO CONCEITO E CONSIDERAÇÕES	30
3.3 MODIFICAÇÕES PROVENIENTES DO IMPÉRIO	33
3.3.1 O TRABALHO NA LÓGICA IMPERIAL	35
3.4 PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO IMPÉRIO	38
4 NOVOS SUJEITOS POLÍTICOS	41
4.1 MULTIDÃO: GENEALOGIA DO TERMO	41
4.2 POVO, MASSA E MULTIDÃO.....	43
4.3 MULTIDÃO: UM CONCEITO DE CLASSE	50
4.4 MULTIDÃO E OS NOVOS MOVIMENTOS DE LUTA GLOBAL.....	54
5 PODER E REDE	63
5.1 SOCIEDADE EM REDE	63
5.2 RELAÇÕES DE PODER E A COMUNICAÇÃO EM REDE	70
6 BLOG	77
6.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS	77
6.2 BLOG: DEFINIÇÕES E CONCEITOS	81
6.3 BLOGS LGBT	86
6.3.1 PERFIL DA BLOGOSFERA LGBT	86
6.3.2 DESEJOS E ANSEIOS DA BLOGOSFERA LGBT POSTS	97
6.3.3 BLOG LGBT: DISPOSITIVOS DE EXPRESSÃO DA CULTURA SUBJETIVA DE GÊNERO	102
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

A perspectiva de nosso estudo tem como premissa as palavras de Manuel Castells (2009) “o poder da sociedade em rede é o poder da comunicação”. Estamos diante de uma sociedade em que a comunicação constitui-se como um setor social hegemônico. Um contexto social em que o poder é exercido mediante máquinas que organizam diretamente os cérebros e os corpos por meio de sistemas de comunicação e redes de informação e cujos novos paradigmas do trabalho produtivo, como a força de trabalho intelectual e imaterial, estão fundados sob o prisma da comunicação. Uma sociedade de caráter paradoxal, uma vez que à medida que unifica e globaliza todos os elementos da vida social sob a forma de Biopoder – poder que se configura na forma de controle e invade as profundezas das consciências e dos corpos da população – também perde sua capacidade de mediar as diferentes forças sociais. Por conseguinte, revelam-se novos contextos, novos meios de pluralidade e de singularizações não domináveis, expressas na forma de poder biopolítico – um parâmetro de poder advindo de baixo, como uma resposta da vida às subsunções do Biopoder.

Na conjuntura social compreendida a partir de Deleuze (1992) como uma sociedade de controle, ou a partir do pensamento de Castells (2009) como uma sociedade em rede, cujo poder se manifesta sob a forma imperial (Negri & Hardt, 2006) e cujas resistências não são mais marginais, senão ativas no coração de uma sociedade que se expande em rede. É nesse ponto que nosso campo de análise encontra espaço e relevância. Um estudo que busca compreender o poder da comunicação e das redes a partir de um olhar biopolítico e que interpreta a comunicação como uma forma de expressão biopolítica. A partir dessa perspectiva, podemos apontar como um dos objetivos de nosso trabalho, compreender o modo como os novos sujeitos políticos, circunscritos no corpo biopolítico da multidão (Negri & Hardt, 2006), apropriam-se dessa modalidade de poder e encontram nas novas redes de comunicação um meio privilegiado de expressar sua potência de ação. O foco de nosso estudo são **os rastros desviantes na web**, expressão que abarca os sujeitos biopolíticos inscritos sob a denominação de minorias sexuais LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) brasileiras e suas ações no contexto da rede mundial de computadores por intermédio da utilização dos blogs – dispositivos de

comunicação originários da internet – temáticos compreendidos no formato de uma rede de comunicação denominada *Blogosfera LGBT Brasileira*.

Este trabalho se justifica por tratar-se de uma temática não recorrente nos estudos que permeiam a área da comunicação. Ao discutirmos o poder da comunicação a partir de uma perspectiva da resistência, suas dinâmicas adquirem novos contornos, a comunicação passa a ser compreendida não apenas como uma simples troca de mensagens, mas como um motor de transformação política e social. Além disso, esse estudo possibilita definirmos a comunicação digital, por meio da internet e de seus dispositivos de comunicação, como uma importante máquina de expressão, um espaço de atuação social e política de forças sociais, como o público LGBT, que historicamente mantiveram suas produções discursivas subordinadas aos interesses dos poderes dominantes.

Este trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos, mediante pesquisa bibliográfica e com emprego de método dedutivo de abordagem. A pesquisa bibliográfica baseou-se em literatura pertinente à área da Comunicação voltada para o eixo político, cultural e do estudo de redes; além da utilização de revistas, artigos e periódicos desenvolvidos por especialistas na área de comunicação e internet. Entre os autores utilizados, podemos destacar: Antônio Negri e Michael Hardth, Foucault, Maurizio Lazzarato, Peter Pál Pelbart, Manuel Castells, Rebeca Blood, Fábio Malini entre outros. Além da pesquisa bibliográfica, este trabalho apresenta uma pesquisa de caráter empírico e analítico, voltado para o estudo dos blogs temáticos LGBT brasileiros. O percurso metodológico pode ser descrito da seguinte maneira: inicialmente exploramos o universo dos blogs através de mecanismos de busca (utilizamos o Google, um buscador de aspecto mais geral) para assim localizarmos os primeiros blogs temáticos. Com a descoberta desses, recorremos ao blogroll (lista de blogs de mesma temática e / ou de temas de interesse do blogueiro) dos sites como forma de ter acesso a outros blogs que compõem a blogosfera LGBT brasileira e desse modo agregar o maior número possível deles. Como resultado do efeito bola de neve, foram localizados 165 (cento e sessenta e cinco) blogs temáticos LGBT.

Na fase seguinte, realizamos um estudo de caráter conceitual, por meio da leitura dos conteúdos das postagens, dos comentários de leitores, análise dos layouts, dos elementos que compõem o blogroll das páginas, do perfil dos autores, entre outras questões. Após o estudo dos blogs mapeados prosseguimos para uma importante etapa de nossa pesquisa que consistiu na classificação desses blogs tendo como critério suas motivações e funcionalidades. A etapa final teve como método a leitura das dez (10) últimas postagens veiculadas nos blogs que compreendem esse universo temático, tendo como objetivo traçar um perfil acerca dos discursos recorrentes nessa blogosfera.

Com a finalidade de compreender as dimensões pelas quais perpassam nosso estudo, propomos uma imersão em concepções teóricas e filosóficas referentes aos âmbitos social, econômico, cultural e político da história da sociedade ocidental. No primeiro capítulo, temos como objetivo entender o significado do termo biopolítica no atual contexto social. Para tanto, iremos percorrer as esferas de poder que permearam a história da sociedade a fim de compreender os rumos que possibilitaram a ascensão de um poder de caráter biopolítico. A discussão inicial é baseada nas teorias políticas de Foucault, que aponta a existência de duas formas de poder: o soberano e o disciplinar. O primeiro é caracterizado como um modelo de poder centralizado nas mãos de um soberano que exerce o direito de *fazer morrer e deixar viver*. Já o segundo é marcado por sua descentralização, invisibilidade e onipresença, baseado na lógica do direito de *fazer viver e deixar morrer*. Nessa modalidade de poder, há o desenvolvimento de duas técnicas de poder que Foucault define como: disciplinares e biopolíticas ou estratégias do biopoder, enquanto a aquela tinha como objeto o “homem-corpo”, essa investia no “homem-espécie”. O estudo prossegue com o desenvolvimento da concepção de poder biopolítico que tem como fonte os pensamentos desenvolvidos por Negri e Hardth (2005), Lazzarato (1998) e Pelbart (2003) que entendem biopolítica não mais como um poder sobre a vida, mas como a potência da vida. Outra proposta sobre a definição de biopolítica é advinda de Virno (2003), que correlaciona esse conceito à perspectiva filosófica de força de trabalho. De modo geral, o conceito de biopolítica apresenta-se como um poder que se expressa pela própria vida, não apenas no trabalho e na linguagem, mas também nos corpos, nos afetos, nos desejos da sexualidade.

No segundo capítulo, a discussão transcorre pelo conceito de Império, elaborado por Negri e Hardth (2003), constituído como um novo modelo de poder global, uma nova forma de comando pós-moderna, de carácter descentralizado e desterritorializado. Além disso, apresentamos uma periodização histórica acerca das modificações ocorridas no âmbito do trabalho e da sociedade e, a partir de uma lógica elaborada por esses autores, vemos a evolução da figura da força de trabalho dividida nas seguintes fases: profissional, massa e social. As novas dimensões do trabalho também são postas em discussão e, no contexto do pós-fordismo, temos a insurgência do trabalho imaterial, definido como aquele de carácter relacional, comunicativo e cooperativo. A lógica da produção de subjetividades, no contexto do Império, ganha destaque uma vez que, diferente de outros regimes de poder, no Império o processo de produção de subjetividade acaba por gerar subjetividades capazes de responder ao poder imperial na forma de resistência, a essa figura que foge aos moldes de subjetivação do império os autores Negri & Hardth (2005) denominam multidão, uma singularidade que, ao trabalhar, é capaz de produzir a si mesma como singularidade.

No terceiro capítulo, veremos, de forma mais aprofundada, o conceito de multidão. O estudo do mesmo é de extrema relevância uma vez que podemos pensar a multidão como a figura que representa os novos sujeitos biopolíticos, e, a partir de suas características, seus objetivos e de sua lógica de funcionamento promover um diálogo com as subjetividades LGBT, protagonistas de nosso estudo. Este capítulo é totalmente voltado para o estudo da figura da multidão, um corpo biopolítico que conjuga multiplicidade e singularidade em um só corpo. Inicialmente, apresentamos uma genealogia referente à constituição do termo multidão, que nasce na obra de Espinosa e ganha novos contornos significativos, a partir da ótica dos autores Negri e Hardth. Em seguida, com a finalidade de entender o conceito de multidão de forma geral e abstrata, contrastamos esse conceito com as definições de povo e massa. Além disso, propomos a definição da multidão como um conceito de classe, que diferente do ideal de classe marxista, considera que todas as formas de trabalho são socialmente produtivas, produzem em comum e compartilham o potencial de resistir à dominação do capital. Por fim, analisamos a ação política da multidão na contemporaneidade, a partir das transformações ocorridas nos movimentos de luta global. Para tanto, recorreremos ao pensamento Negri & Hardth (2005) que estuda

esse aspecto a partir de fatos históricos e estruturais; e de Maurizio Lazzarato (2006) que analisa esse processo a partir de um olhar filosófico.

No quarto capítulo, a discussão permeia os conceitos de poder e rede; e a fundamentação teórica é construída a partir da perspectiva de Castells (2009). Por meio das concepções desse autor, buscamos contextualizar o novo modelo de sociedade baseada na lógica das redes, de modo a explicar as transformações ocorridas nas esferas sociais, políticas e econômicas. A internet é apontada como um dos paradigmas que demarca esse novo modelo de configuração social, no qual a rede constitui-se como estrutura principal. Com a finalidade de caracterizarmos esse novo modelo de sociedade, descrevemos sua lógica de funcionamento, de maneira a pontuar aspectos como: o mecanismo binário de inclusão e exclusão, as novas dimensões acerca do tempo e do espaço e a nova concepção de cultura, advinda de uma sociedade que não propõe uma unificação cultural, mas que tende a valorizar a diversidade histórica e cultural, e, desse modo, busca a fragmentação frente à convergência. Após a contextualização desse modelo de sociedade, a discussão é direcionada a questões relativas ao âmbito das relações de poder, que, nesse novo contexto, é baseado em redes, e não mais em unidades individuais. Em relação às instâncias de poder, a dicotomia Poder versus Contra-Poder é mantida. A diferença concerne ao fato de que, nessa sociedade, tanto as dinâmicas de dominação quanto as de resistência estão fundamentadas na formação de redes e na estratégia de ataque e defesa segundo essas. Além disso, nesse capítulo é apontada a importância da comunicação no contexto das relações de poder, uma vez que as dinâmicas de funcionamento da sociedade em rede ampliaram o potencial da comunicação como ferramenta de poder e de articulação política. Por fim, recorreremos ao método de análise de Castells (2009), sobre o exercício de poder das redes de comunicação, bem como temos como critérios de estudo quatro formas de poder (baseada nas teorias da rede): o poder da rede, o poder de conectar em rede, o poder em rede e o de criar redes.

O quinto capítulo é destinado ao estudo dos blogs, gênero linguístico originário da internet e objeto de nossa pesquisa. Inicialmente, buscamos contextualizar esse dispositivo a partir de parâmetros históricos, além de ter como referência teórica os autores Blood (2000) e Malini (2007), que apontam a genealogia dos blogs para o

ano de 1997. Além disso, destacamos fatores responsáveis pela evolução desse dispositivo, entre eles, o surgimento das ferramentas de publicação baseados na Web, que facilitaram o uso e a manutenção desses sites e, conseqüentemente, favoreceram a profusão dessa ferramenta de comunicação. Mediante as considerações de Malini (2007), traçamos um histórico dos blogs dividido em fases, um primeiro momento marcado pelo caráter de filtro, logo a seguir a predominância de blogs do tipo diário pessoal. A terceira fase caracterizada pela presença de blogs com uma linguagem mais informativa e por último o surgimento de uma quarta fase, caracterizada pela profissionalização dos blogueiros. Com a finalidade de caracterizar os blogs a partir de suas funcionalidades, nosso estudo transcorre pelas conceituações e definições que envolvem esse universo comunicacional. Para tanto recorreremos às considerações de Barbosa e Silva (on-line) baseada em RECUERO (2003) e PRIOM(2006) propõe uma classificação primária e divide os blogs em duas variantes estruturais e duas de gênero: Blogs Individuais e Coletivos e Blogs Temáticos e Livres. Além dessas definições propostas, temos as considerações de Amaral, Montardo & Recuero (2009), que buscam definições acerca dos blogs a partir das concepções estrutural, funcional e como artefato cultural.

Nos últimos capítulos é apresentada a pesquisa empírica acerca da blogosfera LGBT brasileira, com as seguintes finalidades: identificar os sujeitos que compõem essa blogosfera, por em pauta seus intenções e desejos e desse modo discutir questões referentes ao âmbito cultural e político em que estão envolvidos os LGBT. A partir da pesquisa empírica propomos a definição dos blogs temáticos LGBT como dispositivos de expressão da cultura subjetividade de gênero, uma compreensão advinda do pensamento cultural de Simmel (MATOS ALMEIDA, 1998). Por fim, é realizada uma reflexão acerca da blogosfera LGBT brasileira a partir de duas linhas de pensamento, a primeira de caráter ativista e a segunda de contornos filosóficos.

2 REFLEXÕES SOBRE BIOPOLÍTICA

2.1 AS ESFERAS DE PODER: UMA VISÃO FOUCAULTIANA

Para compreendermos o significado do termo biopolítica no contexto atual, faz-se necessário recorreremos aos pensamentos do teórico Michel Foucault, um dos grandes pensadores da contemporaneidade, tendo em vista que seus escritos deslocaram as teorias clássicas sobre o poder, a política e o Estado. Em primeiro lugar, esses estudos tem como pressuposto a teoria clássica da soberania, na qual, nessa perspectiva de poder a vida e a morte não eram considerados fenômenos naturais, exteriores ao campo político, pois eram considerados elementos diretamente ligados à figura do soberano, ao poder e ao direito.

Nessa teoria, o rei tinha o poder de vida e de morte quanto aos súditos. Uma lógica de poder herdada da velha *pátria postestas*, que concedia ao patriarca o direito de dispor da vida de seus filhos e de seus escravos, podendo retirar-lhes a vida uma vez que a tinha dado. Nessa perspectiva de poder, o súdito deve sua vida e morte à vontade do soberano e este só exerce seu direito sobre a vida exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida por meio da morte que tem condições de exigir. Esse direito, que é formulado como “de vida e morte”, pode ser compreendido também como o direito de causar a morte ou de deixar viver (Foucault, 1988).

Essa forma de direito era representada pelo símbolo do gládio, uma figura jurídica que pode ser diretamente relacionada a essa sociedade baseada no regime de soberania em que o poder é um mecanismo de retirada, de subtração, de extorsão, seja da riqueza, dos produtos, bens, serviços, trabalho e sangue. Um direito que se apropria das coisas, do tempo, dos corpos, da vida, o que acaba por suprimir a própria vida. É, portanto, um poder negativo sobre a vida, visto que é limitativo, restritivo, mecânico, expropriador.

As sociedades de soberania, vigentes na Antiguidade e período medieval, caracterizam-se por uma forma de poder baseada numa relação dessimétrica entre dominante e dominado. Onde o soberano extrai, retira algo do servo e não é obrigado a dar nada em troca. Esta “troca”, quando acontece, se dá sob a forma de doação ou serviços, como é o caso da

proteção contra outros povos na guerra. O soberano extrai o tempo, a força de trabalho e os produtos. Exerce seu poder a partir de reatualização periódica e demonstra sua força através dos suplícios e violência explícita aplicada às coletividades. A individualização do poder exige a multiplicação do corpo do rei expressa nos mecanismos de centralização (NEVES, 1997 p.85).

A partir da época clássica, os mecanismos de poder passam por transformações profundas, deixam de ser baseados exclusivamente na lógica da retirada e da apropriação e passam a apresentar funções de incitação, de reforço, de controle, de vigilância, de majoração e de organização das forças que lhe são submetidas. Esse poder passa a ter como objetivo produzir novas forças, fazê-las crescer e, por conseguinte, ordená-las; tende a gerir a vida, mais do que exigir a morte. Podemos considerar que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de causar a vida ou devolver à morte. Esta idéia não se deu por acaso. Os filósofos nos séculos XVII e XVIII já esboçavam a defesa da vida em contrapartida com a morte:

O protesto contra os suplícios é encontrado em toda parte na segunda metade do século XVIII: entre os filósofos e teóricos do direito; entre juristas, magistrados, parlamentares; nos cahiers de doléances e entre os legisladores das assembléias. É preciso punir de outro modo: eliminar essa confrontação física entre soberano e condenado; esse conflito frontal entre a vingança do príncipe e a cólera contida no povo, por intermédio do supliciado e do carrasco. O suplício tornou-se rapidamente intolerável (Foucault, 1991 p.69).

A morte, durante o regime da soberania, era ritualizada por indicar a passagem do âmbito de um poder (terreno) a outro (no além). Isso se deve ao fato dos procedimentos de poder não se afastarem dela; nessa nova forma de poder, a morte passa a ser vista como o momento em que o indivíduo escapa a qualquer poder, a morte que anteriormente era cercada da aura do mistério e solenidade, torna-se agora seca e privada. O interesse do poder desloca-se para o fazer viver, agora, é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação.

Vale ressaltar que, no momento em que mais se falava em defesa da vida, é que ocorreram as guerras mais abomináveis e genocidas, é como se o poder de morte fosse um complemento daquele que se exerce sobre a vida de maneira positiva.

As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; trava-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver. Os massacres se tornaram vitais. Foi como gestores da vida e da sobrevivência dos corpos e das raças que tantos regimes puderam travar tantas guerras (Foucault, 1988 p.129).

Os poderes travam suas guerras como gestoras da vida e da sobrevivência, dos corpos e da raça. É o discurso da vida, da sobrevivência, da sobrevivência: poder matar para poder viver. Segundo Foucault (1988), esse poder sobre a vida e as novas formas de se exercer esse poder são construídas nos séculos XVII e XVIII, mas terão um campo de aplicação já nas primeiras décadas do Século XIX ou ainda, como os teóricos Antônio Negri e Michael Hardth consideram, esse modelo de poder conduziu toda a primeira fase de acumulação capitalista. O “fazer viver” característico dessa forma de poder é denominado por Foucault como Biopoder e representa o resultado das transformações ocorridas no poder soberano durante a modernidade.

Biopoder es un concepto que afecta a las dimensiones de lo económico, de lo político, de la conciencia. Biopoder é um conceito que representa la síntesis de la modernidad, en cuanto racionalidad funcional del poder que afecta a vida, em cuanto racionalidad instrumental de la acción económica que determina una progresión cada vez más extensa del dominio capitalista, y, finalmente, eficaz acción comunicativa que implica a las conciencias (NEGRI, ANTONIO, 2007 p.197)

O Biopoder se reveste de duas formas principais e constitui-se em dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. O primeiro pólo é denominado disciplina e teve suas primeiras formulações no final do Século XVII. As técnicas disciplinares centraram-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, e por fim, em sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos.

O segundo pólo, nomeado como biopolítica, formou-se aproximadamente um século depois e centrou-se no corpo espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo. O objeto da biopolítica era o corpo que funcionava como suporte de processos biológicos como: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a

duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar. Tais processos eram assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores. Nessa perspectiva, o poder torna-se responsável pela administração dos corpos e por uma gestão calculista da vida.

Nesse contexto, as disciplinas do corpo e as regulações da população, constituem os dois pólos em torno dos quais desenvolveu-se a organização do poder sobre a vida. A instalação desta grande tecnologia de duas faces: anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, foi o modo que o poder encontrou para investir a vida de ponta a ponta.

No primeiro momento, esses dois pólos de poder desenvolveram-se em direções diferentes. As disciplinas se dirigem ao corpo, ao homem-corpo e tentavam reger a multiplicidade dos homens enquanto indivíduos sujeitos à vigilância, ao treino e eventualmente à punição. Enquanto a biopolítica dirigia-se à multiplicidade dos homens enquanto massa global, afetada por processos próprios da vida, como a morte, a produção e a doença. A exigência do sistema capitalista contribuiu para a confluência dessas duas forças; em algumas passagens Foucault associa a emergência do Biopoder e de seus dois pólos a uma exigência do capitalismo: “Este não pode se garantir senão ao preço de uma inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e através de um ajuste dos fenômenos de população aos processos econômicos (Foucault, 1988, p.132)”.

Partindo de uma análise histórica do conceito foucaultiano de biopolítica, vemos que o seu nascimento concerne ao momento político denominado liberalismo, uma forma de governo que não limita-se a maximizar os efeitos da apropriação reduzindo seus custos e caracterizasse pelo risco de governar sem limites. O pensamento liberal, diferentemente do Estado da monarquia absoluta, não parte da existência do estado para encontrar no governo o dispositivo para alcançar seus objetivos, mas da existência da sociedade, de uma relação complexa de aspectos internos e externos ao Estado.

A partir dessa lógica, essa nova ciência do governo, a biopolítica, pode ser vista como uma tecnologia do poder que tem por objeto a população e que, portanto,

investe nas diversas formas que a população se organiza. Nessa perspectiva a população se caracteriza como um conjunto de seres vivos coexistentes que apresentam traços ontológicos e biológicos particulares e cuja vida é suscetível de ser controlada com a finalidade de assegurar, por meio de uma gestão da força de trabalho, um crescimento ordenado da sociedade. (NEGRI & HARDT, 2003).

Também podemos compreender essas duas forças de ação formuladas por Foucault, tendo como parâmetro as considerações desenvolvidas pelos pensadores Deleuze, Lazzarato e Negri. Autores que caracterizam modelos de sociedade baseado nas estratégias do Biopoder. Entre os modelos de sociedade podemos destacar a sociedade disciplinar e a sociedade de controle. Segundo Negri & Hardth (2006) a sociedade disciplinar é aquela na qual o comando social é construído mediante uma rede difusa de dispositivos ou aparelhos que produzem e regulam os costumes, os hábitos e as práticas produtivas. Para assegurar o funcionamento dessa sociedade e a obediência a suas regras e mecanismos de inclusão e/ou de exclusão, são criadas instituições disciplinares (a prisão, a fábrica, o asilo, o hospital, a universidade, a escola dentre outros) que auxiliam na estruturação do terreno social e fornecem esclarecimentos lógicos adequados para a razão da disciplina. O poder disciplinar manifesta-se, com efeito, na estruturação de parâmetros e limites do pensamento e da prática, sancionando e prescrevendo comportamentos normais e/ou desviados (PELBART, 2003).

[a disciplina] É o diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista. (Foucault, 1975, p. 139)

Atualizando a definição acerca do poder disciplinar, na sociedade contemporânea, pode-se afirmar que é a forma social que cobre todo o tecido social por meio da taylorização¹ do trabalho, as formas fordistas de solicitação para o controle e de

¹ Entendemos por taylorização o esforço orientado no sentido da subordinação do trabalho aos princípios e técnicas definidas por Frederick Winslow Taylor no final do século XIX. O ponto de partida do sistema consiste em “quebrar o freio operário”, isto é, superar as práticas associadas pelas gerências à “indolência” do trabalhador. Seu principal instrumento consiste na *análise científica do trabalho*, estruturada pelo estudo dos tempos e movimentos e pela conseqüente definição do tempo-padrão, tendo por objetivo a fixação “científica” dos ritmos produtivos pela simplificação do trabalho. Os principais desdobramentos históricos do processo de taylorização do trabalho consistem na *intensificação* dos ritmos, somada ao

controle salarial do consumo, até organizar-se nas formas macroeconômicas das políticas keynesianas. (NEGRI & HARDT, 2003).

O poder disciplinar se caracteriza pela descentralização, invisibilidade e onipresença e implica um controle total do tempo, do corpo e da vida das pessoas. Não tem necessidade de cerimônias e marcas que restaurem a continuidade. Ele é contínuo e refere-se ao futuro, aonde tudo irá por si mesmo. A disciplina enquanto hábito e exercício criam saberes/verdades que não apenas justifiquem, mas apontem se o indivíduo se conduz ou não conforme as regras instituídas (NEVES, 1997, p.85)

Já em relação à sociedade de controle², podemos entendê-la como um modelo social que se desenvolve nos limites da modernidade e se abre para a pós-modernidade. Um modelo de sociedade, cujo governo das populações é realizado por meio de dispositivos que abarcam coletivamente o trabalho, o imaginário e a vida. Em termos atuais, a passagem da sociedade disciplinar para a de controle pode ser representada pela transição do fordismo³ ao pós fordismo⁴. A sociedade de controle, também pode ser caracterizada como um modelo de sociedade que promove uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização da

aumento do *controle* sobre o trabalho pela gerência e pela eliminação da iniciativa do trabalhador. O conhecimento prático é expropriado e concentrado na gerência e os ritmos são redefinidos pela direção científica do trabalho: "O sistema Taylor tem como função essencial dar à direção capitalista do processo de trabalho os meios de se apropriar de todos os conhecimentos práticos, até então, monopolizados, de fato, pelos operários" (BRAGA, Ruy – on-line)

² Conceituada por Gilles Deleuze

³ O regime de acumulação fordista teve a sua origem nos EUA e no pós-guerra irradiou-se para o mundo. O fordismo aliou os princípios tayloristas (divisão do trabalho manual e intelectual) - pesquisa e desenvolvimento, engenharia e organização racional do trabalho/execução desqualificada - ao seu pressuposto do know-how coletivo. Harvey ressalta da seguinte maneira o regime de acumulação fordista: "O que havia de especial em Ford (e que, em última análise, distingue o fordismo do taylorismo) era a sua visão, seu reconhecimento explícito de que a produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução do trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista" (PENNAFORTE, Charles – on-line).

⁴ As novas condições que emergiram a partir da crise do Fordismo têm sido agrupadas sob o conceito de "pós-Fordismo global". Os aspectos mais decisivos do pós-Fordismo têm sido o aumento da flexibilidade em escala global, a mobilidade de capital e a liberdade para colonizar e mercantilizar praticamente todas as esferas, destruindo-se as fronteiras sociais e espaciais relativamente fixas e gerando-se uma descentralização da produção. Esta agora está decomposta em subunidades e em subprocessos produtivos, conduzidos pelas empresas que se dispersam globalmente e apresentam elevadas divergências nas formas de organização do trabalho, do gerenciamento e das finanças. Empresas públicas são privatizadas e, cada vez mais, a disponibilidade dos serviços essenciais depende da capacidade de pagamento e/ou do lucro geral. O pós-Fordismo global é difícil de ser mapeado, mas ele não é aleatório e nem tampouco desorganizado (BONANNO, Alessandro - on-line)

disciplinaridade que animam internamente nossas práticas diárias e comuns. Nesse modelo de sociedade, o controle é desterritorializado, estendido para além dos espaços determinados das instituições, e organiza-se a partir de redes flexíveis e flutuantes.

Lazzarato (2006) considera que as sociedades de controle engendram suas próprias tecnologias e seus próprios mecanismos de subjetivação, que são sensivelmente diferentes das tecnologias e dos processos de subjetivação das sociedades disciplinares. Nesse modelo de sociedade as máquinas de expressão tornam-se um lugar estratégico para o controle do processo de constituição do mundo social. Nas sociedades de controle, as relações de poder se expressam pela ação a distância de uma mente sobre outra, pela capacidade de afetar e ser afetado dos cérebros, mediatizada e enriquecida pela tecnologia.

A sociedade de controle exerce seu poder graças às tecnologias de ação a distância da imagem, do som e das informações, que funcionam como máquinas de modular e cristalizar os pacotes de bits (os computadores e as escalas numéricas). Essas ondas inorgânicas duplicam as ondas através das quais as mônadas agem umas sobre as outras. (LAZZARATO, 2006 p.85)

As instituições que compreendem essa lógica de poder são caracterizadas pelo emprego das tecnologias de ação a distância, diferentemente das tecnologias mecânica provenientes das sociedades da soberania ou das tecnologias termodinâmicas características das sociedades disciplinares.

2.2 AS NOVAS PERSPECTIVAS DA BIOPOLÍTICA

Retomando a discussão acerca de biopolítica, Negri & Hardt (2003) afirma que esse conceito formulado por Foucault levanta inúmeras questões, a primeira refere-se a uma contradição contida no próprio pensamento foucaultiano. Nos primeiros escritos referente à biopolítica, o termo é diretamente relacionado à ciência de polícia. Uma ciência de manutenção da ordem social, localizado na base da ciência administrativa e que cresce com ela na história do direito público. Em um segundo momento, a biopolítica é compreendida como a ultrapassagem do direito público e de toda

função política que esteja dentro da tradicional dicotomia Estado-sociedade. Podemos assim dizer que, no começo a biopolítica nasce como uma tecnologia ligada ao agir do estado e que sucessivamente vem representando-se como um tecido geral que concerne à relação total entre Estado e sociedade.

A partir dessas formulações, surgiram novos questionamentos acerca da biopolítica, ao ponto de ser definida como um conjunto de biopoderes que resultam da ação do governo. Segundo Pelbart (2003) a partir desses questionamentos e da compreensão de que a biopolítica designa a entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana. Um grupo de teóricos majoritariamente italianos, propôs uma inversão semântica, conceitual e política do termo biopolítica. Com isso, a biopolítica deixa de ser prioritariamente a perspectiva do poder e de sua racionalidade refletida, tendo por objeto passivo o corpo da população e suas condições de reprodução, sua vida. A partir dessa inversão de sentido, a própria noção de vida ganha novos atributos, a ela inclui-se a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetividade no contexto de produção material e imaterial⁵ contemporâneo.

Como diz Lazzarato (1998), a vida que anteriormente era vista apenas a partir de uma perspectiva inorgânica, ganha um novo significado denominado vida orgânica, que pode ser entendida como sendo o tempo e suas virtualidades, o tempo como potência, como “fonte e criação contínua de imprevisíveis novidades”, “aquilo que faz com que tudo se faça”, expressões advindas do pensamento de Bergson. Perpassando a divisão corpo/mente, individual /coletivo, humano/inumano, a vida ao mesmo tempo se pulveriza e se hibridiza, se dissemina e se alastra, se moleculariza e se totaliza. Desse pensamento que se dá a inversão de sentido do termo biopolítica, que passa a ser compreendido não mais como poder sobre a vida, mas como a potência da vida (PELBART ,2003).

⁵ Trabalho imaterial, ou seja, trabalho que produz produtos imateriais, como a informação, o conhecimento, idéias, imagens, relacionamentos e afetos. Isto não significa que não exista mais uma classe operária industrial trabalhando em máquinas com suas mãos calejadas ou que não existam mais trabalhadores agrícolas cultivando o solo. Não quer dizer nem mesmo que tenha diminuído em caráter global a quantidade desses trabalhadores. Na realidade, os trabalhadores envolvidos basicamente na produção imaterial constituem uma pequena minoria do conjunto global. O que isto significa, na verdade, é que as qualidades e as características da produção imaterial tendem hoje a transformar as outras formas de trabalho e mesmo a sociedade como um todo (HARDT; NEGRI, 2005).

Além disso, a partir dessa inversão do termo biopolítica uma série de estudiosos foucautianos com a finalidade de conceituar essa problemática, propuseram a distinção entre os termos biopoder e biopolítica. Segundo Negri & Hardt (2003), o Biopoder é compreendido como um poder formulado a partir da perspectiva do Estado e representa o modo como o mesmo expressa seu comando sobre a vida por meio de suas tecnologias e de seus dispositivos de poder. Além disso, o Biopoder é definido como a mais alta caracterização da modernização capitalista das relações sociais, uma vez que o desenvolvimento do capital e das relações sociais baseia-se nessa lógica de poder. Denomina-se biopoder para identificar as grandes estruturas e funções do poder; para pensar nas nascentes ou nas fontes de poder estatal e nas tecnologias específicas que o Estado produz (NEGRI &HARDT, 2003).

Contrariamente, podemos pensar biopolítica quando o comando da vida é realizado partindo das perspectivas e das experiências de subjetivação⁶ e de liberdade, isto é, de baixo. Deve-se compreender o termo biopolítica ou contexto biopolítico, fazendo alusão a espaços de luta, de relações e de produção de poder. Como referência, podemos citar os complexos de resistência, as ocasiões e as medidas de choque que ocorrem entre os dispositivos sociais de poder. Negri & Hardt (2003) considera que, nesses espaços microconflitantes, ou seja, as micropolíticas foucaultianas não são âmbitos de indiferenças, neles a diferença não se dispersa, pelo contrário, quando se fala em biopolítica, fala-se, sobretudo de tecidos fortes (Negri & Hardt, 2003, p.108).

Para ilustrar os espaços de atuação da biopolítica, temos o caso da Itália, onde o ingresso da temática biopolítica ocorreu no início dos anos 80 e teve relação direta como os conflitos de classes e suas produções. Já na França, antes e após a morte de Foucault, a temática da biopolítica foi apropriada pelos denominados “novos filósofos”. Nesse país, o debate acerca dessa modalidade de poder foi desenvolvido pela direita, tornando-se o que podemos chamar de Biopolítica de risco: uma

⁶ O conceito de subjetivação, em uma perspectiva foucautiana, está ligado então à produção, a técnicas, dispositivos, tecnologias, a criações de regime de verdades, ao desejo, a potências constituidoras de sujeitos e modos de existência através do poder.

biopolítica frouxa que funcionou como uma importante arma contra as práticas sociais do welfare⁷.

Segundo Pelbart (2003), os pensadores Deleuze e Guattari compartilham a idéia de que a biopolítica surge do conjunto do trabalho efetivo, do trabalho relacional, da flexibilidade temporal e da mobilidade espacial do trabalho: elementos característicos da nova qualidade do trabalho contemporâneo. Além disso, Pelbart (2003) afirma que Deleuze, partindo do pensamento de Foucault, inclina-se a interpretar a biopolítica com um poder que se expressa pela própria vida, não somente no trabalho e na linguagem, mas também nos corpos, nos afetos, nos desejos da sexualidade.

Essa lógica de pensamento proporciona um diálogo com as reflexões do autor Maurizio Lazzarato acerca da definição de biopolítica. Segundo Lazzarato (1998) a transição do fordismo para o pós fordismo trouxe consigo transformações no campo do trabalho e na própria lógica do “tempo de trabalho” que a partir da perspectiva do novo modelo de economia, a denominada economia da informação ganha um novo sentido. A economia da informação capta e coloca no trabalho não apenas o “tempo do trabalho”, mas também o “tempo da vida” o autor acredita que a partir desse ponto o conceito de vida foucaultiano passa por modificações, a vida que anteriormente era vista apenas a partir de uma perspectiva inorgânica, ganha um novo significado denominado vida a – orgânica, um corpo sem órgãos. O bios é redefinido intensivamente, no interior de um caldo semiótico e maquínico, molecular e coletivo, afetivo e econômico. Trabalho e vida são definidos pelos afetos, por sua velocidade e intensidade e, portanto, pelo tempo. A economia da informação captura, solicita, regula, tenta compor a nova relação existente entre as forças e os signos e os dispositivos coletivos organizados através de motores temporais. Nesse sentido a economia da informação pode ser identificada com a “produção de subjetividade” (LAZZARATO, 1998).

⁷ *Welfare state* pode ser compreendida como um conjunto de serviços e benefícios sociais de alcance universal promovidos pelo Estado com a finalidade de garantir certa "harmonia" entre o avanço das forças de mercado e uma relativa estabilidade social, suprimindo a sociedade de benefícios sociais que significam segurança aos indivíduos para manterem um mínimo de base material e níveis de padrão de vida, que possam enfrentar os efeitos deletérios de uma estrutura de produção capitalista desenvolvida e excludente.

A partir da perspectiva do trabalho e da vida incluídos em uma mesma lógica, podemos recorrer ao pensamento de Negri e Hardt ao afirmarem que o “biopoder situa-se acima da sociedade, transcendente, como uma autoridade soberana, e impõe a sua ordem. Já a produção biopolítica, em contraste, é imanente à sociedade, criando relações e formas sociais através de formas colaborativas de trabalho” (Negri & Hardt 2005.p.135). Quando se pensa, portanto, no âmbito do trabalho na sociedade pós-fordista, e particularmente sob a hegemonia do trabalho imaterial, a força de trabalho já não é mais conduzida apenas pelo biopoder, mas manifesta-se também como biopolítica. Ao requerer o engajamento do trabalhador, o comprometimento da sua subjetividade no processo produtivo e procurar colocá-lo sob sua dinâmica (biopoder), há a produção da biopolítica, ou seja, a subjetividade prescrita transforma-se também em produção de subjetividade.

A nova forma de organizar o trabalho na sociedade pós-fordista abre a possibilidade da conquista de uma autonomia maior, uma vez que os recursos imateriais, disponibilizados no processo produtivo são também ganhos e aquisição dos próprios trabalhadores. Como destaca Negri & Hardt o valor do trabalho, na sociedade pós-moderna, apresenta-se de forma biopolítica, no sentido de que “viver e produzir tornou-se uma só coisa, e o tempo de vida e o da produção se hibridaram sempre mais” (Negri & Hardt 2003.p.263). Significa dizer que a vida está completamente investida de condições e atos artificiais de reprodução, que a própria natureza socializou-se e tornou-se uma máquina produtiva. A forma de organizar o trabalho, na sociedade pós-industrial/ pós-fordista, traz dentro de si o antagonismo que pode fundar as novas lutas sociais. O trabalhador pós-fordista, ao entrar no processo de produção, não se apresenta apenas como possuidor de capacidades predeterminadas impostas pelo empregador, mas como um produto que continua ele mesmo, a se produzir.

2.3 BIOPOLÍTICA SOB O PRISMA DA FORÇA DE TRABALHO

Confluindo com o percurso de nosso estudo acerca do termo biopolítica formulado por Foucault e dos novos sentidos atribuídos a essa modalidade de poder, as

considerações de Paolo Virno (2003) reforçam nossa perspectiva. Segundo ele, o conceito Biopolítica pôs-se em moda nos últimos anos e recorre-se a ele com frequência e para as mais diversas finalidades. Em seus estudos, Virno (2003) opta por compreender o termo “biopolítica”, partindo de um conceito distinto, o entende sob o prisma filosófico de *força de trabalho*. Virno considera que força de trabalho significa *potência* de produzir. Potência, isto é, faculdade, capacidade, *dynamis*. Potência genérica, indeterminada: nela não está prescrita uma ou outra espécie particular de ato de trabalho, mas toda espécie, tanto a fabricação de uma porta como a colheita de pêras, tanto o falatório de um telefonista das Chat - *lines* (em inglês no original, N. do T.) como a correção de texto. (VIRNO, 2003, p. 49).

Virno (2003) define força-trabalho a partir do pensamento marxista, como “a soma de todas as aptidões físicas e intelectuais existentes na corporeidade” (Marx, 1867: I 1 95). Está implícito no conceito de força de trabalho, faculdades como: a competência lingüística, memória, mobilidade. Virno (2003) acredita que apenas no período pós fordista a realidade das forças de trabalho está coerente com o seu conceito. Essa perspectiva de pensamento promove uma ampliação na noção de força de trabalho que anteriormente era vista como um conjunto de qualidades físicas, mecânicas, e que atualmente inclui plenamente, a “vida da mente”.

Nesse contexto a força de trabalho é uma potência que se vangloria da prerrogativa concreta da mercadoria. A potência que é algo não presente, não real; mas no caso da força de trabalho, este algo não presente está sujeito à demanda e oferta. O capitalista adquire todas as faculdades de produzir existentes na corporeidade, logo depois que ele efetua a compra e venda, utiliza a mercadoria segundo seu parecer: Assim o adquirente da força de trabalho a consome fazendo o seu vendedor trabalhar. É assim que este último transforma em *actu* aquilo que antes era *potentia*. A partir disso a força de trabalho encarna uma categoria fundamental do pensamento filosófico: a potência. A potência que é considerada algo que não é presente (ou real), no capitalismo torna-se uma mercadoria de importância excepcional. A potência que anteriormente era compreendida como um conceito abstrato assume semelhança pragmática, empírica, socioeconômica.

Virno (2003) afirma que as características paradoxais da força de trabalho (algo irreal, que, entretanto, é vendida e comprada como qualquer mercadoria) definem as

premissas da biopolítica. As demarcações da biopolítica são percebidas na medida em que a potência (possibilidade) que é colocada à venda é inseparável da pessoa vivente do vendedor. O corpo vivo do trabalhador é o substrato daquela força de trabalho que, em si, não tem existência independente. A vida, o puro e simples bios, adquire uma importância específica enquanto tabernáculo da simples potência.

Ao capitalista interessa a vida do trabalhador, seu corpo, só por um motivo indireto: esse corpo, essa vida, são eles que contêm a faculdade, a potência, a *dynamis*. O corpo vivente faz-se objeto de governar, não por seu valor intrínseco, mas porque é o substrato da única coisa que verdadeiramente importa: a força de trabalho como soma das mais diversas faculdades humanas (potência de falar, de pensar, de recordar, de atuar, etc.). A vida se coloca no centro da política quando o que é colocado em jogo é a imaterial (e, em si, não presente) força de trabalho. Por isso, e só por isso, é lícito falar de “biopolítica” (VIRNO, 2003, p.51).

A origem não mitológica daquele dispositivo de saberes e poderes que Foucault chama de biopolítica encontra-se no modo de ser da força de trabalho. A importância prática assumida pela potência enquanto potência (o fato que ela é vendida e comprada como tal) e sua inseparabilidade da existência corpórea imediata do trabalhador representam o fundamento efetivo da biopolítica.

Virno (2003) defende a idéia de que a biopolítica é só um efeito, um reflexo, ou precisamente uma articulação daquele fato primário que consiste na compra e venda da potência enquanto potência. A biopolítica alcança o primeiro plano, na experiência imediata, no que concerne às dimensões potenciais da existência humana: não a palavra dita, mas a faculdade de falar como tal; não o trabalho cumprido, mas a capacidade genérica de produzir. A dimensão potencial da existência torna-se proeminente precisamente e tão só com a aparência da força de trabalho. Por fim, a “força de trabalho” não designa uma faculdade específica, mas o *conjunto* das faculdades humanas enquanto elas são incorporadas à práxis produtiva. “Força de trabalho” não é um nome próprio, mas um nome comum (VIRNO, 2003 p.52)

3.0 OS NOVOS RUMOS DO PODER

3.1 IMPÉRIO: UM NOVO MODELO DE PODER GLOBAL

Neste capítulo, iremos explicar acerca do novo modelo de poder global denominado Império e contextualizar o atual espaço sóciopolítico em que as forças biopolíticas se concentram e interatuam. A esse novo modelo de poder global, os autores Antônio Negri e Michael Hardt denominaram Império, uma nova estrutura de comando, em tudo pós-moderna, descentralizada e desterritorializada, correspondente a atual fase do capitalismo. Para compreendermos como se deu a transição do modelo imperialista/moderno para esse novo modelo de capital é necessário recorreremos à figura da soberania. Para Negri & Hardt (2006) na modernidade a soberania residiu no Estado Nação, por intermédio principalmente das políticas ditas imperialistas. A soberania moderna geralmente era concebida em termos de território e da relação desse território com seu entorno. No pós-moderno, Negri & Hardt (2003) denomina Império o não lugar sobre o qual se concentra a soberania que garante o desenvolvimento capitalista no cenário global. A soberania imperial é externamente ilimitada, porque envolve o globo todo.

Essa transição no campo da soberania é resultado da crise do modelo de soberania elaborada pela modernidade europeia, segundo Negri & Hardt (2006) a noção de ordem internacional que a modernidade europeia criou baseado principalmente em pactos e tratados, desde a Paz de Westfália⁸ sempre esteve em crise, alguns teóricos sinalizam a crise para o tempo das Guerras napoleônicas, enquanto outros apontam para o Congresso de Viena e para o estabelecimento da Santa Aliança. Porém, de fato podemos inferir que na época da Primeira Guerra Mundial e do nascimento da Liga das Nações uma noção de ordem internacional e de sua crise já estava estabelecida. O surgimento das Nações Unidas que data do final da Segunda

⁸ O termo de Paz de Westfália refere-se aos dois tratados de paz de Osnabrück e Münster, assinados o 15 de maio e 24 de outubro de 1648, respectivamente, este último na Sala da Paz da Prefeitura de Münster, na região histórica de Westfália, pelos quais finalizou a Guerra dos Trinta Anos na Alemanha e a Guerra dos oitenta anos entre Espanha e os Países Baixos. Nestes tratados participaram o imperador do Sacro Império Romano Germânico, Fernando III (Habsburgo), a Reinos de Espanha, França e Suécia, a Províncias Unidas e seus respectivos aliado entre os príncipes do Sacro Império Romano. A Paz de Westfália deu lugar ao primeiro congresso diplomático moderno e iniciou uma nova ordem no centro da Europa baseada no conceito de soberania nacional.

Guerra Mundial representou o auge da constituição da nova ordem internacional e ao mesmo tempo apontou limitações ao conceito de ordem internacional e apontou para além dela, rumo a um novo conceito de ordem global.

Importantes sinais de ruptura e de mudança de paradigmas aparecem no pós-1968⁹, entre os principais acontecimentos podemos citar: o fim da paridade fixada do dólar em 1971, a definição da paz nuclear em 1972 e a primeira crise do petróleo no ano de 1973. Nesse contexto, instituições que funcionavam como instrumentos de sustentação do desenvolvimento capitalista que haviam sido criadas no final da Segunda Guerra Mundial como o Banco Mundial e o FMI (Fundo Monetário Internacional) e que durante a Guerra Fria desempenham o papel de reguladores internos, assumem novas funções geralmente direcionadas ao controle geral do desenvolvimento capitalista e desse modo acabam por arrancar a soberania dos Estados-nação. Outro elemento que caracteriza essa mudança de eixo da soberania é o fim da fase imperialista do desenvolvimento capitalista, um modelo político que fora responsável pela constituição dos grandes Estados-Nação europeus. Por fim, também podemos levar em consideração o fim do Segundo Mundo, ou seja, do mundo do socialismo real ou realizado, como um sintoma dessa mudança de eixo, muitos estudiosos acreditam que a crise do sistema soviético é diretamente relacionada à passagem do fordismo ao pós-fordismo.

Em relação ao plano econômico, de acordo com pensamento de Negri & Hardt (2006) podemos considerar que a ideologia do mercado capitalista sempre apresentou um perfil que converge com o pensamento imperial, o mercado sempre fora uma máquina que se mostrou contrária ao pensamento da soberania moderna

⁹ “1968” foi o ano louco e enigmático do século XX. Ninguém o previu e muito poucos, os que dele participaram, entenderam afinal o que ocorreu. Deu-se uma espécie de furacão humano, uma generalizada e estridente insatisfação juvenil, que varreu o mundo em todas as direções. Tornou-se um ano mítico porque “1968” foi o ponto de partida para uma série de transformações políticas, éticas, sexuais e comportamentais, que afetaram as sociedades da época de uma maneira irreversível. Seria o marco para os movimentos ecologistas, feministas, das organizações não-governamentais (ONGs), dos defensores das minorias e dos direitos humanos. Frustrou muita gente também. A não realização dos seus sonhos, “da imaginação chegando ao poder”, fez com que parte da juventude militante daquela época se refugiasse no consumo das drogas ou escolhesse a estrada da violência, da guerrilha e do terrorismo urbano. “1968” foi também uma reação extremada, juvenil, às pressões de mais de vinte anos de Guerra Fria. Uma rejeição aos processos de manipulação da opinião pública por meio dos mass-mídia que atuavam como “aparelhos ideológicos” inculcando os valores do capitalismo, e, simultaneamente, um repúdio “ao socialismo real”, ao marxismo oficial, ortodoxo, vigente no leste Europeu, e entre os Partidos comunistas europeus ocidentais, vistos como ultrapassados (SCHILLING, Voltaire. 2008).

que se caracteriza pela divisão entre o dentro e o fora. O mercado vê a circulação, a mobilidade e a diversidade como valores que impulsionam seu crescimento. O mercado une as diferenças e acredita que esse movimento tem como consequência o aumento de seus lucros, ou seja, o objetivo principal dos mercados capitalistas, que por sua vez só pode ser gerado pelo contato, pelo compromisso, pelo intercâmbio e claro pelo comércio.

Com o declínio das fronteiras nacionais, reflexo da crise da soberania moderna, o mercado mundial é libertado das divisões binárias e nesse novo espaço põe em prática sua ideologia que privilegia as inúmeras diferenças. As práticas de marketing e de consumo são os primeiros reflexos do desempenho do mercado nesse novo contexto pós-moderno. O marketing uma técnica baseada em diferenças, traduz de forma plena nosso pensamento, uma vez que para ele quanto mais diferenças houver mais suas estratégias encontrarão campo para se desenvolver. O marketing pós-moderno reconhece a diferença de cada mercadoria e de cada segmento da população, e a partir disso elabora estratégias apropriadas. Em sua forma ideal, assim como para a soberania imperial não há exterior para o mercado mundial: **o globo inteiro é seu domínio.**

3.2 GENEALOGIA DO CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

Podemos também compreender a dimensão dessa nova ordem global, o Império, a partir da genealogia do conceito. Segundo Negri & Hardt (2006) o conceito de império advém de uma tradição basicamente européia que remonta a Roma Antiga, momento histórico em que se deu a configuração jurídico-política do Império, um modelo político associado às origens cristãs das civilizações européias. A concepção de Império uniu categorias jurídicas e valores éticos universais, fazendo-os funcionarem juntos como um todo orgânico, a tradição romana de direito imperial apresenta algo peculiar, uma vez que leva ao extremo a coincidência e a universalidade do ético e do jurídico: no Império há paz, no Império há garantia de justiça para todos.

O conceito de Império é apresentado como um concerto global, sob o comando de um único mestre, um poder unitário que mantém a paz social e produz suas

verdades éticas. E, para atingir seus objetivos, é dado ao poder único a força necessária para conduzir quando for preciso, “guerras justas” nas fronteiras contra os bárbaros e no plano interno contra os rebeldes. O conceito jurídico elaborado pelo Império converge em duas tendências: uma tem a noção de direito afirmado na construção de uma nova ordem mundial que envolve todo o espaço que ela considera civilização, um espaço ilimitado e universal; a segunda é a noção de direito que abrange todo o tempo dentro de seu fundamento moral. O império exaure o tempo histórico, suspende a História, e convoca o passado e o futuro para dentro de sua própria ética. Em outras palavras o Império apresenta sua ordem como algo permanente, eterno e necessário (Negri & Hardt, 2006, p. 29). O império nesse contexto é visto como superação da alternância das três formas clássicas de governo - a monarquia, a aristocracia e democracia - combinadas em um único ordenamento soberano.

Atualizando o termo Império a partir das considerações de Negri & Hardt (2003) podemos afirmar que o Império de nosso tempo é, de fato, monárquico, sobretudo em tempos de conflito militar, além disso, temos a atuação de instituições supranacionais como a OMC (Organização Mundial do Comércio), o Banco Mundial e o FMI que exercem um governo monárquico dos negócios globais. O Império atual apresenta um caráter aristocrático, ou seja, é governado por um grupo limitado, elitizado de intérpretes. Nessa lógica o poder dos Estados - Nação é central, uma vez que os poucos Estados Nação dominantes conseguem gerenciar os fluxos econômicos e culturais globais mediante uma espécie de governo aristocrático, como exemplo temos os encontros das nações do g-8¹⁰ e do conselho de segurança da ONU (Organização das Nações Unidas). Por fim, o atual modelo imperial é democrático, no sentido de que ele pretende representar o povo global.

Também podemos conceituar Império a partir de seu imperativo triplo, idéia concebida por Negri & Hardt (2003) que descreve o aparelho geral de comando do Império em três momentos distintos: um inclusivo, outro diferencial e um terceiro gerencial. O momento primordial é a face liberal do Império, nesse período todos são aceitos dentro de suas fronteiras, independente da raça, cor, gênero, orientação sexual e de outros critérios. O Império pratica uma política de inclusão, é cego para

¹⁰ É um grupo internacional que reúne os sete países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo, mais a Rússia.

as diferenças e absolutamente indiferente em sua aceitação. Põe de lado as diferenças, ou seja, exige que sejam encaradas como não essenciais, ou relativas, imagina uma situação em que elas existam, mas as ignora, essa atitude contribui para a formação de um consenso sobreposto em todo o espaço imperial. Com isso o Império tira o potencial das diversas subjetividades constituintes. A lei de indiferença neutra inclusiva é um fundamento universal por se aplicar igualmente a todos os indivíduos que existem e podem existir debaixo da autoridade imperial. No primeiro momento, o Império não reforça suas fronteiras para afastar os outros; de preferência puxa-os para dentro de sua ordem pacífica, como um poderoso vórtice. O Império é uma espécie de espaço liso pelo qual deslizam as subjetividades sem resistência ou conflitos substanciais (Negri & Hardt, 2003 pág. 218).

O segundo momento denominado por Negri como momento diferencial está diretamente relacionado à afirmação das diferenças aceitas dentro do domínio imperial. Partindo de uma perspectiva cultural, as diferenças passam a ser festejadas, essas diferenças que anteriormente estavam veiculadas ao biológico e ao essencial, nesse momento elas são consideradas culturais e contingentes, acreditam que elas não afetam o consenso sobreposto que caracteriza o mecanismo inclusivo do Império. São diferenças não conflituosas, de modo que quando não forem mais necessárias pode-se deixá-las de lado. Já o terceiro momento caracteriza-se pela administração e hierarquização dessas diferenças numa economia geral de comando.

A sociedade imperial, diferentemente da colonial, prospera nos circuitos de movimento e mistura; seu funcionamento acontece por meio de modulações, “como uma fundição auto - deformante que muda continuamente, de um momento para outro, ou como uma peneira cujo padrão muda de um ponto para outro” (Negri & Hardt, 2003, p.219). O Império está diante de múltiplas variáveis complexas que mudam continuamente e admitem uma variedade de soluções sempre incompletas, mas ainda assim efetivas. A administração imperial apresenta um caráter pragmático. O Império possui a contingência, a mobilidade e a flexibilidade como formas de poder, e apresenta como estratégia de dominação a busca da afirmação e do ordenamento das diferenças dentro de um efetivo aparelho de comando.

3.3 MODIFICAÇÕES PROVENIENTES DO IMPÉRIO

Segundo Negri & Hardt (2003) essa nova fase do capitalismo global provoca modificações e trás consigo novidades que afetam diretamente à vida dos sujeitos sociais. Para compreendermos essas mudanças iremos fazer um histórico acerca das formas como se apresentavam esses sujeitos a partir das formas de organização de trabalho e de sociedade. Para tanto levaremos em consideração os seguintes aspectos: os processos laborais; as normas de consumo, a regulação econômica e política e a composição política de classe. Começaremos pelo período denominado por Negri & Hardt (2003) como a Primeira Fase da Grande Indústria - de 1870 à Primeira Guerra Mundial, da Comuna de Paris à Revolução Russa de 1917 - uma fase em que a figura do operário é vista como parte da maquinaria e a força – trabalho está diretamente anexada ao ciclo produtivo, é a fase do operário profissional.

Nesse período as normas de consumo estão amplamente baseadas na lógica de produção de massa, é a fase dos subsalários e da superprodução em que o Estado-nação visa um máximo de exploração da força-trabalho e demonstra uma incapacidade de criar um equilíbrio interno ao desenvolvimento, fato que proporciona a busca por mercados externos de desembocaduras imperialistas e coloniais. Nesse momento histórico, os Estados praticam uma política econômica integrada ao capital financeiro e reconhecem no desenvolvimento dos monopólios e na consolidação imperialista sua base e seu cenário político. Já no que tange a composição política de classe, temos a formação do operaísmo, um modelo de movimento baseado em uma organização dual - de massa e de vanguarda, sindical e partidária-, com propósitos que visam à gestão operária da produção industrial e da organização social, objetivos provenientes do projeto de emancipação socialista das massas.

Na Segunda Fase da grande indústria - fim da Primeira Guerra Mundial até 1968 -, Negri & Hardt (2003) afirma que a nova composição técnica do proletariado torna-se uma força-trabalho abstrata; que pode ser entendida como uma força que é abstraída de qualquer qualidade concreta e anexada, como tal, ao processo industrial, nas formas do taylorismo, um modelo de trabalho que permitia inserir grandes massas de trabalhadores sem qualificação em processos de trabalho de

caráter altamente alienantes e complexos. Esta é a fase do operário-massa, um sujeito que perde completamente a visão do ciclo produtivo. Nessa segunda fase, as normas de consumo sofrem grande influência do fordismo, uma prática capitalista que vê o salário como antecipação adequada à aquisição e ao consumo de bens produzidos pela indústria de massa, como conseqüência temos a alienação consumista desse modelo de regulação. Além disso, as normas de consumo nesse período geram impactos sobre o ciclo global exigindo desse modo uma regulação interna e eficaz.

Nessa fase há a afirmação do modelo de regulação denominado keynesiano¹¹, que se caracteriza por procurar fixar e manter, de forma contínua, um equilíbrio entre capacidades produtivas e demanda efetiva por parte dos trabalhadores. Como conseqüência das políticas keynesianas constitui-se um modelo de Estado intervencionista que caracteriza-se por promover políticas que visem à sustentação da atividade produtiva por meio da manutenção do emprego pleno e da assistência social, trazendo desse modo benefícios à classe operária. Nesse período há uma expansão, um prolongamento das organizações operárias socialistas; nos Estados Unidos e nos países capitalistas avançados surgem novas formas de organização. O discurso dessas novas formas de organização tem como pauta a recusa ao trabalho, à igualdade sindical, a recusa a qualquer figura de delegação e a reapropriação do poder, em forma de massa e de base.

Por fim, temos o período atual que Negri & Hardt (2003) considera cronologicamente a partir dos anos 70. A primeira novidade dessa nova fase do capitalismo global

¹¹ Keynesianismo é a teoria econômica consolidada pelo economista inglês John Maynard Keynes em seu livro *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda* (*General theory of employment, interest and money*) e que consiste numa organização político-econômica, oposta às concepções neoliberalistas, fundamentada na afirmação do Estado como agente indispensável de controle da economia, com objetivo de conduzir a um sistema de pleno emprego. Tais teorias tiveram uma enorme influência na renovação das teorias clássicas e na reformulação da política de livre mercado. A teoria atribuiu ao Estado o direito e o dever de conceder benefícios sociais que garantam à população um padrão mínimo de vida como a criação do salário-mínimo, do salário-desemprego, da redução da jornada de trabalho (que então superava 12 horas diárias) e assistência médica gratuita. O Keynesianismo ficou conhecido também como "Estado de Bem-Estar Social" tendo sido originalmente adotado pelas políticas econômicas inauguradas por Roosevelt com o New Deal, que respaldaram, no início da década de 1930, a intervenção do Estado na Economia com o objetivo de tentar reverter uma depressão e uma crise social que ficou conhecida como a crise de 1929

concerne às modificações nos processos laborais que nessa nova lógica constituem-se como processos de automação das fábricas e de informatização do social, o social é inteiramente inserido no trabalho. O trabalho de caráter material perde sua centralidade no processo de produção e emerge uma nova figura, **o operário social**, que se apresenta com intérprete das funções de cooperação laboral veiculadas pelas redes produtivas sociais. Esses novos personagens de força-trabalho promovem uma cooperação em nível social e tornam-se centrais e hegemônicos no processo produtivo.

Já em relação às normas de consumo, na atual conjuntura, as forças sociais são reconduzidas a escolhas de mercado e desse modo tem condições de expressar-se em formas de individualismo extremamente difundidas, fato que persegue a difusão e a singularização sociais do desenvolvimento produtivo. Nessa fase, os modelos de regulação se distendem ao redor de linhas multinacionais, inicialmente por meio de dimensões monetárias, partindo para lógica do mercado financeiro possibilitando conseqüentemente a concretização da função político-imperial. Na fase imperial a composição do proletariado apresenta-se de forma social, constitui-se de forma imaterial do ponto de vista da substância do trabalho, possui mobilidade, é multiforme e flexível.

3. 3.1 O TRABALHO NA LÓGICA IMPERIAL

Prosseguindo nosso estudo acerca do Império, iremos explanar sobre mudanças ocorridas no campo do trabalho e da força produtiva. Alguns aspectos foram explicitados nos escritos acima, porém, nesse momento iremos recorrer às considerações de Negri & Hardt (2003) acerca da ontologia do trabalho imaterial, ou melhor, de uma ontologia do ser imaterial que vê dentro de si a hegemonia do trabalho imaterial. Por trabalho imaterial, entende-se o conjunto das atividades intelectuais, comunicativas, afetivas expressas pelos sujeitos e pelos movimentos sociais, logo eles conduzem a produção.

O fundamento desse conceito faz alusão ao pensamento de Marx, que em seus estudos desenvolveu uma hipótese sobre o desenvolvimento da forma de trabalho no futuro do sistema capitalista. Marx previa que o trabalho tornar-se-ia cada vez

mais imaterial, ou seja, dependeria fundamentalmente das energias intelectuais e científicas que o constituem. Seria um trabalho que ao ser tornar imaterial acabaria por destruir as condições reais na qual o modelo de acumulação anteriormente se desenvolvia. Além disso, Marx considerava que esse tipo de trabalho tornaria irrelevante a mensuração do trabalho como norma para fixar uma ordem do trabalho no mundo. Para ele, o tempo de trabalho tornar-se-ia não essencial, quando fosse levado em consideração o conjunto da produção da sociedade capitalista. Partindo dessa perspectiva, podemos inferir que no contexto atual para se produzir uma maior quantidade mercadoria, não é necessário o aumento da massa de trabalho ou um aumento nas horas de trabalho simples, como antigamente, hoje podemos observar que o aumento da produção tem fundamento na expressão de atividades intelectuais, da força produtiva da descoberta científica e, sobretudo da aplicação da ciência e da tecnologia à elaboração da atividade de transformação da matéria. (Negri & Hardt 2003, pág.92).

Que significa trabalho intelectual? Significa trabalho inteligente, certamente. Significa trabalho móvel no espaço, significa trabalho flexível no tempo. Mas significa, sobretudo outra coisa. Significa trabalho que se torna sempre mais autônomo. Trabalho que se torna autônomo porque é trabalho que se reapropria, por assim dizer do instrumento de trabalho. Na história do capitalismo o instrumento do trabalho é alguma coisa que é oferecida pelo padrão capitalista ao trabalhador, e este instrumento representa, apresenta uma dialética específica; uma dialética de reapropriação. Esta dialética vem se concluindo com o trabalho intelectual. O trabalho intelectual é o trabalho o cérebro. É o trabalho em que o instrumento que não se gasta, mas se reproduz cognitivamente. É um instrumento que é um instrumento reapropriado. Por isso é o trabalho vivo com trabalho que se torna sempre autônomo. (Lazzarato e Negri, 2001)

Como consequência dessa lógica de pensamento, temos uma modificação radical da função do tempo produtivo, no atual contexto, o tempo dos processos de formação torna-se mais importante do que o tempo de aplicação imediata à produção, além disso, o tempo das relações externas que alimentam o conhecimento torna-se mais importante do que a acumulação de pequenas quantidades temporais de trabalho que por sua vez não constituem a condição de decolagem da realização capitalista do valor. Diferentemente dos sistemas anteriores em que o tempo de trabalho e a mensuração desse tempo eram elementos centrais, quantificadores, da produção, a partir desse momento é o indivíduo social e coletivo que determinará o valor da produção. Em contexto, cujo

trabalho é organizado em formas comunicativas e lingüísticas, e o saber é algo cooperativo, a produção acaba por depender sempre mais da unidade de conexões e de relações que constituem o trabalho intelectual e lingüístico, ou por assim dizer, dependerá desse indivíduo coletivo.

A dimensão imaterial do trabalho no pós fordismo quer dar conta exatamente de seu caráter relacional, comunicativo, cooperativo. Ela não se opõe ao material, pois o trabalho imaterial é a condição da produção de bens e serviços. Mas ela dá conta da qualidade nova de um trabalho vivo que, para se concretizar, não precisa mais de sua subsunção dentro do sistema de máquinas, no trabalho não-materializado, mas vivo que existe como processo e ato (Cocco, 199, p.274 apud Lazzarato e Negri, 2001).

A sociedade atual encontra-se em uma forma de existência e em um mundo produtivo que se caracteriza pela hegemonia do trabalho intelectual. Estamos situados na idade do capitalismo cognitivo que pode ser considerada uma terceira transição capitalista.

A noção de cognitariado é o ponto de chegada de uma reflexão que perpassa todo o processo de transformação produtiva, tecnológica e social da modernidade tardia. Na origem desta reflexão está, evidentemente, uma noção marxista, a do general intellect. [...] General Intellect quer dizer apenas que aquilo que pretende dizer: a forma geral da inteligência humana enquanto se torna produtiva, na esfera do trabalho social global e da valorização capitalista. Os poderes da ciência e da tecnologia postas em ação pela cooperação social e finalizadas na intensificação da produtividade e, portanto, do aumento da mais valia (Lazzarato e Negri, 2001)

A originalidade dessa nova modalidade do capitalismo está no fato dela captar, em uma atividade social generalizada; os elementos inovadores que produzem valor. Segundo Negri & Hardt (2003) nessa nova lógica capitalista, imperial, “não existe mais um fora, nem tão pouco um marginal”, o desenvolvimento capitalista e a criação capitalista do valor se baseiam, cada vez mais, no conceito de captação social do próprio valor. A captação dessa novidade, da expressão de atividade criadora, é resultado direto da socialização crescente da produção. Como consequência desse fato, a exploração volta a ser extração de mais-valia absoluta, uma vez que para produzir, o capital utiliza somente o comando.

A partir dessas considerações, podemos chamar de parasitária a função exercida pelo capital nessa nova lógica de trabalho. Visto que o capital só se torna produtivo

na medida em que capta valores pré-constituídos do trabalho social. O capital é parasitário, sobretudo por extrair valor da interrupção dos movimentos de conhecimento, de cooperação e de linguagem. Para viver e reproduzir-se, o capitalismo é obrigado a chantagear a sociedade e a bloquear os processos sociais de produção toda vez que apresentem excedente no que concerne a seu comando (Negri & Hardt, 2003, p.96).

3.4 PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO IMPÉRIO

Para compreendermos a lógica de produção de subjetividade no Império buscaremos as definições foucaultianas de subjetividade e de produção de subjetividade. Foucault propõe uma análise acerca da constituição do sujeito tendo como plano um trama histórica, ele considera o sujeito como um produto de uma série de elementos heterogêneos, de determinações estranhas ao sujeito. O sujeito passa a ser analisado em relação às modalidades de conhecimento específicas de cada época. O sujeito é considerado produto diferente das diversas tecnologias presentes em cada época, tecnologia do âmbito do conhecimento e do poder. Com isso cada sujeito é o resultado de um processo de subjetivação.

Segundo Negri & Hardt (2003), Foucault define três formas de subjetivação. A primeira é resultado dos diversos modos de conhecimento, isto é, pelos diferentes modos com os quais o conhecimento alcança o estatuto de ciência, o sujeito pode ser constituído através da linguagem que ele fala, de sua gramática, de suas formas de linguagem. A segunda forma é aquela baseada em classificações, são práticas que divide o sujeito dentro de si, ou em relação a outros sujeitos, para classificá-lo e fazer dele um objeto, como a divisão entre o louco e o mentalmente sadio, entre o homem de bem e o criminal. Já a terceira forma é típica do poder, que assume as tramas da divisão científica e de classificação para predeterminá-las através das técnicas da disciplina e do controle. Essa três formas de subjetivação foram características do período moderno, a teoria social moderna fundamentou a produção de subjetividade no funcionamento das grandes instituições sociais disciplinares e/ou dispositivos disciplinares como a prisão, a escola, a fábrica e a família.

Na transição para a sociedade imperial, as subjetividades ainda são produzidas na fábrica social, as instituições sociais produzem subjetividades de forma cada vez mais intensa. Nesse caso toda subjetividade passa a ser reconhecida como artificial. Apesar dos inúmeros teóricos afirmarem que as instituições sociais entraram em crise, podemos inferir que elas ainda desempenham um papel importante na construção das subjetividades, na verdade o que ocorreu foi uma mudança em relação ao lugar onde se dá a produção das subjetividades. Para Negri & Hardt (2003) isso significa que atualmente os cercados que costumavam definir o espaço limitado das instituições foram derrubados, de modo que a lógica que funcionava dentro das instituições proliferou-se por todo o campo social. Tornou-se impossível distinguir interior e exterior. Essa indefinição do lugar da produção de subjetividades corresponde à indeterminação dos modelos de subjetividades produzidas. As instituições sociais imperiais podem ser vistas, assim, num processo fluido de geração e corrupção da subjetividade (Negri & Hardt, 2003 p. 217).

Pelbart (2003) recorre ao pensamento Deleuziano ao afirmar que os mecanismos de produção de subjetividade ganharam novos contornos diante do contexto da sociedade de controle - modelo de sociedade que coincide com a noção de Império de Negri - apresentando um caráter mais difuso, flexível, móvel e ondulante, incidindo diretamente sobre os corpos e as mentes. Nesse momento, o controle e a produção das subjetividades estão sob o domínio dos sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento, que por sua vez acaba sendo interiorizado e reativado pelos próprios sujeitos criando assim um estado de alienação autônoma. Podemos dizer que o capital imperial não só penetra as esferas infinitesimais da existência por meio de seus mecanismos de poder, mas também mobiliza os sujeitos, os põe para trabalhar, explora e produz uma plasticidade subjetiva sem precedentes, que ao mesmo tempo lhe escapa por todos os lados (Pelbart, 2003 pág.20). Para Guattari (1986) que denomina o capitalismo contemporâneo como Capitalismo Mundial Integrado (CMI), a montagem das subjetividades “capitalísticas” se dá por meio de manipulações psicológicas em grande escala, por intermédio dos meios de comunicação de massa e das pesquisas de opinião.

[...] as máquinas “capitalísticas” da era do controle, forjam indivíduos-metástases, massas amorfas a serem constantemente divididas e modeladas. Seu controle se dá de forma rápida, imperceptível, constante e ilimitada, tendo a mídia como instrumento auxiliar principal (NEVES, Cláudia. 1997 p.89).

Contraopondo a perspectiva de produção de subjetividades advindas da lógica imperial e da sociedade de controle, vemos emergir um sujeito capaz de responder ao poder imperial, na forma de resistência. Um sujeito que corresponde à lógica de resistência formulada por Foucault, que compreende que o sujeito só pode representar uma resistência quando possui a capacidade de construir-se como sujeito. No contexto da contemporaneidade podemos pensar nesse sujeito biopolítico tendo como parâmetro a figura da Multidão, termo advindo do pensamento dos autores Antônio Negri e Michael Hardt. Para eles a multidão corresponde a um novo corpo biopolítico que tem em sua composição um misto de inteligência, conhecimento, afeto, desejo. Segundo Negri & Hardt (2003) a multidão por intermédio de seu trabalho é capaz de produzir e reproduzir de forma autônoma todo o mundo da vida e através disso construir uma nova realidade ontológica.

Segundo Negri & Hardt (2003), por meio do trabalho, a multidão produz a si mesma como singularidade. Uma singularidade que estabelece um novo lugar no não-lugar do Império, uma singularidade real produzida por cooperação, representada pela comunidade lingüística e desenvolvida pelos movimentos de hibridização (Negri & Hardt, 2003, p.419). Ao analisarmos a atuação da Multidão diante do poder Imperial vemos a afirmação do pensamento foucaultiano acerca do conceito de resistência, uma vez que nesse contexto a moral passa-se à ética, e essa multidão de singularidades mostra-se como força subjetiva.

4.0 NOVOS SUJEITOS POLITICOS

4.1 MULTIDÃO - GENEALOGIA DO TERMO

O conceito de multidão nasce na obra de Espinosa que entende esse termo como sendo uma pluralidade que persiste como tal na cena pública, na ação coletiva, na atenção dos assuntos comuns, sem convergir no Uno, sem evaporar-se em um movimento centrípeto. A multidão é a forma de existência política e social dos muitos enquanto muitos: forma permanente, não episódica nem intersticial. Para Espinosa, a *multitudo* (multidão) é a arquitrave das liberdades civis (Espinosa, 1677). Segundo Negri & Hardt (2003) no pensamento político anterior a Espinosa, o conceito de multidão aparecia a partir de caracterizações negativas. O conceito de multidão definia a falta de ordem de uma multiplicidade de sujeitos; a multidão se apresentava como uma matéria a ser formada.

Partindo do pensamento de Aristóteles, a multidão era considerada como algo que não possuía um princípio formal, nem princípio eficiente, nem princípio final, era simplesmente um ente múltiplo, material, em relação ao qual se devia agir, formando-o do lado de fora. Em Espinosa, o conceito de multidão assume sentido próprio, na medida em que falta uma idéia de causalidade externa, o pensador nega a possibilidade de qualquer causa externa à realidade. Para ele não há um Deus que estabeleça princípios causais; não há nenhuma criação por parte de uma potência externa, ele considera a matéria divina e a criação como um processo interno à matéria. A partir desse pensamento, Espinosa considera que a multidão é um conceito que expressa por si, tudo aquilo que antes não tinha: a causa torna-se um ato, um processo, e a democracia é a forma pela qual a multidão expressa vontade comum, uma vontade comum que não possui um fora, é totalmente autônoma e que Negri & Hardt (2003) denomina como sendo uma “vontade absoluta”.

Segundo Negri & Hardt (2003), o pensamento de Espinosa, de acordo com o período histórico em que fora formulado -segunda metade do Século XVII- era considerado um conceito de caráter subversor. Um conceito subversor ligado em alguns aspectos às teorias do Estado e da democracia, similar as que haviam sido

desenvolvidas pelas seitas protestantes mais radicais. Seitas que veiculavam o sentido da divindade a uma nova afirmação do sujeito e colocavam a multidão como um conjunto de subjetividades voltadas para Deus, enfim, uma multidão de singularidades que busca e produz valores transcendentais (Negri & Hardt, 2003 p.140). Além disso, há em Espinosa e nessa definição de multidão do pensamento sectário protestante a tradição do pensamento republicano que se reproduz amplamente no Século XVII. A idéia de Multidão e a de democracia absoluta conflui em um único projeto no pensamento republicano.

Em seus escritos o autor Paolo Virno (2003) faz uma abordagem pertinente acerca da genealogia que abarca a construção do termo multidão. Virno (2003) considera que o conceito de Multidão é composto por dois momentos, a primeira concepção do termo multidão é seiscentista, foi desenvolvida por Espinosa durante o Século XVI. Segundo Virno (2003), essa primeira concepção de multidão nasceu no alvorecer da modernidade, esses “muitos” correspondem historicamente aos cidadãos das repúblicas comunais, que antecederam o surgimento do grande Estado nacional. Aqueles “muitos” asseguravam o “direito à resistência”, a *jus resistentiae*. Dito direito, não significa banalmente legítima defesa, mas algo mais sutil e complexo. O “direito à defesa” consiste em fazer valer a prerrogativa de um indivíduo, ou de uma comunidade local, ou de uma corporação, contra o poder central, salvaguardando formas de vida já instaladas (Virno, 2003. P.20).

A segunda concepção de Multidão definida por Virno (2003) é a pós-fordista, tem como pressuposto um Uno, não menos, senão que mais universal que o Estado: o intelecto público, a linguagem, os “lugares comuns”. Além disso, a multidão contemporânea leva em si a história do capitalismo, acha-se ligada duplamente às vicissitudes da classe trabalhadora. Segundo Virno (2003), a multidão pós-fordista, assim com a do século XVI não tem como objetivo principal “alcançar o poder”, e a partir disso construir um novo Estado, um novo monopólio da decisão política; ambas as concepções de multidão tem como palavra de ordem a defesa de experiências plurais, de formas de democracia não-representativa, de usos e costumes de caráter não-estatais (Virno, 2003. P.20). Virno acredita que a noção de multidão é extraordinariamente fértil para compreender e recensear o modo de ser

do trabalho dependente pós-fordista, cujos comportamentos resultam tão enigmáticos à primeira vista.

O conceito de multidão desenvolvido por Espinosa foi alvo de inúmeras críticas. Entre os grandes críticos desse conceito temos o pensador e teórico político inglês Thomas Hobbes, que em seus escritos expressava o antagonismo político existente entre a multidão e o povo. Segundo Virno (2003) Hobbes defende a idéia de que a multidão afasta-se da unidade política, opõe-se à obediência, não aceita pactos duradouros, não alcança jamais o status de pessoa jurídica, pois nunca transfere seus direitos naturais ao soberano.

Hobbes considera que a multidão está impossibilitada de efetuar esta “transferência”, devido seu modo de ser (plural) e de atuar. Hobbes vê a multidão como uma figura anti-estatal, e, por isso, anti-popular: E afirma que quando os cidadãos colocam-se contra o Estado, é a multidão contra o povo. Nessa afirmação a contraposição entre os dois conceitos é levada ao extremo: se for povo, nada de multidão; se for multidão, nada de povo. Para Hobbes e os apologistas da soberania estatal do Século XVI, a multidão é um conceito limite, puramente negativo: coincide com os riscos que ameaçam a figura do Estado, representa um obstáculo que pode chegar a atolar a “grande máquina”. Eles consideram a multidão como aquilo que não aceitou fazer-se povo, enquanto que contradiz virtualmente ao monopólio estatal da decisão política, isto é, uma reaparição do “estado de natureza” na sociedade civil.

4. 2 – POVO, MASSA E MULTIDÃO.

Para entendemos o conceito de multidão em sua forma mais geral e abstrata, vamos contrastá-la com o conceito de povo e de massa. Inicialmente iremos discutir a noção de povo. Segundo Negri & Hardt (2003) os indivíduos tornaram-se povo no momento em que alienaram o poder. Essa alienação se deu por meio de um contrato social composto por dois elementos, o primeiro elemento consiste em uma translação, ou melhor, uma alienação do poder dos indivíduos para um poder transcendente, soberano. Já o segundo elemento, concerne à definição dos poderes

que serão desempenhados pela autoridade central soberana que por sua vez garantirá a paz e a segurança dos indivíduos e o direito à propriedade. A partir dessa perspectiva, o povo pode ser entendido como o conjunto dos cidadãos proprietários que abdicaram de sua liberdade tendo como compensação a garantia da propriedade.

A liberdade, após ter sido um direito natural absoluto, torna-se agora um direito público (subjeto); e, portanto é o Estado que garante o grau e a medida de liberdade dos indivíduos útil ao fundamento da máquina estatal e à reprodução das relações de propriedade (Negri & Hardt, 2003, p. 143).

Segundo Virno (2003) o conceito de povo, a partir do pensamento de Hobbes, está estreitamente associado à existência do Estado; não é um reflexo, uma reverberação: se for Estado, é povo. Se faltar o Estado, não pode haver povo. Em *De Cive*, onde expôs longamente seu horror pela multidão, lê-se: “O povo é um *Uno*, porque tem uma *única* vontade e, a quem se lhe pode atribuir uma vontade *única*” (Hobbes, 1642: XI I, 8; e também VI, 1, Nota apud Virno 2003).

A partir dos escritos de Hobbes que defini o povo como Uno, podemos recorrer ao pensamento do teórico italiano Paolo Virno que em seus estudos faz referência ao termo Uno veiculando-o a figura da multidão, dando um novo sentido a esse termo dentro da lógica da *Multitude*. Segundo Virno (2003) a multidão não se desvencilha do Uno, quer dizer, do universal, o comum/ conjunto, senão que o re-determina. O Uno da multidão não tem nada em comum com o Uno constituído pelo Estado, com o Uno para onde converge o povo.

Para Virno (2003) o povo é o resultado de um movimento centrípeto: dos indivíduos atomizados à unidade do “corpo político”, à soberania. O Uno é o maior resultado desse movimento centrípeto. A multidão, ao contrário, é o resultado de um movimento centrífugo: do Uno ao Muitos. A unidade que a multidão tem às suas costas está constituída por “lugares comuns” da mente, das faculdades lingüístico-cognitivas comuns à espécie, do *general intellect*. Trata-se de uma unidade/universalidade visivelmente heterogênea se comparado à unidade estatal

O Uno da multidão não é, por isso, o Uno do povo. A multidão não converge numa *vontade geral*, por um motivo simples: porque já dispõe de um *general intellect*. O intelecto público que no pós-fordismo aparece como

mero recurso produtivo pode constituir um diferente “princípio constituinte”, pode buscar uma esfera pública não-estatal. Os muitos enquanto muitos têm como base o pedestal da publicidade do intelecto: para o bem e para o mal (VIRNO, 2003. p.20).

Além dessas diferenças existentes entre multidão e povo, temos as considerações de Negri & Hardt acerca desses conceitos. Para os autores, a multidão diferente do povo, desconfia da representação, por que ela é uma multiplicidade incomensurável. Enquanto o povo é sempre representado como uma unidade, a multidão não é representável, pelo simples fato dela ser monstruosa vis-à-vis com os racionalismos tecnológicos e transcendentais da modernidade. A multidão é a carne viva.

Outro autor que disserta sobre a diferença entre os conceitos de povo e multidão é o filósofo Jean-Jacques Rousseau, segundo ele o povo só é soberano quando é unificado. Rousseau entende que o povo é construído pela manutenção ou criação de hábitos, costumes e visões unitárias, de tal maneira que a população fale com uma só voz e haja com uma só vontade. A diferença representa um inimigo do povo, porém, uma população nunca será capaz de eliminar realmente a diferença e falar com uma única voz. A unidade do povo só pode ser criada através de uma operação de representação que o separa da multidão. Desse modo, embora o povo todo se reúna em pessoa para exercer a soberania, a multidão não está presente, ela é meramente representada pelo povo. Em Rousseau, o governo de todos é paradoxalmente, mas ainda assim necessariamente reduzido ao governo de um só através do mecanismo de representação (Negri & Hardt 2005 pág. 307).

Após diferenciarmos o conceito de povo e multidão; e conseqüentemente constatarmos a impossibilidade de formalizar o conceito de *multitude* dentro da lógica da noção de povo; iremos recorrer ao pensamento do teórico Gustave Le Bon que desenvolveu o conceito de multidão atrelado à idéia de massa e as considerações de Negri acerca dessa definição. Segundo Le Bon (1963), a multidão como massa pode ser compreendida como a fusão dos indivíduos em um espírito e em um sentimento comum, uma fusão produzida de um modo irracional e que demanda, para tanto, a direção de um líder. Fato esse, que oculta toda a dimensão política do movimento das multidões para fazer sobressair unicamente sua dimensão “patológica” que era associada ao fato de as massas terem como

objetivo subverter a ordem estabelecida. Para Le Bon, as multidões não evocariam o apelo de uma classe explorada e, ao mesmo tempo, essencial às engrenagens da máquina capitalista; elas se caracterizavam como sendo uma massa nebulosa, imprevisível e, portanto, ameaçadora.

No final do século XIX, e com a efervescência das multidões e a questão do pauperismo desencadeado pela ordem econômica liberal – emergiram duas interpretações diametralmente opostas em relação ao conceito de multidão: em uma delas, as multidões traduziriam uma revolta de classe que levaria a uma nova ordem social; na outra, as multidões representariam uma massa irracional que, com o seu enorme potencial explosivo, estaria prestes a estilhaçar todos os vínculos que tornavam possível a coesão social. Marx, por um lado, e Le Bon, por outro, podem ser considerados as figuras emblemáticas de cada uma dessas posições antagônicas a propósito das multidões. Compartilhando da idéia de Le Bon, Negri & Hardt (2003) também acredita que a multidão quando compreendida como massa pode ser descrita como um conjunto massificado, confuso, indistinto, todavia capaz de uma força de choque e de resistência.

Além dessas considerações, Negri & Hardt (2003) que apresenta uma leitura contemporânea do termo multidão, acredita que a idéia da compreensão de multidão como massa é consequência direta do desenvolvimento capitalista e da afirmação de uma sociedade complexa e fortemente articulada em classes. Para ele, esse conceito de massa apresenta elementos característicos ao conceito de multidão pós-moderno. Segundo Negri & Hardt (2003) a noção de multidão está subordinada ao desenvolvimento capitalista, nas formas produtivas da grande indústria; porém, esse conceito de massa também está conjugado com o desenvolvimento da organização da força de trabalho, que se realiza no mesmo período. É nesse momento em que o conceito de multidão é confrontado com as novas formas da organização do trabalho e da sociedade e desse modo passa a ser analisado através de sua composição técnica e política, possibilitando consequentemente a reconstrução do conceito de Multidão. A partir disso, a multidão já não é vista apenas em termos políticos, agora é também compreendida como um indicador material, ontológico, de uma nova fase do desenvolvimento capitalista, da sociedade e da subjetividade (Negri & Hardt, 2003, pág.145).

Na fase pós-moderna, o conceito de multidão se liga à existência de singularidades definidas por sua capacidade de expressar trabalho imaterial e pela potência de reapropriar-se da produção através do trabalho imaterial. Podemos dizer que a força-trabalho pós - moderna ocorre na forma da multidão (Negri & Hardt, 2003, p. 145).

Para os autores Negri e Hardt (2003) o conceito de multidão não se reduz à idéia de uma unidade em agrupamento, como se pode depreender das idéias apresentadas por Le Bon (1963); a multidão deve ser tomada como uma multiplicidade em dispersão, constituindo uma espécie de “vírus” que prolifera por toda parte. Negri & Hardt (2005) afirma que a multidão é composta por um conjunto de singularidades, singularidade que nesse ponto é compreendida como sendo um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, uma diferença que se mantém diferente. Diferentemente da lógica das massas, cujos componentes não são singularidades uma vez que suas diferenças se esvaziam na indiferença do todo.

Y aún, la multitud se plantea, contra todas esas categorías más o menos ligadas al concepto de socialismo que identifican la multiplicidad con masa, como indiferenciado de sujetos. La multitud es un conjunto indiferenciado de sujetos. La multitud es un conjunto de singularidades y eso no se puede olvidar en ningún caso. La Multitud, finalmente, se plantea, desde el punto de vista ontológico, como capacidad productiva, como poder constituyente, como determinación de existencia productiva y social (NEGRI, ANTONIO, 2007 p.202)

Além disso, Negri & Hardt (2003) acredita que a multidão em contraste com as massas, pode ser vista como algo organizado, como um ator ativo de auto-organização, segundo ele esse aspecto acrescenta uma enorme vantagem ao conceito de multidão, uma vez que desconstrói argumentos modernos baseados no “medo das massas” e aqueles relativos à “tirania da maioria”.

Para Negri & Hardt (2005), a multidão constitui um coletivo formado por corpos que, mesmo dispersos uns dos outros, em um dado instante estão a engendrar alternativas singulares para além das formas de assujeitamento produzidas pelas estratégias do biopoder. Negri & Hardt (2005) afirma que o conceito de multidão indica uma organização social definida pela capacidade de agir em comum sem

qualquer unificação. A multidão tem a defesa da vida como lugar comum, ela é dotada de uma virtualidade molecular, de uma potência carregada de sinergia coletiva, potência de variação de formas de vida. Logo, a multidão é dotada de biopotência, constituindo uma resistência biopolítica agenciada coletivamente e expressando um conjunto de variações com potencial para tornarem-se quantidades sociais. A multidão constrói um corpo vital e expansivo no coletivo, cujo processo de produção tem conseqüências éticas, estéticas e políticas. A teleologia¹² da multidão é teúrgica; uma vez que tem como objetivo dirigir as tecnologias e produção para sua alegria e para o crescimento de seu próprio poder.

Negri & Hardt (2005) também busca uma compreensão do conceito de Multidão a partir da perspectiva da constituição do Império. A partir desse ponto de vista, o autor vê a multidão como uma criação imperial, como um conjunto de todos os explorados e subjugados, como uma multidão que se opõe diretamente ao Império, sem mediadores. Para Negri & Hardt (2006) a multidão surge como resultado das revoluções do Século XX, entre elas, as revoluções comunistas de 1917 e 1949, as numerosas lutas de libertação dos anos 60 até as de 1989, revoluções essas que promoveram avanços e transformaram os termos do conflito de classes e conseqüentemente criaram condições para que essa nova subjetividade política, a multidão, insurgisse contra o poder Imperial.

Negri & Hardt (2006) considera que a constituição do Império é conseqüência da ascensão desses novos poderes, essa afirmativa pode ser confirmada através da impossibilidade do Império em criar um sistema de direito adequado à nova realidade da globalização das relações sociais e econômicas. Esta impossibilidade pode ser justificada pela natureza revolucionária da multidão, cujas lutas produziram o Império como uma inversão de sua própria imagem e que agora representa nessa nova cena uma força irreprimível e um excesso de valor com respeito a todas as formas de direito e de lei (Negri & Hardt, 2006 pág.419).

Para complementar a perspectiva da multidão a partir da constituição do Império, Negri & Hardt (2006) apresenta considerações ontológicas acerca da multidão. Para

¹² Teleologia pode ser compreendida como o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade.

ele quando a multidão trabalha, ela constrói uma nova realidade ontológica, uma vez que produz autonomamente e reproduz todo o mundo da vida. Por meio do trabalho a multidão se produz a si mesma como singularidade, uma singularidade que estabelece um novo lugar no não-lugar do Império, uma singularidade produzida pela cooperação, representada pela comunidade lingüística e desenvolvida pelos movimentos de hibridização. A multidão afirma sua singularidade invertendo a ilusão ideológica de que todos os seres humanos existentes no mercado mundial são permutáveis.

Retomando a discussão sobre a compreensão da multidão como uma rede de singularidades, podemos recorrer aos argumentos do teórico Paolo Virno que em seus escritos propõe a definição de multidão considerando-a como sendo a pluralidade em sua forma duradoura de existência social e política contraposta à unidade coesiva do povo. Para ele a multidão consiste em uma rede de indivíduos; ele vê os muitos como numerosas singularidades. Segundo Virno (2003) estas singularidades representam o ponto de chegada, o resultado final de um processo de individuação, o resultado complexo de uma diferenciação progressiva. O indivíduo da multidão é o termo final de um processo, depois do qual não há outro, porque todo o resto (a passagem do Uno ao Muitos) já se deu. Virno (2003) acredita que o processo que produz a singularidade tem um princípio não individual, pré-individual¹³. A singularidade mergulha suas raízes em seu oposto, provém daquilo que se encontra em suas antípodas (Virno 2003 p. 45).

Esse pensamento nos leva a considerar que a noção de multidão apresenta semelhanças com o pensamento liberal, uma vez que valoriza a individualidade, porém, ao mesmo tempo, acaba por diferenciar-se radicalmente desse pensamento porque nesse caso a individualidade é vista como o produto final de uma individuação que provém do universal, do genérico, do pré-individual. Virno (2003) compreende pré-individual como sendo o conjunto das forças produtivas. É a cooperação social como tarefa concertada, conjunto de relações poiéticas,

¹³ Segundo Virno pré-individual pode ser compreendido a partir das seguintes significações: primeiro como um fundo biológico da espécie, como os órgãos sensoriais, o aparato motor, as prestações perceptivas. Em segundo lugar, pré-individual é a língua, a língua histórico-cultural conjunta de todos os locutores de uma certa comunidade. A língua é de todos e de ninguém. Em terceiro lugar, pré-individual é a relação de produção dominante. Tem a ver, por isso, com uma realidade pré-individual extraordinariamente histórica. (Virno 2005)

cognitivas, emotivas. É o *general intellect*, o intelecto geral, objetivo, extrínseco. A multidão contemporânea está composta de indivíduos individuados, que levam à suas costas também esta realidade pré-individual (além de, naturalmente, a percepção sensorial anônima e a língua, de todos e de ninguém) (Virno 2003 p. 46).

4.3 MULTIDÃO: UM CONCEITO DE CLASSE

As teorias sobre a classe econômica se caracterizam por duas linhas de pensamento, uma que tende a unidade e outra a pluralidade. A linha de pensamento voltada para a unidade é diretamente associada a Marx e a sua tese de que na sociedade capitalista há uma simplificação das categorias de classe, de tal maneira que todas as formas de trabalho passam a ser representadas na figura de um sujeito único, o proletariado, que por sua vez enfrenta o capital. Já a linha de pensamento que tende a pluralidade é ilustrada pelos argumentos liberais que pregam a multiplicidade das classes sociais. Ambas as perspectivas são coerentes, uma vez que a sociedade capitalista caracteriza-se pela divisão entre capital e trabalho; e a sociedade contemporânea compreende uma quantidade potencialmente infinita de classe, baseadas não só em diferenças econômicas, mas também nas de raça, etnia, geografia, gênero, sexualidade dentre outros fatores.

Negri & Hardt (2005) acredita que essa dinâmica de classe baseada em unidade e pluralidade acaba por tratá-la como um conceito empírico, deixando de lado sua perspectiva política. A Multidão ao ser considerada um conceito de classe visa demonstrar que as teorias da classe econômica não precisavam optar entre unidade e pluralidade. Uma multidão é uma multiplicidade irreduzível, as diferenças sociais singulares que fazem parte da multidão devem ser sempre expressas e não podem ser compreendida na forma de uniformidade, unidade, identidade ou como indiferença.

Além dessas considerações acerca das teorias da classe econômica, Negri & Hardt (2005) afirma que a classe é determinada pela luta de classes¹⁴ e que existem inúmeras maneiras de agrupar os seres humanos em classes, porém, as classes que interessam à dinâmica da luta de classes são as definidas por meio dos lineamentos da luta coletiva. Para Negri & Hardt (2005) a classe pode ser definida como um conceito político na medida em que representa uma coletividade que luta em comum, uma coletividade que é um reflexo dos atuais lineamentos da luta de classe, e busca propor lineamentos futuros. Além disso, a classe pode ser vista como um desdobramento constituinte, um projeto. Para compreendermos a concepção de classe como um projeto pode-se recorrer à teoria de classe elaborada por Marx.

Segundo Negri & Hardt (2005), Karl Marx em seus escritos buscou analisar separadamente as numerosas classes de trabalho e de capital, e apenas em sua tese empírica formulou propostas que tinha como objetivo a possível formação de uma única classe de trabalho. Nesse ponto, a tese empírica aparece como uma proposta política que visa à unificação das lutas do trabalho na figura do proletariado, que por sua vez se constitui como uma classe. Sob esse aspecto, Negri & Hardt (2005) afirma que a multidão pretende prosseguir com o projeto político da luta de classes elaborado por Marx, porém, diferentemente da concepção marxista, a multidão não se baseia tanto nas condições empíricas atual das classes, e sim em suas condições de possibilidade.

O conceito de classe de multidão é diferente do conceito de classe operária fundamentado por Marx. Segundo Negri & Hardt (2005) o conceito de classe operária de Marx é baseado em exclusões, uma vez que vê a classe operária como a classe produtiva primordial. Como aquela que está diretamente sob o controle do capital e, portanto, é considerado o único sujeito capaz de agir com eficiência contra o capital. Segundo o pensamento marxista as demais classes exploradas também poderiam lutar contra o capital, mas somente subordinadas a liderança da classe

¹⁴ Luta de classes foi a denominação dada por Karl Marx, ideólogo do comunismo juntamente com Friedrich Engels, para designar o confronto entre o que consideravam os *opressores* (a burguesia) e os *oprimidos* (o proletariado), consideradas classes antagônicas e existentes no modo de produção capitalista. A luta de classes se expressa nos terrenos econômico, ideológico e político.

operária. Além disso, Marx cria o termo classe operária para separar os operários dos demais trabalhadores, referindo-se apenas aos trabalhadores industriais, distinguindo-os dos trabalhadores da agricultura, do setor de serviços e de outros setores. Em sentido amplo, a classe operária refere-se a todos os trabalhadores assalariados, diferenciando-os dos pobres que prestam serviços domésticos sem remuneração e de todos os demais que não recebem salário.

A Multidão por sua vez busca reverter esse pensamento, ao considerar que todas as formas de trabalho são socialmente produtivas, produzem em comum e compartilham um potencial de resistir à dominação do capital. A lógica da multidão proporciona uma igualdade de oportunidades de resistência, uma vez que dentro da multidão a classe operária e o trabalho industrial não possuem um privilégio político em relação às demais formas de trabalho. O conceito de multidão como classe ao contrário do conceito de classe operária, apresenta um caráter aberto e expansivo. Para a multidão, o proletariado corresponde a todos aqueles que trabalham e produzem sob o domínio do capital. A lógica de exploração, quando correlacionada ao conceito de Multidão como classe, passa a ser definida como exploração da cooperação: cooperação não dos indivíduos, mas das singularidades, exploração do conjunto das singularidades, das redes que compõem o conjunto e do conjunto que compreende as redes.

Em relação aos projetos e as intenções políticas da Multidão enquanto classe, os autores Negri e Hardt (2006) elaboram em seus escritos possíveis demandas políticas dessa nova figura biopolítica do pós-moderno. A primeira demanda concerne ao direito à cidadania global, segundo Negri & Hardt (2006) a luta pela conquista desse direito se deve a características próprias desse novo modelo de capital. Um modelo econômico baseado na mobilidade, na mobilidade de mercadorias e da mercadoria especial denominada força de trabalho, a condição básica de acumulação capitalista. Os tipos de movimento de indivíduos, grupos e populações que encontramos hoje no Império não podem ser completamente subjugados às leis de acumulação capitalista. Os movimentos da multidão designam novos espaços, e suas jornadas estabelecem novas residências. Uma nova geografia é estabelecida pela Multidão e cada vez menos os passaportes e

documentos legais serão capazes de regular os movimentos autônomos dessa força política, movimento este que define o lugar próprio da multidão.

O próprio capital tem exigido mobilidade crescente da força de trabalho e migrações contínuas através das fronteiras nacionais. Essa demanda da multidão consiste na reforma do status jurídico da população para que acompanhe as reais transformações econômicas dos últimos anos. Essa demanda política é coerente como o princípio constitucional fundamental moderno que vincula direito e trabalho, e contempla com a cidadania o trabalhador que cria capital. A multidão quer que o estado reconheça juridicamente esses direitos, mas também exige o controle sobre os próprios movimentos. Para a Multidão, as forças de trabalho devem ter o direito de ficar parada e apreciar um lugar, em vez de serem forçadas a viver permanentemente em marcha. O direito geral de controlar seu próprio movimento é a demanda definitiva da cidadania global (Negri & Hardt 2006 p.424).

A segunda demanda da multidão envolve questões relacionadas ao tempo. Segundo Negri & Hardt (2006), a Multidão maneja o tempo e constrói novas temporalidades que podem ser reconhecidas por meio das transformações ocorridas no campo do trabalho. A noção de tempo na pós-modernidade passou por modificações; a idéia do tempo como algo determinado por qualquer medida transcendente como defendia a tradição aristotélica é destruído no pós-moderno. Visto que, no atual contexto é impossível medir o trabalho, seja por convenção ou por cálculo. Nessa nova conjuntura, o tempo volta-se inteiramente para a existência coletiva, residindo desse modo dentro da cooperação do povo. Na lógica da multidão o tempo é reapropriado no plano da imanência.

A nova fenomenologia do trabalho da multidão mostra o trabalho como atividade criadora fundamental. Trabalho que por meio da cooperação supera qualquer obstáculo que lhe é imposto e com isso é capaz de recriar o mundo. No contexto biopolítico do Império, a produção de capital converge com a produção e reprodução da vida social, englobando assim todas as formas de trabalho (produtivo; reprodutivo e improdutivo). Essa nova compreensão acerca do trabalho, provoca impactos na definição de qualquer medida do tempo de trabalho, torna-se cada vez mais difícil separar o tempo de produção do tempo de reprodução, ou o tempo de trabalho do

tempo de lazer. Essa generalidade da produção biopolítica, justifica a segunda demanda política programática da multidão que consiste na busca por um salário social e uma renda garantida para todos. Negri & Hardt (2006) considera salário social como um bem que se estende para além do salário família. Este que por sua vez representa o controle da família firmemente na mão do assalariado masculino, e perpetua uma falsa concepção sobre o que é trabalho produtivo e não produtivo. O salário social representa um direito que se estende para toda a multidão, mesmo para os desempregados, uma vez que toda multidão produz e sua produção é necessária do ponto de vista de todo capital social. A demanda por um salário social tem como objetivo alcançar à população inteira. Além disso, acredita que toda a atividade necessária à produção de capital deve ser reconhecida como uma compensação similar, de modo que um salário social estabeleça uma renda garantida.

A última demanda da multidão, elaborada por Negri & Hardt (2006) refere-se ao direito de reapropriação, especificamente ao direito à reapropriação dos meios de produção. A reivindicação pelo livre acesso e o controle das máquinas e dos materiais por parte dos trabalhadores sempre esteve na pauta política dos socialistas e comunistas, porém, no atual contexto sociopolítico, configurado pela produção imaterial e biopolítica essa tradicional demanda ganha novos aspectos. No atual contexto, a multidão não usa a máquina apenas para produzir, ela torna-se cada vez mais maquinal e os meios de produção são progressivamente integrados às mentes e aos corpos da multidão. Nessa conjuntura, reapropriação significa ter livre acesso e controle do conhecimento, da informação, comunicação e afetos que representam alguns dos meios primários de produção biopolítica. Apesar das máquinas produtivas terem sido integradas à multidão, o controle desses materiais ainda não estão sob o seu poder. O direito a reapropriação é realmente o direito da multidão ao auto-controle e à auto-produção autônoma (Negri & Hardt 2006 p.431).

4.4 MULTIDÃO E OS NOVOS MOVIMENTOS DE LUTA GLOBAL

Tendo como pressuposto os conceitos desenvolvidos por Negri & Hardt (2006) acerca do novo modelo de poder Imperial e dos novos sujeitos biopolíticos circunscritos na figura da Multidão, buscaremos compreender nessa parte de nosso trabalho as transformações ocorridas nos movimentos de luta diante desse novo contexto biopolítico. Discutiremos essa questão, a partir da perspectiva de Negri & Hardt (2005) que estudam esse aspecto a partir de fatos históricos e estruturais; e de Maurizio Lazzarato (2006) que analisa esse processo de transformação a partir de um olhar filosófico. Ambos os autores, sinalizam o Pós-1968 como o marco das transformações ocorridas nos movimentos e desenvolvem suas concepções a partir desse momento histórico.

Negri & Hardt (2005) considera que as transformações foram conseqüências diretas dessa fase marcada por um ciclo de lutas ocorridas simultaneamente nas regiões dominantes e subordinadas do globo. O autor destaca que a mudança mais perceptível nesse período fora à urbanização dos movimentos de luta e a sua transferência de espaços abertos para espaços fechados. O autor também defende a idéia de que as mudanças foram conseqüências das transformações ocorridas no âmbito da força de trabalho e das formas de produção social. Segundo ele, a partir da década de 70, as técnicas e as estruturas da produção industrial passaram a ser baseadas em estruturas mais flexíveis, com unidades menores e mais móveis, aspecto que influenciou no modelo de organização dos movimentos de luta que passaram a se organizar na forma de uma rede policêntrica. Segundo Negri & Hardt (2005) a partir disso, podemos notar que os eixos fundamentais da produção pós-fordista como as redes de informação, comunicação e cooperação começam a definir e caracterizar os novos movimentos de luta. Esses passam a utilizar a internet como ferramenta de organização e adotam as tecnologias informáticas como modelo para suas próprias estruturas organizacionais.

A partir dessas considerações, Negri & Hardt (2005) afirma que os movimentos pós-fordistas pós-modernos completam e solidificam a tendência de organização policêntrica. Evoluindo para o formato em rede, no qual não existe um centro, mas apenas uma pluralidade irreduzível de nodos em comunicação uns com os outros. Segundo Negri & Hardt (2005), a ordenação no formato de rede, baseia-se em uma

pluralidade contínua de seus elementos e redes de comunicação, de tal maneira que a redução a uma forma de comando centralizada e unificada é impossível.

Prosseguindo o estudo, Negri & Hardt (2005) afirma que a incorporação de características da produção biopolítica na dinâmica de funcionamento dos movimentos de luta contribuiu para disseminação dessas forças sobre todo tecido social. Além disso, fez com que os movimentos passassem a ter como um de seus principais objetivos a produção de subjetividade, subjetividade econômica e cultural, tanto material quanto imaterial.

Não era apenas uma questão de “conquistar corações e mentes”, e sim criar novos corações e mentes através da construção de novos circuitos de comunicação, novas formas de colaboração social e novos modos de interação. [...] uma tendência para ir além do modelo da moderna guerrilha, em direção a formas mais democráticas de organização em rede (NEGRI & HARDT, 2005. P.118).

O autor entende que a dinâmica de lutas dos novos movimentos se dá no terreno biopolítico, ou seja, a luta em rede da multidão tem como foco a produção direta de novas subjetividades e novas formas de vida. Negri & Hardt (2005) afirma que esse modelo de produção de subjetividade desempenhado pelos novos movimentos de luta, diferente das práticas de subjetivação fordista, apresenta como valores a criatividade, a comunicação e a cooperação auto-organizada. O foco desse novo tipo de força é cada vez mais o interno, ou seja, produzir novas subjetividades e novas formas expansivas de vida dentro da própria organização. Além disso, Negri & Hardt (2005) destaca que os novos movimentos não buscam na figura do povo a sua base e não apresentam como objetivo a tomada do poder do Estado Soberano. Negri & Hardt (2005) acredita que na estrutura de rede os elementos democráticos são ampliados, à medida que a organização torna-se menos um meio e mais um fim de si mesma.

Em seus estudos, Negri & Hardt (2005) destaca alguns movimentos contemporâneos cuja organização é feita mediante redes. Entre eles, está o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que demonstra como a transição econômica do pós-fordismo funciona igualmente em territórios urbanos e rurais, ligando experiências locais a lutas globais. Os zapatistas, além de utilizarem a internet e as tecnologias de comunicação para distribuir seus comunicados para o

mundo exterior, fazem o uso da rede mundial de computadores como elemento estrutural de sua organização, expandindo sua atuação para além do sul mexicano, alcançando os níveis nacional e global. Para o EZLN, a comunicação é a concepção central de sua revolução, os zapatistas defendem a necessidade da criação de organizações horizontais em rede, em vez de estruturas verticais centralizadas. Além disso, outro fator que compreende o EZLN nesse novo modelo de organização é o fato deles não terem como objetivo derrotar o Estado, e sim mudar o mundo sem tomar o poder.

Outros movimentos apontados por Negri & Hardt (2005) foram os surgidos nos Estados Unidos nas últimas décadas do Século XX, movimentos agrupados sob a rubrica “política de identidade” (nascidos das lutas feministas, das lutas de lésbicas e gays e das lutas de fundo racial). Entre os pontos que enquadram esses diferentes movimentos dentro da nova concepção de movimento de luta, está o fato deles insistirem em um formato de organização autônoma e recusarem qualquer hierarquia centralizada, de líderes ou porta-vozes. Esses movimentos apresentam um discurso pautado na organização democrática e na independência.

Se não existe possibilidade de uma maneira democrática de agregação política que nos permita que nos permita preservar nossa autonomia e afirmar nossas diferenças, proclamam eles, haveremos de nos manter separados, por nossa própria conta (NEGRI & HARDT, 2005.p.124).

Como exemplo mais claro de organizações disseminadas em rede, Negri & Hardt (2005) aponta os movimentos de globalização que se estenderam de Seattle a Genova e aos Fóruns Sociais Mundiais de Porto Alegre e Mumbai. Como forma de compreender a dimensão da organização desses movimentos denominados “movimento dos movimentos”, Negri & Hardt (2005) destaca um elemento marcante ocorrido nos acontecimentos de Seattle em 1999. Aponta o fato de grupos considerados diferentes e contraditórios em seus interesses, agirem em comum.

Para Negri & Hardt (2005) esses grupos não apresentam-se unidos sob qualquer autoridade única, antes relacionam-se em uma estrutura de rede. O autor entende que os fóruns sociais, os grupos de afinidade e outras formas de processos decisórios democráticos constituem a base desses movimentos, que conseguem agir conjuntamente de acordo com o que têm em comum (Negri & Hardt,

2005.p.125). Nesse contexto, o autor considera que em episódios como o de Seattle; a plena expressão da autonomia e da diferença de cada um dos movimentos coincide com a poderosa articulação de todos. Outra observação relevante acerca desses movimentos em rede, concerne à figura da democracia, que dentro da dinâmica dessas forças apresenta-se com objetivo central e caracteriza o seu modo de funcionamento.

Convergindo com as concepções desenvolvidas por Negri acerca dos movimentos de lutas contemporâneos, iremos partir para uma perspectiva filosófica sobre o assunto, recorrendo ao pensamento do autor Maurizio Lazzarato. Inicialmente Lazzarato (2006) denomina os novos modelos de movimento de luta e resistência como movimentos pós-socialistas. Assim como Negri (2005) ele definiu o Pós-68 como o eixo de transformações no campo dos movimentos de luta e desenvolve seu estudo a partir desse momento histórico. De acordo com Lazzarato (2006), a partir desse período histórico, tanto os movimentos políticos quanto as singularidades passam a operar em **dois planos simultaneamente: um plano imposto pelas instituições constituídas** que defende o pensamento de que apenas uma forma de mundo é possível e **outro plano escolhido pelos movimentos e pelas singularidades** que apresenta uma visão voltada para o universo da criação e da efetuação de uma multiplicidade de mundos possíveis. O poder constituído não reconhece esse mundo pautado pela criação, sob a pena de promover o esfacelamento de suas instituições. Já os movimentos e as singularidades, não podem se retirar do universo da criação e ignorar o mundo da política institucional sob a pena de despoticização (LAZZARATO, 2006).

Diferentemente dos movimentos que antecederam o Pós 1968 e que funcionavam sob a lógica da contradição, os movimentos pós-socialistas desenvolvem-se sob a lógica da diferença. Diferença que não significa ausência de conflito, de oposição e de luta e implica uma mudança na **noção de conflito ou de luta em dois planos diferentes**. No primeiro plano, a dinâmica dos movimentos políticos e as individualidades funcionam a partir da lógica da recusa, de ser contra, ou seja, diante das instituições constituídas essas forças políticas praticam a resistência como recusa. Em uma primeira análise, esse ideal parece reproduzir a lógica do movimento operário, no entanto, essa recusa apresenta dois desdobramentos: por

um lado, esse “não” é dirigido contra a política e exprime uma ruptura com as regras da representação ou da operação de fragmentação no interior de um mesmo mundo, e por outro lado esse “não” representa a condição que possibilita a abertura a um devir, a uma bifurcação de mundos e à sua composição conflitual, embora não unificadora. O conflito no primeiro plano permite que se abra o segundo plano da luta (LAZZARATO. 2006.p.204).

Lazzarato (2006) em um primeiro plano entende que a luta manifesta-se como fuga das instituições e das regras políticas, ou seja, o esvaziamento da participação política nas instituições, partidos e sindicatos. Já em um segundo plano, o autor tende a compreender a luta através das dinâmicas de subjetivação desenvolvidas pelas singularidades individuais e coletivas que constituem o movimento dos movimentos. Dinâmicas que buscam a afirmação das diferenças e a composição de um comum não totalizável, dinâmica essa que ao olhar de Negri & Hardt (2005) pode ser entendida como prática biopolítica. Prosseguindo, Lazzarato afirma que no primeiro plano a figura do povo está pronta para ser mobilizada, já no segundo plano o povo “falta” e sempre faltará. Fuga no primeiro plano e constituição no segundo plano, práticas de subtração política no primeiro e estratégias de empoderamento de mundos possíveis no segundo. Os movimentos e as singularidades passam de um plano a outro, enquanto, o poder constituído é obrigado a permanecer no plano da totalidade.

Os movimentos políticos, depois de 1968, romperam radicalmente com a tradição socialista e comunista. Romperam radicalmente com a visão unificadora da política ocidental, que funcionou no século XX como repressão, bloqueio da potência, da multiplicidade (LAZZARATO, 2006.p.206).

Segundo Lazzarato (2006) a própria noção de igualdade ganha um novo significado diante do contexto dos movimentos pós-socialistas, a liberdade agora é considerada a condição de abertura a um devir, a processos de subjetivação heterogêneos. Lazzarato (2006) entende o devir como:

Uma questão de virtualidade e de acontecimentos, mas também uma questão de dispositivos, de técnicas, de enunciados, ou seja, de uma multiplicidade de elementos que constituem um agenciamento, ao mesmo tempo pragmático e experimental. O devir implica, portanto, a constituição

daquilo que podemos nomear, para usar um termo genérico, instituições, que não devem, contudo ser identificadas com as instituições do poder constituído. [...] trata-se de instituições paradoxais, porque precisam ser tão móveis, falhas, excêntricas, fraturadas quanto os devires que irão favorecer (LAZZARATO, 2006.p.212).

Em relação à figura da instituição, Lazzarato (2006) faz uma distinção entre dois tipos diferentes de instituições existentes no contexto político do pós-68. Segundo Lazzarato (2006), as instituições podem ser divididas entre as estabelecidas, ou seja, aquelas que desempenham o papel de reprodutoras dos antigos valores e padrões (dualismo de classes, de sexo e a reprodução subordinada das minorias), e as instituições que emergem das lutas, que envolvem uma repetição, ou seja, instituições que são como um tecido sobre o qual vai sendo “bordada” a produção do novo, uma “tapeçaria” de diferenciações (LAZZARATO, 2006:213). Essas instituições acabam por nortear os modelos de comportamento político contemporâneo, uma vez que fazem emergir a oposição e o antagonismo entre dois tipos de instituições: as que criam e reproduzem a medida de uma maioria¹⁵ e as que criam e repetem as condições da política como experimentação, como um devir (LAZZARATO,2006).

Para ilustrar sua concepção de pensamento, Lazzarato (2006) faz referência ao **dispositivo de coordenação**, estratégia utilizada pelos movimentos pós-socialistas na França e que conjuga dois planos de ação: resistência ao poder e desenvolvimento da multiplicidade. Segundo ele, o pensamento e ação dessas coordenações diferem do pensamento marxista clássico, de uma teoria da autonomia do político. Nas coordenações, as dinâmicas de criação e efetuação, de ação e organização desenvolvem-se segundo as modalidades da chamada neomonadologia, uma ação que consiste na proliferação de mundos possíveis e escapa ao mesmo tempo do consenso e da divisão de um mesmo mundo a ser partilhado. Como exemplo, o autor cita a coordenação dos intermitentes -

¹⁵ O ideal de maioria expresso no discurso de Lazzarato (2006) é baseado nas concepções de Gilles Deleuze, teórico responsável pela formulação do conceito de Sociedade de Controle. Segundo Lazzarato (2006) a sociedade de controle é repleta de modelos majoritários (o homem branco, cristão, macho e adulto etc). O cidadão, o telespectador, o assalariado, o homem-branco-macho-adulto são todos nomes de uma “maioria”. Maioria, em todos esses casos, não designa uma quantidade maior, mas antes significa uma escala, um modelo segundo o qual, outras quantidades serão medidas e serão consideradas menores. Já minoria designa um desejo, ou seja, o movimento de um grupo que, independente de sua quantidade, é excluído pela maioria, ou incluído como fração subordinada, em relação a um padrão de medida que faz a lei e fixa a maioria (LAZZARATO, 2006).

profissionais do setor áudio visual e da indústria cultural francesa -, recorre a esses profissionais por entender que esse setor é baseado na lógica de poder de captura da cooperação entre cérebros. Nesse modelo de coordenação todas as forças da cooperação dos cérebros (a potência de agenciamento, de disjunção e de coordenação de fluxos e das redes, a mobilidade, a capacidade de compor o novo, a criação e efetuação dos públicos), em vez de serem apropriadas e exploradas pela indústria da comunicação e pela indústria cultural, funcionam como motores de luta. A manifestação da potência criativa da vida como poder, ilustra o pensamento de Virno (2005) que vê a força de trabalho como potência biopolítica. Lazzarato (2006) entende o dispositivo político de coordenação como:

[...] um todo distributivo. É Uma arquitetônica, uma cartografia de singularidades, composta de *networks* e *patchworks* (uma pluralidade de comissões e iniciativas, de lugares de discussão e elaboração, de militantes, de grupos políticos e sindicais, de redes de afinidades “culturais e artísticas”, de redes de amizades, de uma multiplicidade de ofícios e profissões) que se fazem e desfazem, com velocidades e finalidades diferentes (LAZZARATO, 2006.p.222).

A ação da coordenação é descrita por Lazzarato (2006) como uma experimentação de dispositivos de estar junto e do ser do contra, uma vez que ao mesmo tempo repetem procedimentos já codificados da política e inventam outros. Já em relação à estrutura de organização, de modo geral corresponde a um modelo não vertical e hierárquico. A coordenação organiza-se sob a forma de uma rede distributiva, onde diferentes métodos de organização e de tomada de decisão interatuam, coexistem e articulam-se de maneira parcialmente bem sucedida. O modelo de organização no formato de rede é propício ao desenvolvimento de uma política e de tomadas de decisão minoritárias, uma vez que o modelo do *patchworks* (todo distributivo) permite a um indivíduo, a um grupo, tomar iniciativas e propor novas formas de ação de maneira mais flexível e responsável. Essa forma de organização é infinitamente mais aberta que a forma hierárquica de aprendizagem e de apropriação da ação política por todo mundo. Em relação às estratégias de ação, a coordenação age de modo transversal sobre as divisões constituídas pela política (representante/representado, público/privado, individual/coletivo). A coordenação escolheu não ter um representante intitulado, mas fazer de cada um de seus membros um expressão singular e, não obstante, legítima de toda a coordenação (LAZZARATO, 2006:229). Por fim, o autor caracteriza a figura do novo militante

dentro dos movimentos pós-socialistas. Nesse novo contexto, o militante assume as atribuições de um inventor, de um experimentador. Lazzarato (2006) o define do seguinte modo:

O militante não é aquele que detêm a inteligência do movimento, que resume em si suas forças, que prevê as escolhas, que extrai sua legitimidade da capacidade de ler e interpretar as evoluções do poder, mas é simplesmente aquele que introduz uma descontinuidade naquilo que existe. Ele faz bifurcar os fluxos de palavras, de desejos, de imagens, para colocá-las a serviço da potência de agenciamento da multiplicidade; ele reconecta as situações singulares, sem se colocar em uma perspectiva superior e totalizante. É um experimentador (LAZZARATO, 2006.p.235).

5.0 - PODER E REDE

5.1 – SOCIEDADE EM REDE

Para compreendermos as dimensões do poder no contexto da sociedade contemporânea, iremos recorrer ao estudo do conceito de sociedade em rede desenvolvido por Castells (2000), paradigma esse que identifica a tecnologia e a informação como agentes constituintes tanto do processo de produção quanto das relações sociais. Assim sendo, a sociedade informacional/rede é uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transformação das informações tornam-se fonte fundamental da sociabilidade.

O conceito de sociedade em rede, desenvolvido por Castells (2000), tem como ponto inicial de análise os anos 70, quando o aceleração da informática e as necessidades de relançamento devido à crise econômica, põem em movimento uma reestruturação do sistema que encontrará nas novas formas de comunicação, um decisivo volante de desenvolvimento. Um dos paradigmas centrais do conceito de sociedade em rede é o advento da rede mundial de computadores, a internet¹⁶ ,

¹⁶ A história da Internet tem início a partir da formação de uma rede, a Arpanet, um programa de caráter militar que teve origem no Departamento de Defesa dos EUA, durante o auge da guerra fria. Inicialmente a rede arpanet foi aberta aos centros de pesquisa que cooperavam com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, porém com o tempo os cientistas começaram a usá-la para todos os tipos de comunicação. Devido o alto nível de propagação e de uso dessa rede ficou difícil separar os estudos voltados para o setor militar das pesquisas destinadas a comunicação científica e até mesmo das conversas pessoais. A partir dessa constatação, cientistas de todas as áreas receberam acesso à rede, e, em 1983, houve uma divisão entre a ARPANET, dedicada a objetivos científicos, e MILNET, diretamente voltada a aplicações militares. A rede das redes que se formou durante a década de 1980 foi chamada ARPA-INTERNET, mas tarde denominada Internet, ainda custeada pelo Departamento de Defesa e operada pela Fundação Nacional de Ciência. Outro importante fator responsável pela constituição da internet e que funcionou paralelamente aos esforços do Pentágono e da “Grande Ciência” foi à contracultura computacional, um movimento surgido nos EUA que representava as conseqüências dos movimentos dos anos 60, porém, em uma versão mais libertaria/utópica. Um dos grandes benefícios advindo desse movimento foi à criação do *modem*, um importante elemento do sistema, inventado por dois estudantes de Chicago. O *modem* teve origem a partir de um experimento que tinha como objetivo transferir os dados de um computador a outro via telefone. O sucesso desse experimento proporcionou a difusão do protocolo *Xmodem*, permitindo desse modo que computadores transferissem arquivos diretamente sem passar por um sistema principal. Os movimentos de contracultura computacional, originalmente rotulados de hackers, tinham como lema a difusão da tecnologia sem custo nenhum, uma vez que o objetivo maior do movimento era espalhar as capacidades de comunicação o máximo possível. Outro projeto resultante da contracultura computacional e que permitiu a internet abarcar o mundo todo foi o desenvolvimento da WWW, uma aplicação de compartilhamento de informação desenvolvida em 1990, pelo programador inglês Tim Berners – Lee. Por fim, na década de 90 quando o governo norte americano encarrega à

Castells (2000) interpreta a era da Internet, não como uma alegre libertação dos pesos da modernidade, o autor defini essa era como uma mudança de paradigma, faz alusão à constituição de uma nova ordem, sucessora da ruptura das tradicionais. Segundo Di Felice (2008) Castells vê a internet para além de um sistema fragmentado e pós-moderno, para o autor o mundo da internet pode ser entendido como uma configuração social alinhada a uma nova linha de equilíbrio da qual a rede¹⁷ constitui a estrutura principal.

National Ciência Foundation o poder de administrar a internet, e conseqüentemente ocorre à privatização das principais operações da rede, a cultura empresarial percebe o potencial da internet e a partir disso surgem os provedores de serviço de internet que começam a montar suas próprias redes e estabelecerem suas próprias portas de comunicação em bases comerciais. Em meados da década de 90, grande parte dos computadores nos EUA tinha capacidade de entrar em rede, caracterizando a difusão da interconexão de redes. Castells (2003) acredita que a cultura empresarial foi a grande responsável pela inserção da sociedade dentro da dinâmica da internet. A partir desse histórico podemos constatar que o uso da internet durante seus anos de formação fora um privilégio de uma minoria extremamente pequena da população mundial: cientistas e hackers. Com o tempo esse charmoso círculo de usuários da internet cresceu lentamente dos cientistas para os aficionados até o público em geral e, conseqüentemente, a cultura de uso dos primeiros usuários perpetuou-se. Cada nova pessoa que adentrava ao mundo da internet aprendia sobre os programas do sistema e aderida aos comportamentos desse universo cibernético. Muito espontaneamente, o público em geral começou a adotar as maneiras acadêmicas de trabalhar da internet, como por exemplo, o ato de compartilhar informações com outros usuários de forma gratuita e livre (Castells, 2003)

¹⁷ O conceito de rede parte de uma definição bastante simples - "rede é um conjunto de nós interconectados" (Castells, 2009), mas que por sua maleabilidade e flexibilidade oferece uma ferramenta de grande utilidade para dar conta da complexidade da configuração das sociedades contemporâneas sob o paradigma informacional. Assim, diz Castells, definindo ao mesmo tempo o conceito e as estruturas sociais empíricas que podem ser analisadas por ele, "redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio" (Castells, 1999: 499). Já em relação às especificidades de uma rede, Castells (2009) explana que os nós de uma rede podem ter maior ou menor grau de relevância para o conjunto da rede, de modo que os mais importantes são denominados centro. Para o autor todo componente de uma rede é considerado um nó e sua função e significado depende dos programas da rede e da interação com os demais nós. Os nós aumentam seu grau de importância dentro da rede quando absorvem mais informações importantes e a processam de forma eficiente. A importância de um nó é medida por meio da sua capacidade de contribuição no que tange o alcance dos objetivos traçados pela rede. Quando os nós perdem importância dentro da dinâmica da rede, eles tendem a ser remodelados, alguns elos são eliminados e novos elos são acrescentados à rede. Os nós existem e funcionam exclusivamente como componentes das redes. A rede é uma unidade, não um nó (Castells, 2009: 45). Por fim, para justificar a importância das redes como um modelo de organização eficiente e que melhor adaptou-se a nova lógica da sociedade pode-se levar em conta três características: a flexibilidade, a adaptabilidade e a capacidade de sobrevivência. Flexibilidade: as redes podem se reconfigurar em função das trocas em sua volta, mantendo seu objetivo mesmo com a variação entre seus componentes. Adaptabilidade: podem expandir ou reduzir seu tamanho sofrendo poucas alterações. Capacidade de sobrevivência: por não possuírem um centro, as redes são capazes de atuar dentro de uma gama de configurações, as redes podem resistir a ataques a seus nós e a seus códigos, uma vez que os códigos estão contidos em inúmeros nós que podem reproduzir as instruções e encontrar novas formas de atuar (CASTELLS, 2009).

Em termos teóricos, Castells (2009) entende a sociedade em rede primeiramente como uma arquitetura global de redes auto-reconfiguráveis, programadas e re-programadas constantemente pelos poderes existentes em cada dimensão; como o resultado da interação entre diferentes geometrias e geografias, ou seja, as atividades que configuram a vida e o trabalho na sociedade, e por fim, compreende a sociedade em rede como o resultado de uma interação da segunda ordem entre as redes dominantes, a geometria e geografia da desconexão das formas sociais que estão fora da lógica das redes globais.

Prosseguindo o estudo, Castells (2000) também entende que esse novo modelo de sociedade é consequência de uma revolução, ainda em curso, denominada por ele como revolução tecnológica, um modelo de revolução concentrado nas tecnologias de informação e que possui a capacidade de remodelar a base material da sociedade de forma acelerada. Os reflexos dessa revolução podem ser percebidos nos âmbitos: social, político e econômico. Na esfera econômica, nota-se que o sistema capitalista passa por um processo de reestruturação caracterizado pela maior flexibilidade de gerenciamento, descentralização das empresas e sua organização em redes, além disso, temos o fortalecimento do papel do capital frente ao trabalho, com o declínio concomitante da influência dos movimentos de trabalhadores; a individualização e diversificação cada vez maior das relações de trabalho, a inserção da mulher na força de trabalho remunerada, o aumento da concorrência econômica global e por fim a integração global dos mercados financeiros.

Já entre as mudanças percebidas no campo social e político, podemos destacar o processo de transformação da condição feminina, que por meio da atuação política e dos movimentos organizados enfraqueceram o poder do modelo patriarcal em várias sociedades, como resultado disso, os relacionamentos entre os sexos tornou-se palco de disputas, em vez de uma mera esfera de reprodução cultural. Além disso, houve uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens e crianças e, conseqüentemente, da família, da sexualidade e personalidade. No âmbito político os sistemas políticos passam por uma crise estrutural de legitimidade e os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivos únicos e efêmeros. Diante desse quadro, Castells (2000) acredita que as pessoas tendem a

reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou constituída, torna-se a fonte básica de significado social (Castells, 2000. P.41).

Para ilustrar a importância da dinâmica das redes no desenvolvimento da sociedade contemporânea, Castells (2009) faz referência ao atual fenômeno da globalização. Segundo ele, as forças que impulsionaram a globalização no contexto atual, só puderam se desenvolver porque tinham a sua disposição a capacidade de conexão em rede global advinda das tecnologias digitais de comunicação, e, os sistemas de informação, incluindo as redes de informatizadas de transporte rápido a longa distância. Castells (2009) conclui que o advento das redes digitais é um fator que diferencia em tamanho, velocidade e complexidade o atual processo de globalização de outras formas de globalização vigentes em períodos passados.

Reforçando a importância das redes, o autor afirma que as atividades básicas que configuram e controlam a vida humana em cada região do planeta estão organizadas em redes globais. Desde os mercados financeiros, a produção, gestão e distribuição transnacional de bens e serviços; o trabalho qualificado, a ciência e a tecnologia, incluindo a educação universitária, os meios de comunicação, as redes de internet de comunicação interativa; a arte, a cultura, os espetáculos e os esportes entre outros setores da vida. Para ele a globalização é melhor compreendida através das interações destas redes globais socialmente construídas (Castells, 2009. p.54). A partir dessas considerações podemos compreender a sociedade em rede como uma sociedade de caráter global, porém, isso não significa que todas as pessoas ao redor do mundo estão incluídas na rede. Sem dúvida, a maioria encontra-se fora desse sistema, porém, todo mundo se vê afetado pelos processos que são desencadeados pelas redes globais.

Em relação à lógica de funcionamento, Castells (2009) entende que as sociedades em rede funcionam a partir do mecanismo binário de inclusão-exclusão, cujas fronteiras variam de acordo com o tempo, a mudança dos programas da rede e das condições de funcionamento dos programas. Também depende da capacidade dos atores sociais, em diferentes contextos, para atuar sobre esses programas,

modificando-os segundo seus interesses (Castells, 2009. p. 53). As sociedades de caráter moderno, aquelas definidas por limites dos estados nação ou por fronteiras culturais de identidade histórica, encontram-se profundamente fragmentadas pela dupla lógica exclusão-inclusão, que no atual contexto são responsáveis pela estruturação da produção, da comunicação, do consumo e do poder. Castells (2009) defende a hipótese de que essa fragmentação não se deve simplesmente a demora na incorporação de formas sociais antigas a essa nova lógica dominante, para ele, esse fato é reflexo característico da estrutura de uma sociedade em rede, que possui a capacidade de reconfigurar-se e desse modo adicionar e incorporar valores que se lhe são úteis ou simplesmente excluir aqueles territórios, atividades e pessoas que possuem pouco ou nenhum valor para a realização das tarefas desempenhadas pelas redes.

Outra mudança resultante dessa nova estrutura social concerne a uma redefinição dos cimentos materiais de nossa existência, o espaço e o tempo. Para Castells, *las relaciones de poder están imbricadas en la construcción social del espacio y el tiempo a la vez que se ven condicionadas por las formaciones espaciotemporales características de esa sociedad* (Castells, 2009. p.62). Castells (2009) acredita que duas formas emergentes de tempo e espaço caracterizam a sociedade em rede e coexistem com formas anteriores, são elas: *o espaço de fluxo*¹⁸ *e o tempo atemporal*. Nesse novo paradigma o tempo e o espaço estão relacionados tanto na natureza quanto na sociedade. De acordo com a teoria social o espaço pode ser definido como o suporte material das práticas sociais simultâneas, ou seja, a construção da simultaneidade. Castells (2009) afirma que o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação tem um impacto frente ao pensamento da teoria social, uma vez que o advento dessas tecnologias possibilitou a separação gradual entre a simultaneidade e a proximidade e também tornou possível uma interação assíncrona no momento eleito, à distância.

Grande parte das funções desempenhadas pelos principais agentes da sociedade em rede (pelos mercados financeiros, as redes de produção transnacionais, as

¹⁸ O espaço dos fluxos é a organização material das práticas sociais de compartilhamento do tempo que operam mediante o fluxo. Castells (1996) compreende fluxos como aquelas seqüências de troca e de interação finalizadas, repetitivas e programáveis entre posições fisicamente separadas exercidas por atores sociais nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas da sociedade (Castells, 1996, p.473)

redes midiáticas, as formas de governo global em rede e os movimentos sociais globais) é organizada de acordo com a lógica do espaço de fluxos. No entanto, este espaço de fluxos não é desprovido de lugares, eles são formados por nós e redes, ou seja, esses lugares são conectados mediante redes eletrônicas de comunicação através das quais circulam e interatuam fluxos de informação que asseguram a simultaneidade das práticas ocorridas nesse dito espaço. Nos espaços de fluxo os lugares adquirem significado e função de acordo com o papel que desempenharam nas redes específicas a que eles pertencem. Por fim, Castells (2009) entende que o espaço da sociedade em rede é constituído pela articulação de três elementos: os lugares onde se localizam as atividades; as redes de comunicação material que veiculam essas atividades e o conteúdo e a geometria dos fluxos de informação que desenvolvem as atividades em termos de função e significado.

Assim como o espaço, as noções de tempo passam por transformações nesse novo paradigma social. Historicamente temos a noção de tempo ligado a burocracia, uma lógica na qual a organização do tempo nas instituições e na vida cotidiana funcionava a partir de códigos dos aparatos ideológico-militares frente aos ritmos do tempo biológico. Na era industrial temos a noção de tempo atrelada ao tempo do relógio e como consequência a constituição do denominado tempo disciplinar, que se trata de um mecanismo de medida e de organização de uma seqüência capaz de mapear e fiscalizar as áreas e ordem em todo tempo da vida, esse processo tem início a partir da standardização do tempo industrial e o cálculo do horizonte temporal das transações financeiras, dos componentes fundamentais do capitalismo industrial que não poderiam funcionar sem o tempo do relógio, a expressão “o tempo é dinheiro e o dinheiro se acumula com o tempo” sintetiza o discurso de ordem do tempo disciplinar.

Na sociedade em rede esse mecanismo de seqüência se inverte. A relação com o tempo é definida pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação que por sua vez buscam aniquilar o tempo desvinculando-o de uma lógica baseada no sequenciamento. Essa atitude diante da lógica do tempo seqüencial acaba por comprimir o tempo e ofuscar a seqüência das práticas sociais, ou seja, converte o passado, presente e o futuro em uma ordem aleatória, como exemplo disso temos o hipertexto eletrônico da web 2.0 e a indefinição das pautas do ciclo vital, tanto no

trabalho como na maternidade. Na sociedade em rede, o espaço de fluxos dissolve o tempo ao desordenar a seqüência de acontecimentos e transformá-las em simultâneos, instalando a sociedade em rede em uma transitoriedade estrutural: *el ser anula el llegar a ser* (Castells, 2009. p.64).

Em relação à cultura da sociedade em rede, Castells (2009) entende que o mecanismo de difusão cultural nesse novo modelo de sociedade é similar a dinâmica ocorrida na sociedade industrial, onde a cultura se manifestou em diferentes ambientes culturais e materializou-se em formas específicas (dos Estados Unidos a União Soviética, do Japão ao Reino Unido), porém, o que diferencia esses dois modelos de sociedade é o fato da sociedade em rede existir a nível mundial, em tempo real e apresentar uma estrutura global. Castells (2009) acredita que os mecanismos de comunalidade e singularidade, fatores que caracterizam a dinâmica dessas duas sociedades, acabam por gerar conseqüências importantes no âmbito cultural. Entre elas está a transformação de identidades culturais específicas em movimentos autônomos e de resistência, ou seja, movimentos representativos de coletivos e indivíduos que se posicionam contrários à lógica das redes dominantes. Segundo Castells (2009) as identidades de resistência vêm se multiplicando nessa fase de desenvolvimento da sociedade em rede global e tem gerado importantes conflitos sociais e políticos nos últimos tempos. Partindo dessas considerações, o autor entende que a sociedade em rede caracteriza-se por contrapor a lógica da rede global e buscar a afirmação da multiplicidade de identidades locais. A sociedade em rede não propõe uma unificação cultural, ela tende a valorização da diversidade histórica e cultural, logo busca a fragmentação mais que a convergência.

Outro ponto crucial na questão da sociedade em rede são os protocolos de comunicação, elementos essenciais para a dinâmica de relação entre as diferentes culturas. Castells (2009) entende que a determinação dos protocolos de comunicação intercultural necessita de uma investigação, porém, o autor parte do pressuposto que:

“la cultura común de la sociedad red global es una cultura de protocolos que permite la comunicación entre diferentes culturas sobre la base no necesariamente de valores compartidos, sino de compartir el valor de la comunicación”(Castells,2009. p.67)

Castells (2009) afirma que essa nova cultura não é baseada em conteúdo e sim no processo, igualmente o que ocorreu na cultura democrática constitucional que se baseava no processamento e não em programas concretos. Por fim, o autor compreende a cultura global como sendo uma cultura da comunicação pela comunicação, uma rede aberta de significados culturais que podem não apenas coexistir como também interatuar e modificar-se mutuamente tendo como base os mecanismos de troca. A cultura da sociedade em rede é uma cultura de protocolos de comunicação entre todas as culturas do mundo, desenvolvida sobre a base de uma crença comum no poder das redes e na sinergia obtida ao dar e receber dos demais (Castells, 2009. P.68).

5.2 RELAÇÕES DE PODER E COMUNICAÇÃO EM REDE

As fontes de poder em nosso mundo (violência e o discurso; coação e persuasão; dominação política e concepção cultural) não mudaram fundamentalmente no percurso histórico de nossa sociedade. Segundo Castells (2009) as mudanças ocorreram no campo das relações de poder, o autor considera que no atual período histórico o poder é construído primordialmente por meio da articulação entre o global e o local e se organiza principalmente em relações baseadas em rede e não mais em unidades individuais. Outra mudança citada pelo autor está relacionada ao tempo, ou seja, as relações de poder no contexto da sociedade em rede são construídas em torno da oposição entre tempo atemporal e as demais formas de tempo, como explanado anteriormente (CASTELLS, 2009).

Em relação às instâncias de poder, ou seja, as forças responsáveis pela dinâmica das relações nesse novo modelo de sociedade em rede, Castells (2009) entende que a formação das instâncias está baseada na tradicional dicotomia *Poder versus Contra-Poder*. Uma dinâmica resultante dos processos de construção de poder que segundo Castells (2009) podem ser compreendidos a partir de duas perspectivas: por um lado o poder que aplica uma dinâmica de dominação existente ou adquirir posições estruturais de dominação; por outro lado também existem os processos de resistência ao poder, em nome de interesse, valores e projetos excluídos ou sub-

representados nos programas e na composição das redes. A interação entre esses dois processos é responsável pela configuração da estrutura das relações de poder na sociedade.

No contexto da sociedade em rede as forças de resistência manifestam-se a partir de mecanismos que constituem a sociedade em rede: a programação das redes¹⁹ e a conexão de redes²⁰. As forças de resistência, representadas principalmente pelos movimentos sociais e a sociedade civil (local, nacional e global) buscam através de suas ações (contra-poder) introduzirem aos programas de rede novas instruções e códigos, como exemplo temos uma proposta destinada às redes financeiras globais, que consistia na anulação da dívida externa de países extremamente pobres²¹. Além da introdução de novos códigos aos programas, as forças de resistências fazem uso de mecanismos como o bloqueio dos pontos de conexão entre redes que as controlam e que, conseqüentemente, compartilham valores com as forças dominantes²². De modo mais radical as ações dos movimentos de resistência podem atingir proporções materiais na sociedade em rede, através de ataques físicos e psicológicos ao transporte aéreo, a redes informáticas, aos sistemas de informações ou a redes de serviços essenciais para a vida em uma sociedade em rede (CASTELLS, 2009).

Uma característica central da sociedade em rede é que tanto as dinâmicas de dominação quanto as de resistência estão baseadas na formação de rede e na estratégia de ataque e defesa mediante as redes²³. Castells (2009) considera que

¹⁹ A capacidade de programação das redes se apresenta como uma grande fonte de poder na dinâmica das redes, essa capacidade depende em última instância da possibilidade de gerar, difundir e por em prática os discursos que caracterizam a ação humana. Sem esta capacidade discursiva, a programação das redes concretas é frágil e depende unicamente do poder dos atores sociais atrincheirados e das instituições.

²⁰ A conexão de diferentes redes requer a capacidade de construir uma interface cultural e organizativa, um idioma comum, um meio comum, o apoio de um valor que é universalmente aceito: o valor de troca. O poder da conexão depende da capacidade para gerar valor de troca.

²¹ Essa demanda foi alcançada, parcialmente, por intermédio do movimento Jubileu 2000 (Castells, 2009).

²² Como exemplo, temos uma proposta de lei implementada por movimentos sociais nos EUA que influenciou em uma decisão do congresso norte-americano que consistia no rompimento de uma conexão entre os oligopólios de comunicação e o governo (Castells, 2009).

²³ Os atuais movimentos de resistência ao poder se organizam na forma de rede e se expressam por meio das redes. São verdadeiras redes de informação sustentadas pelas tecnologias da informação e

esse movimento representa uma continuidade da experiência histórica de sociedades anteriores, como na sociedade industrial onde as fábricas e grandes empresas organizadas verticalmente funcionaram como base material do desenvolvimento tanto da burguesia industrial como do movimento dos trabalhadores.

De forma análoga, hoy em dia las redes informáticas para los mercados financieros globales, los sistemas transnacionales de producción, las fuerzas armadas <<inteligentes>> com alcance global, las redes terroristas de la resistencia, la sociedad civil global y los movimientos sociales en red que luchan por un mundo mejor forman parte de la sociedad red global. Los conflictos de nuestra época se dirimen entre actores sociales em red que pretendem llegar a sus bases de apoyo y a sus audiências mediante la conexión decisiva com las redes de comunicación multimedia(Castells,2009. p. 81).

Prosseguindo nosso estudo acerca das relações de poder na sociedade em rede, podemos salientar a importância da comunicação no que tange a dinâmica dessas relações. Segundo Castells (2009) historicamente os discursos possuem o poder de modelar a mente da sociedade, como exemplo o autor faz referência ao poder da opinião pública que ele a definiu como sendo um conjunto de valores e marcações que tem grande visibilidade na sociedade, e conseqüentemente tem influência sobre o comportamento individual e coletivo. A partir da constatação do poder da comunicação, Castells (2009) acredita que o advento da sociedade em rede e sua dinâmica de programação e conexão ampliaram o potencial da comunicação. O autor entende que através desses mecanismos, as redes de comunicação conectam o local e o global, propagam mensagens pelas mais diversas redes e desse modo alcançam uma dimensão global.

Castells (2009) caracteriza esse novo sistema de comunicação como versátil, diversificado e aberto, capaz de integrar mensagens e códigos de qualquer origem, abrangendo a maior parte da comunicação socializada em suas redes multimodais e multicanalizadas. Castells (2009) acredita que o poder na sociedade em rede é o

da comunicação. Entre os movimentos que apresentam essa estrutura temos: o movimento anti-globalização (uma rede local-global organizada e articulada via internet e estruturalmente conectada com uma rede midiática), a Al Qaeda - e as organizações veiculadas a ela – (uma rede constituída por múltiplos nós, com uma pequena coordenação central e diretamente conectada as redes midiáticas) e os movimentos ambientais (uma rede local arraigada e conectada globalmente que pretende mudar a mentalidade da população com a finalidade de influenciar nas decisões políticas para salvar o planeta ou o próprio bairro) (Castells, 2009).

poder da comunicação. O autor descreve a dinâmica da comunicação na sociedade em rede da seguinte forma: *En la sociedad rede, los discursos se generan, difunde, debaten, internalizan y finalmente incorporan en la acción humana, en el ámbito de la comunicacion digital multimodal, incluyendo los médios de comunicación e Internet* (Castells, 2009. P.85).

Com o objetivo de caracterizar o exercício de poder das redes de comunicação dentro da lógica de funcionamento das redes, Castells (2009) propõe um estudo dessa relação a partir de quatro formas de poder distintas (baseadas na teoria das redes): *o poder da rede*²⁴, *o poder de conectar em rede*²⁵, *o poder em rede*²⁶ e *o poder para criar redes*²⁷. Segundo o autor, as redes de comunicação multimídia exercem o *poder da rede* especificamente sobre as mensagens que transmitem, uma vez que as mensagens devem adaptar-se aos protocolos comuns de comunicação inscritos na estrutura e na gestão das redes. O protocolo de comunicação comum criado pelas redes foi o formato digital, que inicialmente fora pensado como um mecanismo de controle das mensagens, porém, esse protocolo não inibiu o poder da mensagem, uma vez que a princípio tudo pode tornar-se digitalizado.

Essa medida acabou por gerar um efeito oposto, uma vez que o fenômeno da digitalização ampliou a difusão da mensagem para além do controle de qualquer poder. Para Castells (2009) *la digitalización equivale a una posible difusión viral a través de las redes globales de comunincación. Esto es my positivo si lo que se queire es difundir um mensaje, pero devastador si no se queire que se difunda* (Castells, 2009. p.537). Desse modo, o poder da rede exercido pelas redes de

²⁴ Poder da rede é o poder das normas da rede sobre seus componentes embora este poder favoreça em última instancia os interesses de um conjunto específico de atores sociais na origem da formação de uma rede e do estabelecimento de normas (protocolos de comunicação).

²⁵ Poder de conectar em rede se refere ao poder dos atores e organizadores de promover uma conexão que incluía as redes que constituem o núcleo da sociedade em rede global ou pessoas que não estão integradas a elas.

²⁶ Poder em rede se refere ao modo como as forças de poder, ou seja, o poder dominante e as resistências ao poder dominante atuam dentro das redes, ou ainda, é a forma de poder que determinados nós exercem sobre outros nós dentro de uma rede.

²⁷ Poder de criar redes diz respeito à capacidade de constituir redes e programar/reprogramar as redes segundo os objetivos que lhe são designados, além da capacidade de conectar diferentes redes e assegurar a cooperação por meio do compartilhamento de objetivos e da combinação de recursos e, além disso, evitar o embate contra outras redes por meio de uma cooperação estratégica.

comunicação digital assume uma nova forma: há uma eliminação do controle sobre a distribuição de mensagem. Essa mudança contrasta com o tradicional *poder da rede* desempenhado pelos meios de comunicação de massa, que formatam a mensagem para uma audiência, de acordo como os interesses e estratégias empresariais.

Na lógica das redes de comunicação, o *poder de conectar em rede* consiste na capacidade de deixar que um meio ou uma mensagem entre na rede mediante o procedimento de filtro de acesso (*gatekeeping*). Os responsáveis pelo funcionamento de cada rede de comunicação são os denominados *gatekeepers*, ou seja, eles quem impedem ou permitem o acesso às plataformas dos meios e as mensagens que serão transmitidas na rede. Diante desse poder de filtragem surge uma força de resistência que Castells (2009) denomina como autocomunicação de massa (os usuários da rede / produtores de conteúdo independente), a partir de uma visão Negriana podemos entender esses usuários como sujeitos biopolíticos que utilizam a rede como espaço de produção imaterial (conteúdo biopolítico) contrapondo as forças dominantes e as próprias estratégias do sistema.

A atuação dessas subjetividades junto à rede, gera impactos em relação à capacidade de filtro das mensagens, uma vez que devido à própria natureza da estrutura de rede da internet a informação é capaz de alcançar um nível global e sobrepor os mecanismos de filtragem das mensagens. Para Castells (2009) apesar dos movimentos de resistência na internet romperem com a dinâmica de poder das filtragens, esse mecanismo ainda apresenta um considerável *poder de conectar em rede*, uma vez que a comunicação socializada é transmitida através dos grandes meios de comunicação de massa e os sites de informação mais populares na web ainda estão sob o domínio de grandes empresas que atrelam a suas marcas as fontes de mensagem. Além disso, o controle de alguns governos sobre a Internet e a tentativa de empresas em manter as redes de telecomunicações sob domínio privado, mostram que os filtros seguem desempenhando o *poder de conectar em rede*.

Já o *poder em rede* nas redes de comunicação pode ser entendido como o poder de estabelecer uma agenda, tomar decisões editoriais e de gestão em organizações

que controlam e administram as redes de comunicação multimídia. Os atores sociais que desempenham essa modalidade de poder (estabelecem a agenda de comunicação) nas redes de comunicação, ou seja, os responsáveis pela produção de notícias são os chamados *los programadores* (entre eles estão: o governo, as elites sociais; os proprietários das redes de comunicação, os executivos, os jornalistas entre outros). Segundo Castells (2009) cada rede possui seu programador que por sua vez interage com programadores de outras redes, diante disso, podemos dizer que os próprios programadores constituem uma rede: uma rede responsável pelas decisões no que tange a configuração e administração dos programas de uma rede. O poder desses programadores é garantir o cumprimento dos objetivos da rede, que são fundamentalmente atrair o público, aumentar o poder de influência sobre eles, produzir cultura e por fim subordiná-los aos interesses das redes.

Prosseguindo o estudo, iremos analisar o poder das redes de comunicação relacionando-o ao conceito de *poder para criar redes*, ou seja, a capacidade de configurar e administrar uma rede, no caso da comunicação, uma rede multimídia, uma rede de comunicação de massa. Castells (2009) entende que o *poder para criar redes* está concentrado nas mãos de uma minoria (os conglomerados, acionistas e sócios), os denominados *metaprogramadores*, que por sua vez criam redes e as administram com o objetivo de maximizar os benefícios no mercado financeiro, aumentar o poder das empresas estatais, além de atrair, criar e manter uma audiência com a finalidade de acumular capital financeiro e capital cultural. Com o advento das novas tecnologias de comunicação como a internet, os *metaprogramadores* ampliaram suas estratégias de atuação, Castells (2009) afirma que o desenvolvimento da web 2.0²⁸ e da web 3.0²⁹ oferece uma extraordinária

²⁸ O termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web --tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A idéia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo (folha de São Paulo on-line). Segundo Tim O'Reilly "Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva". A Web 2.0 está basicamente centrada nos mecanismos de busca como Google e nos sites de colaboração do internauta, como Wikipedia, You Tube e os sites de relacionamento social, como o Facebook (RIBEIRO, 2007).

²⁹ O termo Web 3.0 foi empregado pela primeira vez pelo jornalista John Markoff, num artigo do *New York Times* e logo incorporado e rejeitado com igual ardor pela comunidade virtual. A Web 3.0

oportunidade de negócio para os grandes criadores de redes, ou seja, possibilita a implantação da estratégia denominada *mercantilización de la libertad: cercar los terrenos comunales de la comunicación globales a cambio de renunciar a su privacidad y de convertirse em objetivos publicitarios* (Castells, 2009. p.540).

Após o estudo acerca das dinâmicas de poder nas redes de comunicação é possível inferir que esse processo acaba por gerar um processo dialético entre as forças que dominam o poder nas redes de comunicação e as forças de resistência a esse poder. No contexto das novas tecnologias de comunicação (internet) essa dialética ocorre da seguinte maneira: quanto mais as empresas (*metaprogramadores*) investem na expansão das redes de comunicação, mais as pessoas constroem suas próprias redes de resistência (auto-comunicação de massa) e desse modo ganham poder.

A dinâmica de atuação dessas duas forças ocorre da seguinte maneira: as redes empresariais multimídia globais (os atores que dominam o poder nas redes de comunicação) por meio de suas ações contribuem diretamente na formação ideológica da população, ou seja, *transforman a los seres humanos em audiência vendiéndonos las imágenes de nuestras vidas* (Castells, 2009. p.541). Contrapondo as intenções das forças dominantes, as novas subjetividades de resistência (auto-comunicação de massas) encontram nas novas redes de comunicação a capacidade de produzir e difundir seus próprios conceitos e idéias, desafiando desse modo o controle empresarial da comunicação e criando novas relações de poder na esfera da comunicação; essa dialética de poder existente nas redes de comunicação também pode ser compreendida a partir dos conceitos de multidão e império (Negri, 2006) discutido anteriormente neste estudo.

propõe-se a ser, num período de cinco a dez anos, a terceira geração da Internet. Esta inovação está focada mais nas estruturas dos sites e menos no usuário. Pesquisa-se a convergência de várias tecnologias que já existem e que serão usadas ao mesmo tempo, num grande salto de sinergia. Banda larga, acesso móvel à internet, e a tecnologia de rede semântica, todos utilizados juntos, de maneira inteligente e atingindo a maturidade ao mesmo tempo. Assim, se passaria da World Wide Web (rede mundial) para World Wide Database (base de dados mundial), de um mar de documentos para um mar de dados. Quando isso começar a acontecer de forma mais intensa, o próximo passo, num prazo de cinco a dez anos, será o desenvolvimento de programas que entendam como fazer melhor uso desses dados.

6 BLOG

6.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

O termo “blog” vem de “weblog”, contração de “web” e “log” (diário ou bloco de anotações). Segundo Malini (2007) essa terminologia foi primeiramente usada por Jorn Barger em 1997 para referir-se ao seu jornal on-line *RobotWisdom*. Malini (2007) afirma que o blog era, na prática, uma coleção de links com comentários breves.

Barger ficava o dia inteiro garimpando notícias, informações, casos etc, que publicava na forma de comentários breves com disponibilização dos links desses dados, sem a existência de mecanismos de conversação com o usuário (particularmente, os comentários). O modelo de Wisdom consistia em uma produção que mais atualizava *links* do que criava conteúdos próprios (*posts* entradas compostas por textos, fotos, ilustrações, links) (MALINI, 2007.p.234).

Naquela época, fim dos anos 90, os weblogs pouco se diferenciavam de site comuns na web. Devido essa semelhança, autores como David Winer, consideram que o primeiro weblog foi o primeiro site da web mantido por Tim Berners Lee, no CERN (European Organization for Nuclear Research). Este pensamento é justificado devido esse primeiro site ter desempenhado a função de apontar todos os novos sites que eram colocados no ar, uma dinâmica característica da blogosfera.

Os blogs criados nesse período caracterizavam-se por apresentar uma linguagem hipertextualizada. Entre os anos de 97 e 99, o assunto recorrente nos blogs girava em torno de dicas acerca de informações interessantes que circulavam pela web. Malini (2007) considera o postlink como sendo o primeiro gênero narrativo dos weblogs, além disso, o autor entende que esse estilo de post apresenta uma relação direta com a cultura hacker (de troca de informação relevante).

O conteúdo dos primeiros blogs era, em sua maior parte, uma mistura de links com comentários feitos de acordo com o gosto de cada editor. Algum tempo depois, esses blogs passaram a deixar um bom número de seguidores pelo fato de que eles providenciavam uma seleção única de conteúdo novo e atrativo para um segmento da população on-line que tinha gostos parecidos. (PAQUET, 2002, on-line apud FOLLETO, 2009).

Malini (2007) caracteriza esse primeiro momento da história dos blogs como Fase Filtro. Para o autor, os weblogs funcionavam como verdadeiros filtros de links, os donos desses primeiros sites desempenhavam o papel de guias, conduzindo os usuários sempre a outros sítios de informação, nessa fase o desejo de tornar o veículo um instrumento de formação de opinião ainda estava por vir. Malini (2007) caracteriza esse momento da história dos blogs como o do surgimento do código de conduta “*blogueiro linka blogueiro*”. Recuero (2003) compartilha dessa idéia, porém, complementa-a afirmando que nesse período, além do conteúdo dos blogs serem baseados em *links* e dicas de *websites* pouco conhecidos (Blood, 2002, *online*), também apresentavam comentários, logo, funcionavam como publicação eletrônica³⁰. Este argumento contrapõe o mito de que os blogs foram criados exclusivamente para desempenharem o papel de diários eletrônicos, a autora acredita que o formato diário surgiu ao mesmo tempo em que o filtro.

O ano de 1999 é marcado pela profusão do gênero blog na web, esses dispositivos de comunicação foram rapidamente adotados e apropriados para os mais diversos usos. Como consequência dessa popularização, Peter Merholz divide o termo weblog em “we blog” (*nós blogamos*), criando ao mesmo tempo a palavra (*blog*), o verbo (*blogar*) e o sujeito (*blogueiro*). A profusão dos blogs nesse período está diretamente relacionada ao surgimento das ferramentas de publicação baseadas na Web. Elas facilitaram o uso e a manutenção desses sites, visto que através do uso dessas ferramentas os usuários não necessitavam mais ter o conhecimento da linguagem HTML. O primeiro programa desse tipo foi o *Pitas*, criado em julho de 1999, meses depois a empresa *Pyra* lançou o famoso *Blogger*, que atualmente é propriedade do Google, e consolidou-se como o mais popular sistema de publicação on-line até hoje.

O conhecimento da linguagem HTML era uma barreira constante para o aumento do número de usuários, que só foi quebrada com o surgimento das ferramentas dos sistemas baseadas na Web, como o *Blogger* e o *Groksoup*, lançados pela *Pyra* em Agosto de 1999. (Recuero 2003 ONLINE).

³⁰ Publicações Eletrônicas segundo Recuero (2003) são *weblogs* que se destinam principalmente à informação. Trazem como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do *blog*. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam.

O surgimento e a conseqüente apropriação dessas novas ferramentas pelos usuários provocaram transformações no conteúdo, na estrutura e na própria rotina de funcionamento desses sites. Segundo Blood (2000), com a entrada em cena do Blogger, em 1999, os blogs passaram a ser atualizados várias vezes por dia e o conteúdo que anteriormente apresentava como tema central os pensamentos do “blogueiro”, passou a relatar situações ocorridas no ambiente de trabalho, acontecimentos do fim-de-semana ou reflexões sobre assuntos específicos. Malini (2007) complementa o pensamento de Blood (2000) ao afirmar que a interface do *Blooger* acabou por dar vazão à emergência de uma nova linguagem blogueira: o diário online.

As facilidades de publicação conjugadas ao fato de o *Blogger* não conter nenhum dispositivo de censura do que está sendo escrito; e a um aumento da estada do usuário (principalmente os mais jovens) na Internet possibilitou que os blogs começassem a se caracterizar por comentários sobre os mais variados temas da vida pessoal — uma resenha de um filme, uma catarse, um poema, uma fofoca, um pensamento, uma recordação da infância, uma piada, uma informação sobre o cotidiano, um delírio, a visão sobre as aulas da faculdade, sobre os namoros, sobre estar doente, enfim, tudo aquilo que pertencia à dimensão singular é tornada pública (MALINI, 2007. P.238).

Malini (2007) destaca que é nessa fase que o *blog passa a ser* associado à cultura do diário pessoal. Para ele, os diários apresentam uma grande importância na linguagem blogueira ao ponto de serem responsáveis pela criação de dois elementos que caracterizam a cultura dos blogs: a escrita informal e a conversação (ambos conseqüentes um do outro). A escrita apresenta um caráter informal ou “leve” principalmente pelo fato do editor discorrer sobre assuntos íntimos, sobre seus afetos e suas afecções. No plano da internet o diário torna-se um ato público, disponível e exibido a uma audiência global, com isso, o blog diário fica situado diante de uma comunidade de leitores. O surgimento dessas comunidades de leitores é conseqüência do mecanismo de comentários, inaugurado pelos sistemas automáticos de publicação. É por meio desse mecanismo que ocorre uma interação entre editor e audiência caracterizando um ato de conversação.

Muitas vezes a conversação é usada para que o usuário firme revele ou altere pontos de vista já enraizados sobre determinados assuntos que estão na ordem do dia. A produção lingüística dos blogs diários revela-se ao mesmo tempo como autoreflexão e uma reflexão coletiva (MALINI, 2007. P.239).

Nessa fase também temos a formação da estrutura de publicação dos blogs que perdura até os dias atuais, um formato composto por conteúdos breves (a arte de produzir *posts* curtos); atualizados continuamente, uma ou até várias vezes ao dia; apresentado numa ordem cronológica inversa (no topo do site, nota mais recente, com dia, data e hora) e com a presença de muita hipertextualidade.

Nos primeiros anos do século XXI, vemos a evolução dessa ferramenta de comunicação e a descoberta do seu potencial midfático. O marco dessa fase denominada por Malini (2007) como fase informativa foi à cobertura realizada pelos blogueiros durante os atentados de 11 de setembro de 2001. Enquanto os noticiários da televisão dedicavam-se a cobertura ao vivo dos acontecimentos e os grandes portais devido o enorme quantidade de acessos entravam em colapso, os blogs cumpriam o papel de mídia alternativa. Era uma pluralidade polissêmica – contidas em textos, imagens, áudio e vídeo. Além das tradicionais opiniões e testemunhos contidos nos diários, os blogs disponibilizavam narrativas testemunhais numa edição em estado bruto (Malini, 2007.p.244). A participação blogueira na cobertura dos acontecimentos referentes aos ataques de 11 de setembro, anunciava uma nova era da informação, a partir desse momento a internet tornava-se o centro responsável pela produção das principais informações sobre grandes acontecimentos (MALINI, 2008).

A mais recente tendência no universo blogueiro tem sido a de profissionalização. De acordo com Malini & Waichert (2009), nessa fase o blogueiro assume a postura de profissional, sendo conhecido no meio de atuação como *probblogger*. Busca por meio de sua publicação obter proventos financeiros. O marco dessa fase é a criação de programas que permitem inserção de anúncios publicitários nas páginas e o lançamento do Wordpress³¹.

Essa inclinação ao profissionalismo e a preocupação com lucros são explicadas pela migração de audiência, que, por sua vez, estabeleceu um regime de atenção na mídia on-line. Segundo Granieri, “a atenção também possui um valor econômico, visto que significa maior receita publicitária,

³¹Wordpress é um sistema de gerenciamento de conteúdos na web, escrito em PHP e corrido em MySQL, especialmente para a criação de blogs. WordPress foi criado a partir do já desaparecido b2/cafelog e é hoje, junto com o Movable Type, o mais popular na criação de Weblogs. As causas do seu rápido crescimento são, entre outras, seu tipo de licença (de código aberto), sua facilidade de uso e suas características como gerenciador de conteúdos. Criado por Ryan Boren e Matthew Mullenweg, é distribuído sob a GNU General Public License sendo gratuito.

maiores vendas e, em todos os casos, maior poder” (GRANIERI, 2006, p. 41). O autor também alerta que, na maioria dos casos, a busca por maiores verbas publicitárias (seguida do aumento de audiência) nunca foi aliada de conteúdos de qualidade, pois se passa a produzir com o intuito de gerar audiência em detrimento da qualidade (MALINI & WAICHERT 2009. P.13).

6.2 BLOG: DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Os blogs são considerados dispositivos de comunicação bem maleáveis e para o melhor esclarecimento sobre as inúmeras funcionalidades desses dispositivos podemos recorrer às classificações primárias fornecidas pelos programas e ferramentas responsáveis por sua criação. Segundo Barbosa e Silva (on-line), o blog pode ser dividido basicamente em duas variantes estruturais e duas variantes de gênero. Entre as variantes estruturais, temos os denominados *Blogs Individuais*. Nessa categoria a responsabilidade de postagem de conteúdo é exclusiva do criador do blog (embora em certos blogs alguns visitantes tenham a possibilidade de publicar comentários em espaços determinados). A maioria dos blogs individuais são de caráter diário ou pessoal. Segundo BLOOD (2000), os diários apresentam um conteúdo centrado no mundo exterior, distinguem-se dos demais por possuírem textos mais extensos e com conteúdos mais centrados.

O segundo variante estrutural são os denominados *Blogs Coletivos*, neles mais de uma pessoa tem a opção de realizar as postagens. Nesta categoria, o criador do blog tem a opção de controlar a dinâmica de postagem permitindo que múltiplos autores motivados por interesses em comum participem da construção do site. Os blogs de caráter coletivo convertem-se em hipertextos cooperativos: “todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento” (Primo, 2003). Para Recuero (online) em blogs coletivos os participantes têm acesso às interfaces de edição e configuração da página através de uma senha individual, onde seus membros podem enviar *links*, arquivos ou comentários promovendo uma cultura de grupo, ou “uma voz informal de um projeto, ou um departamento para intrusos”.

Em relação as variante de gênero, começaremos com os *Blogs Temáticos*, que podem ser formulados de modo individual ou coletivo e são concebidos a partir de

assuntos/ temas específicos ou vinculados a áreas de interesse comum. Outra subdivisão para os blogs denominados *temáticos* é a *K-logs (knowledge weblogs)*, páginas que possuem informações e temas específicos, voltados para grupos de interesse. Podemos incluir nessa categoria os blogs com propósito educacional, político, pedagógico, jornalístico e até os blogs LGBT, objeto de nosso estudo.

A outra variante de gênero de grande importância são os *Blogs Livres*, de modo redundante podemos definir esses espaços de publicação como ambientes onde a preocupação é não deter-se a assuntos específicos, o importante é promover uma multiplicidade de temas e assuntos em discussão. Essa postura libertária está diretamente associada às características próprias de uma página pessoal, por se tratar de uma forma livre de anotação, o autor tem a possibilidade de incluir o que bem entender em seus posts, desde criações literárias, resenhas de filmes, fotografias, atualização de notícias, diários, entre outros assuntos de seu interesse.

Também podemos compreender o blog a partir de três concepções distintas, formuladas por Amaral, Montardo & Recuero (2009). Inicialmente, podemos apontá-los a partir de uma definição conceitual construída a partir de sua estrutura de funcionamento. Blood (2002) defende essa concepção ao afirmar que o formato é o elemento comum existente entre as diversas formas de uso dos blogs. Entre as características estruturais ela destaca os textos colocados no topo da página e freqüentemente atualizados, bem como uma lista de links apontando para sites similares. Tal percepção vai constituir o blog como uma estrutura característica em um website. Esse pensamento é defendido por Schmidt (2007) que entende que os blogs são:

Websites freqüentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som, etc) são postados em uma base regular e posicionados em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual, que são identificados com uma URL única (Amaral, Montardo & Recuero. 2009. P.30).

Segundo Amaral, Montardo & Recuero (2009) a quantidade de elementos que compõe essa definição é bem variada. Alguns autores consideram que a ferramenta de comentários é um fator crucial para a definição estrutural de um blog, enquanto outros discordam desse pensamento e questionam se o grau de freqüência pode ser

considerado um fator relevante. A maioria dos autores opta por uma concepção estrutural mais objetiva, como Gilmore (2004) que defende a ideia de que um blog pode ser definido a partir de uma concepção estrutural tendo como características: a presença de links e de textos curtos (posts) publicados em ordem cronológica reversa e Barbosa (2003) que propõe, a partir do conceito estrutural, a visão do blog como uma ferramenta que facilita a publicação pessoal, anexando à estrutura o caráter da personalidade (Amaral, Montardo & Recuero, 2009). Por fim, a definição estrutural pode ser entendida como aquela que compreende o blog como uma página web pessoal atualizada frequentemente, com entradas datadas organizadas em ordem cronológica reversa, contendo, na maioria dos casos, espaço para comentários dos usuários. Além disso, podemos defini-la com uma interface de edição simplificada, através da qual o blogueiro pode inserir novos conteúdos sem a necessidade de escrever qualquer tipo de código em HTML, o que é possível graças ao uso de Sistemas de Publicação de Conteúdo (FOLETTI, 2009).

Outra concepção tende a compreender os blogs a partir de sua funcionalidade. A partir dessa perspectiva o blog é visto primordialmente como um meio de comunicação, um produtor de conteúdo. Para a Marlow (2004) o blog é considerado uma mídia, porém, uma mídia alternativa que apresenta características que as difere das demais. Ele destaca o caráter social dos blogs, entende que esses dispositivos de comunicação digital criam uma dinâmica comunicacional dentro da rede, seja por meio dos textos publicados ou através das ferramentas de comentários disponíveis nesses dispositivos. “Weblogs constituem uma conversação massivamente descentralizada onde milhões de autores escrevem para a sua própria audiência” (Marlow, 2004.p.3 apud Amaral, Montardo & Recuero. 2009). A concepção do blog partindo de uma perspectiva funcional amplia o significado desse dispositivo para além de sua estrutura, o blog passa a ser compreendido como uma ferramenta de comunicação utilizada como forma de publicar conteúdo para uma audiência.

Complementando essa concepção funcional acerca dos blogs, Amaral, Montardo & Recuero (2009) entende que os blogs podem ser vistos como meio de práticas jornalísticas, seja através de relatos opinativos, seja através de relatos informativos. Outra proposta englobando a concepção funcional é a possibilidade de pensarmos essa ferramenta como um espaço de sociabilidade, como constituinte de redes

sociais. Amaral, Montardo & Recuero (2009) considera que tanto na definição estrutural quanto na funcional o blog é visto como uma ferramenta capaz de gerar uma estrutura característica, constituída enquanto mídia, ou seja, enquanto ferramenta de comunicação mediada pelo computador. A percepção do blog como uma ferramenta, dá contornos genéricos às concepções propostas, uma vez que engloba todos os usos que um usuário pode fazer do sistema.

Uma terceira concepção proposta por Amaral, Montardo & Recuero (2009) tende a compreender os blogs como artefatos culturais, uma percepção advinda de um olhar antropológico e etnográfico, “representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio-histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que inter-atuam com as TICs³²” (ESPINOSA, 2007, p.272 apud Amaral, Montardo & Recuero (2009)). O uso do termo artefato cultural nesse contexto pode ser entendido da seguinte maneira:

Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados produzido por uma comunidade de idéias. Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não violento, não religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas autoreferências e narrativas mutuamente definidoras, mais do que cria uma narrativa mestra linear. (...) [sua legitimação se dá] pelas práticas vividas das pessoas que os criaram (Shah, 2005 apud Amaral, Montardo & Recuero, 2009).

Ao compreendermos os blogs como artefatos culturais, entendemos que eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. A percepção dos blogs como artefatos, amplia nossa visão acerca dessa ferramenta ao ponto de a considerarmos um repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, sendo assim capaz de recuperar seus traçados culturais. “Blogs, se observados enquanto artefatos culturais podem revelar diferentes idéias de por que as pessoas blogam e quais são os motivos do meio – ciberespaço – que eles herdaram” (SHAH, 2005 APUD AMARAL, MONTARDO & RECUERO, 2009).

Outro modo de compreendermos essa ferramenta de comunicação, além da interpretação sob um viés estrutural, funcional ou como artefato cultural, é através

³² Tecnologia da Informação e Comunicação

da percepção dos usos e das apropriações dessa ferramenta por parte de seus usuários. Inicialmente, Amaral, Montardo & Recuero (2009) apontam em seus estudos uma perspectiva de uso e apropriação dos blogs que os compreendem como ambientes de construção de estruturas sociais, redes sociais e espaços de conversação. Também indicam o uso dos blogs como espaços jornalísticos e citam como exemplo, os blogs de cobertura de eventos, guerras e os de caráter político.

Outra utilização apontada pelas autoras é o realizado pelas organizações. Segundo ela, essa apropriação ocorre em três níveis. Um primeiro nível tem como objetivo fins institucionais (blog corporativos), esse tipo de uso permite uma maior interatividade e instantaneidade na comunicação da organização com os públicos internos (colaboradores, acionistas) e externos (fornecedores, clientes finais, possíveis investidores) da organização. O segundo tipo é o que atende a fins promocionais das organizações, nesse caso os dispositivos de comunicação são utilizados como método de pesquisa mercadológica junto ao público ou são criados para promover determinados produtos e serviços, como uma ação de marketing viral em blogs. Por fim, o terceiro nível é aquele que busca na proliferação dos blogs uma oportunidade de tomá-los objetos de percepção e análise de risco para imagem das organizações, por meio da elaboração de ontologias em torno do negócio ou das áreas de interesse do cliente (AMARAL, MONTARDO & RECUERO 2009).

Outros usos citados pelas autoras são: os blogs como espaço de produção literária, blogs como forma híbrida de entretenimento divulgação de informação e de marketing, como no caso dos blogs de música, blogs de moda e o blog mesmo como ferramenta produtora de moda. Além disso, elas destacam como tendência a presença de blogs voltados para a educação e os destinados a pessoas com necessidades especiais (PNE). Uma tendência de uso citada pelas autoras e que merece destaque em nosso trabalho é a apropriação dessa ferramenta como espaço de expressão de gênero e identidade, uma vez que o objeto de estudo de nosso trabalho são blogs que abordam essa temática, mais precisamente os blogs temáticos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) que tratam questões relativas a essa força social.

6.3 BLOGS TEMÁTICOS LGBT

Como discutido anteriormente, o blog ao longo de seu processo histórico consolidou-se como um dispositivo de comunicação democrático, devido principalmente a sua facilidade de manuseio e sua adaptação aos mais diversos usos. A proposta central de nosso estudo consiste em analisar a apropriação do blog como espaço de expressão de gênero e identidade, mais propriamente a apropriação por parte dos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Inicialmente apresentaremos uma pesquisa de caráter empírico e analítico acerca da blogosfera LGBT brasileira, com as seguintes finalidades: identificar os sujeitos que compõem essa blogosfera, por em pauta seus intenções e desejos e desse modo discutir questões referentes ao âmbito cultural e político em que estão envolvidos os LGBT. A partir da pesquisa empírica propomos a definição dos blogs temáticos LGBT como dispositivos de expressão da cultura subjetividade de gênero, uma compreensão advinda do pensamento cultural de Simmel (MATOS ALMEIDA, 1998) e por fim é realizada uma reflexão acerca da blogosfera LGBT brasileira, a partir de duas linhas e pensamento, a primeira de caráter ativista, e a segunda a partir de contornos filosóficos.

6.3.1 PERFIL DA BLOGOSFERA LGBT

Com a finalidade de traçar um perfil acerca das subjetividades que compõem a blogosfera LGBT brasileira elaboramos uma categorização dos blogs que estão incluídos na pesquisa. Essa categorização teve com critérios de filiação as motivações expressas nos posts, as características dos autores, a temática desenvolvida nos blogs entre outros critérios. A pesquisa apresenta um total de 165 (cento e cinquenta) blogs que foram divididos nas seguintes categorias: *Blogs Temáticos de Nicho (tabela 1)*, *Blogs Temáticos Gerais (tabela 2)*, *Blogs Ativistas (tabela 3)*, *Blogs Confessionais (tabela 4)* e *Blogs para Usuário Fãs (tabela 5)*.

1. TEMÁTICOS DE NICHOS

Essa categoria compreende os blogs que apresentam conteúdos direcionados a grupos segmentados existentes dentro da cultura gay. Nessa categoria encontramos principalmente blogs direcionados as denominadas subculturas das comunidades LGBT, logo, grupos de menor expressão dentro da comunidade e que vêem o blog como um importante dispositivo de expressão. Para esses grupos essa mídia funciona com um elemento representativo dentro da web, palco de discussão e expressão de suas crenças, estilos, preferências sexuais, concepções políticas e ideológicas.

Entre os segmentos LGBTs que utilizam o blog como um mecanismo de comunicação, estão os bear (*gays gordos e peludos*), os Crossdresser (*homossexuais que gostam de se vestir como o sexo oposto de forma temporária e eventual*); os travestis, as lésbicas; os transexuais, as barbies (*homossexual fortes, bombados*) os gays gospel (*membros de igrejas inclusivas que aceitam indivíduos homossexuais*) entre outros. Os blogs temáticos de nicho têm como principal objetivo desmistificar preconceitos, estereótipos relacionados à população LGBT e suas sub-culturas. Entre os objetivos expressos nas descrições dos blogs estão: troca de experiências pessoais, auxílio teológico e psicológico, a produção e tradução de conteúdo diverso para servir de base a reflexões e conhecimento, bem como desmistificar velhos conceitos, tabus e paradigmas.

Entre as subjetividades que compreendem os blogs temáticos de nicho podemos ressaltar a produção das blogueiras lésbicas. É grande a quantidade de blogs voltados para o universo lésbico no contexto da blogosfera LGBT brasileira. Segundo dados do portal Parada Lésbica, que cadastra as publicações em seu Diretório de Blogs, existem aproximadamente 190 blogs lésbicos no Brasil. A intensa produção de conteúdo voltado para essas subjetividades tem sido motivo de protesto por parte de usuários contrários a esse discurso na web. A denúncia de usuários ao *Blogger* (ferramenta de publicação de blogs do Google) tem gerado a exclusão e a censura de blogs lésbicos. Diante dessa situação, as blogueiras lésbicas criaram o *movimento de combate a homofobia no blogger* (figura 2) campanha contra a exclusão de blog lésbicos, realizada por meio de um abaixo-assinado de protesto à postura do *Blogger* diante do caso.



Figura 1 – apresentação do blog gospelgay



Figura 2 - Selo do Movimento: combate a homofobia no Blogger.

2. TEMÁTICOS GERAIS

Nessa categoria estão incluídos os blogs temáticos LGBT que abordam a homossexualidade sem segmentação, apresentando um conteúdo mais diversificado e abrangente. Esses blogs possuem um caráter popular e uma grande comunidade de leitores. O conteúdo veiculado nesses blogs abrange os mais diversos assuntos, desde questões políticas até posts referente à moda e a especificidades da cultura gay. Eles cumprem o papel de verdadeiros prestadores de serviço à comunidade LGBT ao abordarem em seus posts assuntos como: política de gênero, questões referentes à saúde dessa população, discussões sobre comportamento gay,

homofobia, casamento gay entre outros temas que permeiam esse universo, como ilustra o post a seguir.

Acaba de ser lançado em Brasília, pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. A principal bandeira do projeto é o reconhecimento dos direitos civis de casais homossexuais, equiparando-os aos direitos já garantidos aos heterossexuais. Entre estes está o tão sonhado benefício da adoção. Outras metas são: o fim da perseguição e criminalização de militares homossexuais; a produção de material didático sobre os temas que envolvem a questão para orientar professores; a articulação de uma rede nacional de combate à homofobia, lesbofobia e transfobia; o estímulo ao turismo LGBT e o encaminhamento de mulheres transexuais e travestis condenadas para presídios femininos.³³

Os blogs denominados temáticos gerais são considerados referências no universo LGBT devido sua grande visibilidade dentro da comunidade lgbt virtual. Por conseguinte, eles funcionam como instrumentos de divulgação de produtos e serviços ligados a essa população. Nos blogs pesquisados temos o caso de boates gays que sorteiam entradas para leitores do blog (figura 3); realização de promoções e concursos culturais que oferecem convites para shows e eventos (figura 4), além de revistas, sites e livros voltados para o público homossexual que ganham espaço em posts e são recomendados aos leitores do blog.

Promoção Relâmpago: B&B

08/10/2009 por Dé



Quer ir no 1º Baile de Máscaras da Bojangles, com show de Angela Jackson e Gogo Boys, de graça pelo Babado Certo?! Pois é, meu beimm, a boate nos deu para sortearmos 7 cortesias para o sábado (10). Na verdade, deu 10, mas nós já estamos es-nosses, porque não-estmos-mortas, néam?! Para ganhar é só mandar um e-mail para o endereço el_de_seo@hotmail.com com o título "**Promoção**", mais seu nome completo e telefone (para colocarmos na lista amiga do Babado) no corpo do texto. Os primeiros a enviar ganham! Não é demais?!

Até sexta-feira a noite, os vencedores receberão um e-mail confirmando (não divulgaremos dado nenhum aqui no blog). E é 1, é 2, é 3... VALENDO!

Figura 3 – Promoção do blog babadocerto.wordpress.com

³³ Trecho disponível na internet em <http://www.botadentro.com/2009/05/governo-lanca-plano-em-prol-da.html>

Concurso Cultural – Erótika Fair



Quer ganhar de presente um par de ingressos para a Erótika Fair? O Blog Passageiro do Mundo em parceria com os idealizadores do evento lhe dá esse presente. Para isso, basta responder a pergunta abaixo nos comentários do post "15ª Erótika Fair". O autor da melhor resposta, junto com o seu acompanhante, poderá conferir todas as atrações disponíveis no Erótika Hot.

Qual fantasia sexual você ainda não realizou?

As respostas serão aceitas até as 23h59min do dia 07 de outubro. A melhor resposta será divulgada no dia 8 de outubro, abaixo da resposta é necessário deixar um endereço de email para contato.

Figura 4 – Promoção do blog passageirodomundo.blogspot.com

Outro aspecto relevante encontrado em blogs genéricos são as resenhas e as críticas feitas por seus autores sobre livros, música, filmes, eventos e acontecimentos políticos. Este fato demonstra o poder de opinião desses influentes blogueiros diante da comunidade LGBT, abaixo temos o trecho de uma crítica feita por um blogueiro sobre um filme temático LGBT.

Primeiro filme lançado no Brasil com o selo "Filmes do Mix", "**De repente, Califórnia**" (Shelter, 2007), trata de um fato delicado a muitos homossexuais ao redor do mundo: **a descoberta da sexualidade num meio tão pouco tolerante à diversidade**. [...] O longa, que tem direção e roteiro de Jonah Markowitz, traça de forma muito delicada a questão do amor gay surgido no meio hétero e tem a proeza de nos fazer pensar: quantos de nós já não sentimos algo parecido por um amigo? E quantos meninos e meninas não encaram essa situação e na maioria das vezes se afastam de seu grupo para não ter que dar explicações? **Talvez, a homofobia social e cordial seja a mais perversa, pois ela não mostra a cara e ataca de forma rasteira, pelas costas**. Fora o roteiro bem produzido e de fácil assimilação, vale destacar a fotografia impecável de "De repente, Califórnia". **Aliás, outro lado positivo é a estética do filme: sem a pretensão de ser "cult" ou "under", ela é linear e nem por isso comum**. A trilha sonora também é empolgante e chega a nos emocionar em várias cenas.

3. BLOGS ATIVISTAS

Os blogs temáticos LGBT que possuem esse perfil denominado como ativista desempenham um papel de mobilizadores sociais dentro da blogosfera LGBT

brasileira. Normalmente são blogs administrados por grupos organizados no ambiente off-line (figura 5), como coletivos culturais, entre eles o **coletivo kiu**³⁴ (coletivokiu.blogspot.com), movimentos organizados e pontos de cultura como o **SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade** (somosglbt.blogspot.com). Nessa categoria também estão incluídos blogs mantidos por usuários não vinculados a instituições, essas subjetividades LGBT podem ser denominadas como os novos militantes em referência a definição elaborada por Lazzarato (2006). Esses grupos e novos militantes fazem uso desse dispositivo de comunicação como um espaço destinado à difusão de opiniões, idéias, programas e campanhas. Entre as formas de mobilização realizadas por esse blogs, temos a criação e divulgação de campanhas, elaboração de posts informativos, divulgação de paradas gays, esclarecimentos sobre direitos LGBT, saúde preventiva entre outros assuntos. Por meio do blog e do potencial de alcance da rede mundial de computadores, esses movimentos tem a oportunidade de alcançar uma maior visibilidade diante do movimento LGBT, da sociedade e podem assim alcançar novos ativistas.

A partir de uma análise conceitual desse blogs, podemos notar que os posts são mais extensos, apresentam um conteúdo de caráter altamente reflexivo. Como exemplo, temos o texto sobre o tema homofobia postado no blog (coletivolgbtufrgs.blogspot.com) um coletivo lgbt do sul do país. No texto os editores esclarecem aos seus leitores o significado do termo homofobia e estimulam uma reflexão mais crítica acerca da postura dos próprios LGBT diante dessa questão *“Significa refletirmos sobre como e porque aos homossexuais são negados os mesmos direitos do quais gozam @s heterossexuais. Significa pensar sobre a importância d@s homossexuais se manifestarem livremente e desafiarem as estruturas da ordem heteronormativa.*

O conteúdo dos posts nesses blogs gira em torno dos direitos homossexuais, comportamento, política. As postagens não apresentam uma periodicidade definida, isso pode ser justificado pelo fato dos assuntos que são tratados nesses blogs não apresentarem um caráter unicamente factual (representado principalmente por notas - pequenas postagens), as postagens são bem elaboradas, apresentam uma discussão e estimulam a reflexão de seus leitores.

³⁴ Coletivo Universitário pela Diversidade Sexual - KIU! Criado em Salvador em princípios de 2004, a partir da associação de estudantes da UFBA e da UCSAL.

No blogroll (gestão de links) desses blogs, há divulgação de informações sobre movimentos que apóiam a causa LGBT, centros de referência, além disso, disponibilizam esse espaço para divulgação de campanhas e protestos.



Figura 5 - E-JOVEM uma rede nacional de adolescentes e jovens ativistas

Um ponto interessante de nossa pesquisa são os blogs ativistas que tiveram sua criação no próprio ambiente virtual. Entre eles, temos o blog *30ideias.blogspot.com* formado por meio da união de blogueiros que decidiram elaborar uma lista de idéias para ajudar a causa LGBT. O blog funciona como um guia aos LGBT, apresentando 30 (trinta) idéias para ajudar a causa LGBT. Essas idéias abrangem todos os âmbitos da vida, desde questões pessoais, relativas à saúde, ao direito, a política entre outros temas, abaixo temos a 10ª idéia.

“10º - Sofreu perseguições, humilhações, foi despedido por conta da sua orientação sexual? Reúna provas e testemunhas (ambas são indispensáveis!), procure um advogado e corra atrás dos seus direitos. Para quem não tem condições financeiras de bancar um advogado, a Defensoria Pública presta assistência jurídica gratuita e tem defensores especializados em LGBTs. O processo judicial levará tempo, mas a vitória proporcionará a reparação dos danos e ainda servirá de exemplo – para quem sofre processar, e para quem persegue pensar duas vezes”.³⁵

³⁵ Disponível na internet em <http://30ideias.blogspot.com/>

Em outro caso, temos um blog que foi criado por um site de música como forma de divulgação de uma parada gay, porém, após o evento, o blog continuou no ar e atualmente reúne textos sobre temas relacionados à causa LGBT.

Direito a igualdade Social (por Carlos Eduardo Oliveira) A maioria das pessoas pensam que ser gay e usar uma peruca, uma maquiagem, e ficar no salto. Mas vai muito, além disso: Ser gay e ter a responsabilidade de não denegrir a nossa imagem perante a sociedade. Respeitar o direito de ser feliz a partir do momento em que começa a liberdade do próximo. Para termos o respeito devemos nos dar o respeito. Pensam alguns que gays são pessoas promiscuas, com a mente cheia de imagens libertinas. Mas ser gay vai muito mais além queremos amar e ser amados e viver uma vida comum como todos os mortais. Por isso vamos fazer por onde trazer de volta o orgulho de ser gay e assumir uma posição que não choque a sociedade e mostre que somos seres humanos comuns, que pagamos impostos trabalhamos e temos acima de tudo um coração que quer amar sem discriminar.³⁶

4. BLOGS CONFESSIONAIS

Os blogs que estão situados nessa categoria também podem ser definidos como blogs diários, cujo conteúdo das postagens gira em torno de assuntos íntimos, pessoais e acontecimentos do cotidiano. Esses blogs apresentam as características clássicas de um blog diário, blog como um espaço pessoal, como um espaço de narrativa de si (AMARAL, MONTARDO & RECUERO 2009).

Em nossa pesquisa iremos apontar as peculiaridades resultantes da apropriação dessa modalidade de blog pelos LGBT. Iremos pontuar alguns aspectos percebidos nesses blogs entre eles o fato alguns blogueiros recorrem a apelidos, pseudônimos relacionados à sua sexualidade como forma de manter o anonimato em suas postagens. Uma característica muito constante encontrada nos blogs confessionais foram à troca de selos entre blogs, prática que culturalmente representa uma forma de reconhecimento e prestígio diante da blogosfera, a diferença é que nesse blog encontramos selos diferentes como mostra a figura 6, selo *blogue de veado*.

³⁶ Disponível na internet em <http://www.paradag.com.br/blog/direito-a-igualdade-social>



Figura 6 - selo Blogue de veado.

Os textos veiculados nesses blogs apresentam um caráter libertador, não há filtragem em relação às palavras e as expressões que serão utilizadas. As subjetividades LGBT vêm no blog um espaço onde sua sexualidade, ansiedades, medos, pensamentos, experiências ou simplesmente seu dia-a-dia podem ser compartilhados com outras singularidades de forma livre e sem censura. Para ilustrar nosso pensamento iremos recorrer a estilos de post encontrados nesses blogs, entre os estilos de postagem temos *o confessional*, *o conto* e *o irônico*. No post confessional o blogueiro expõe de forma franca os assuntos relativos à sua vida pessoal, produz reflexões e manifesta de forma espontânea seus pensamentos e idéias. Podemos verificar essas características nos dois posts a seguir, no primeiro um crossdresser faz reflexões sobre sua imagem diante da sociedade e no outro um adolescente gay manifesta sua condição sexual a seus leitores.

[...] Exteriorizando isso ou não... Não vai ser a minha maquiagem, ou minhas roupas que vão fazer de mim mais ou menos homem. Estando maquiada ou não, por dentro vou continuar querendo sempre estar assim. E posso garantir que a luta para guardar isso dentro de mim é infinitamente maior do que qualquer luta para me expor à outras pessoas. [...] E no geral, eu opto por ficar triste sozinha, e poupar as demais pessoas que amo de se sentirem assim também. E acabo voltando mais uma vez para dentro da minha "caixinha" de homem, esperando a próxima angústia, e tudo recomeçar... [...] ³⁷

[...] Sou gay há uns anos (lol), isto é: sei que sou gay há uns anos, quando tive uma paixoneta por um homem de 20 e tal anos, eu tinha 8 lol! A partir daí percebi que gostava realmente de homens e não de mulheres! E até

³⁷ Disponível na internet em <http://crossdressworld.blogspot.com/2009/10/minha-batalha-diaria.html>

hoje não estou arrependido lol. Tenho um tio também gay, tem cerca de 40 anos e é uma ótima pessoa, como eu lol[...]³⁸

Já no *post conto*, o autor expressa sua subjetividade por meio de um texto onde as narrativas de caráter real e ficcional se entrelaçam. O blogueiro usa de sua capacidade de organizar realidades para construir narrativas que expressem seus desejos e fantasias. Em muitos casos faz o uso de personagens para provocar uma identificação com seus leitores, essa identificação pode se dá por equivalência ou como forma de uma realização transgressora. (RODRIGUES, 2003). Abaixo temos dois exemplos desse estilo de postagem, o primeiro descreve uma relação afetiva entre duas mulheres e o segundo narra as aventuras de uma personagens lésbica.

[...] a fiz descer da moto e nos encostamos no muro enquanto ela sugava meus seios sua mãos procurava minha bucetinha que já estava totalmente molhada..eu abri levemente minhas pernas e ela escorregou seus dedos em meu grelhinho totalmente duro esfregando ele, hora esfregava hora enfiava dentro dela me levando a êxtase..eu numa fome louca dela abri suas calças e meti minha mãos dentro e procurei sua buceta que estava completamente molhada..começamos a nos masturbar ali em pé encostadas no muro nos beijando e nos masturbando sem se importar se passava [...]³⁹

Sapatongue estava cansada de não fazer nada. Essas férias superprolongadas com ausência de aventuras trouxeram-lhe à tona uma palavra de arrepiar a periquita: atrofiação. Pior do que a imagem de um sapo virando príncipe, era a sua língua de sapa ficando miúda. Mas tudo era fruto da imaginação perturbada de uma lésbica sem rumo. E então já que ainda perambulava pelo velho continente, pegou uma daquelas passagens de EU 2,99 e se mandou para Londres. Inglês é o básico e ia ser mole, mole e úmido aprender a língua. [...]E lá foi ela ao *Candy Bar*, no famoso bairro gay da metrópole. Numa rápida metralhada, seu olhar captou, dentre tantas dykes indefinidas, uma moça, sozinha, bebendo, no balcão. Tava fácil. [...] Não gastou nem 1 minuto com beijos na boca e outras carícias – foi descendo, Tateando linguisticamente até chegar no alvo certo.⁴⁰

Outro estilo de subjetividade característico da blogosfera LGBT pode ser identificado por meio do *post – irônico*. Nesse tipo de postagem o blogueiro abusa do tom humorístico e sarcástico em seu texto como forma de expressar sua resistência a padrões sociais ou até mesmo para expor de forma irônica comportamentos típicos da cultura gay.

³⁸ Disponível na internet em <http://adolescentegay92.blogspot.com/2009/02/um-pouco-de-mim.html>

³⁹ Disponível na internet em <http://fazendomanha.blogspot.com/2008/12/na-rua.html>

⁴⁰ Disponível na internet em <http://sapatongue.wordpress.com/2009/03/27/sapatongue's-adventures/>

Me intriga pai e mãe que não permite o filho (no caso a filha) sair ou conversar com maus elementos (no caso : gays = viados e lésbicas = sapatão)."-Não conversa com ela minha filha, ela tem essa doença horrível que pode te infectar." "-Não vai ouvir esse cd (Ana Carolina) do capeta na casa da Maria João não! Isso é coisa de sapatão! E filha minha não é isso!" "-Nem sonhando você vai dormir na casa dessa coisa!! Não quero filha minha sendo corrompida pelas garras do demônio!!" Devido a tantos perigos na sociedade e vizinha, papais e mães ocupadas colocaram uma babá para seus filhinhos : A televisão.⁴¹

E macho que é macho tira a água da altura do joelho! Yes, porque macho de verdade, não se constrói só com pose e atitude. Tem que ter um mega pênis que bate na altura do joelho. PS: pau grande é coisa de macho! [ora, poupe-me] Mas, confesso que to loco pra ver a bengala do "meu" Peão Dotado. Pessoalmente, nunca vi um grande (ok, na academia eu vi, e como era grande... Afe. Mas pegar, não. Aiai, vê só eu assumindo meu lado piranhete total) Suspiro (de dor).⁴²

Um ponto interessante encontrado entre os blogs confessionais refere-se à linguagem e ao estilo textual apresentado em alguns blogs. Como exemplo, temos o blog www.pegaytion.blogspot.com, em que o autor anônimo escreve suas experiências sexuais na cidade de São Paulo em forma de poesia.

Para o universo pegaytion
A quaresma começa
Depois de Corpus Christi
Só que não vai
Durar 40 dias

Entre forasteiros
E nativos
A pegaytion rolou solta
Nesses dias
Pré-parada SP

Quarta teve
Uma edição extra
Do clube na sauna
Primeiro fui catado
Por um daqueles
Com Déficit de Atenção Sexual
Ou seja
Apesar de ser bem gostoso
Foda em ritmo de twitter
Não me satisfaz⁴³

⁴¹ Disponível na internet em: <http://vaigina.blogspot.com/2009/08/midia-gay.html>

⁴² Disponível na internet em: <http://cajunopoco.blogspot.com/2009/09/vou-tirar-agua-do-joelho.html>

⁴³ Disponível na internet em <http://pegaytion.blogspot.com/2010/06/pegaytion-pride.html>

5. BLOGS PARA USUÁRIOS FÃS

Nesta categoria de blog, o conteúdo predominante nas postagens gira em torno do mundo das celebridades, ícones gays, acontecimentos da TV, cinema, música. Conta com recursos áudio visual e fotos para ilustrar as postagens. Possui uma periodização constante por se tratar em sua maioria de notícias descartáveis, por exemplo, em um dos blogs pesquisados (*muzablog.blogspot.com*) durante o mês de janeiro de 2010 foram realizadas 90 entradas, uma média de três postagens/dia. Analisando a quantidade de postagem no ano de 2009, um total de 1384, uma média de 115 postagens/mês.

O diferencial dos blogs usuário-fã em relação a outros de entretenimento/ fofoca é a linguagem utilizada por seus autores, que abusam do humor gay e do tom sarcástico em seus posts. Além disso, nos blogs pesquisados encontramos gírias típicas do universo gay como: *baphão*, *beesha phina*, *babados*, *katchigurias*, *as bee adoram*, *bafos antigos*, *batchi cabelo*, *bibinhas*, *uó* e *Elza* entre outras, presente em posts e sendo utilizados como nomenclatura de colunas e links.

6.3.2 DESEJOS E ANSEIOS DA BLOGOSFERA LGBT EM POSTS

No segundo momento de nossa pesquisa, temos como objetivo por em pauta os desejos e anseios da blogosfera LGBT brasileira. Para tanto iremos recorrer à análise conceitual dos posts que são veiculados nesses blogs temáticos. O *post* pode ser definido como uma forma textual característica dos blogs, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog⁴⁴. Além dessa definição, podemos considerar o *post* como produto resultante do trabalho imaterial a partir do pensamento de Negri & Hardt (2005), ou ainda como a forma concreta de expressão das singularidades. Acreditamos que por meio da análise dessa modalidade textual e dos discursos que permeiam o seu conteúdo é possível captarmos os desejos e as intenções que movimentam e estimulam a produção dessas subjetividades.

⁴⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog> - acessado em 24/03/2010

Os discursos recorrentes na blogosfera LGBT e expressos na forma de *posts* giram em torno de temáticas como a diversidade sexual, a liberdade de expressão, a busca da visibilidade dessa força social e política, a igualdade de direitos, a mudança de pensamento, a quebra de paradigmas, a difusão da cultura de gênero, o comportamento desse público, a opinião do cotidiano a partir do olhar LGBT entre outros assuntos. Para a melhor compreensão optamos por categorizar as postagens nos seguintes estilos: Post Diversidade, Post Desabafo, Post Visibilidade, Post Conscientização e Post Comportamento.

- **Post diversidade:** o discurso de valorização da diversidade é recorrente na história do movimento LGBT global e perpetua-se junto à blogosfera LGBT. Diante do atual modelo sóciopolítico, repleto de contradições, em que a diferença não é mais vista como algo negativo, o ideal de luta pela valorização da diversidade adquire força para desconstruir os paradigmas criados pelo sistema de subordinação heteronormativo. A promoção do respeito à diversidade em todos seus âmbitos apresenta-se como um forte discurso e proporciona um diálogo com as demais forças sociais. Os *posts* abaixo apresentam como conteúdo temático a diversidade. No primeiro texto há um questionamento acerca de atitudes preconceituosas em relação aos diferentes modos de vida e no post seguinte há discurso que prega a defesa e o desejo pelo respeito à diversidade.

Bom, quando o assunto é preconceito, fico me questionando o que faz uma pessoa menosprezar a outra por aquilo que justificam como "diferença". Seja diferença social, cultural etc. Fico me questionando que prazer há em humilhar alguém pela sua opinião cultural. Para mim ser gay não significa ter uma opinião sexual diferente, até porque sou gay e continuo sendo homem. Este é o meu princípio, homem, e não vale conjugar de outra forma. Até porque não existe outra forma, somos homens e mulheres, de uma cultura diferente e por isto seremos crucificados?⁴⁵

Eu, sinceramente, não tenho a menor vontade de viver em um mundo que fosse todo gay. Acho que seria chato demais. Não gosto de pasteurização. Gosto dos opostos, gosto das diferenças, gosto dos contrastes, gosto da diversidade.⁴⁶

⁴⁵ Disponível em <http://baugay.blogspot.com/2009/10/somos-todos-um-e-quem-duvida.html> - acessado 24/03/2010

⁴⁶ Disponível on-line em <http://www.noghetto.caixadepandora.com.br/2010/03/06/hipocritas-gracas-a-deus/> - acessado em 24/03/2010

- **Post Desabafo:** incluímos nesse estilo de *post* textos de caráter crítico e reivindicatório. Textos em que os LGBT expressam de forma direta os problemas que enfrentam no cotidiano social devido principalmente a sua subjetividade sexual. Nesses *posts*, são apontados às dificuldades enfrentadas por eles no que tange a sua sociabilidade e a expressão de sua sexualidade. Esse estilo de *post* além de apresentar um caráter auto – reflexivo acaba por estimular uma reflexão coletiva acerca dos problemas enfrentados pelos LGBT dentro da dinâmica social. Para ilustrar nossa concepção, os *posts* seguintes apresentam questionamentos acerca dos preconceitos sofridos pelos LGBT, esclarecimentos sobre o que significa identidade de gênero, além de críticas ao modelo de sociedade vigente.

Eu só quero viver minha identidade de gênero como todo mundo vive. Para quem não sabe, identidade de gênero não é uma coisa relacionada só à sexualidade. É global. É uma questão social, individual, funcional, conjugal, afetiva, cultural, corporal. É muita coisa envolvida. Se fosse só por sexo, eu preferiria passar o resto da minha vida SEM SEXO a precisar enfrentar a cabeça QUADRADA e PRECONCEITUOSA da sociedade.⁴⁷

Mas é bem verdade que a marginalização dos homossexuais dos espaços urbanos acaba os jogando para guetos que não são convidativos à exploração de uma sociabilidade e uma afetividade mais prolífica. Ora, gay, para se beijarem ou para fazerem um carinho qualquer que sedimenta uma relação mais séria, precisam ou da casa de alguém ou de motel ou da boate. Não estou dizendo que a exploração da sexualidade em determinados lugares gays é algo ruim, apenas estou dizendo que a falta de espaços de sociabilidade em que se vivencie a afetividade e a sociabilidade gays, acaba jogando-os para lugares escuros e marginais em que a subjetividade sexual é mais premente.⁴⁸

Esses defensores do preconceito, na prática, estão defendendo e aprovando as humilhações, os espancamentos e os assassinatos de indivíduos "homoeroticamente inclinados". Ou seja, como sempre, em nosso país, nem sempre o crime é crime, depende de quem o pratica. Lê-se [...] que o homófobo é um cidadão de bem, apesar de humilhar, espancar e até matar pessoas homoeroticamente inclinadas. Não sou dado a efusões; mas não posso evitar: "Ai, que vergonha eu sinto deste meu país!"⁴⁹

⁴⁷ Disponível on-line em <http://notasimpacientes.wordpress.com/2010/02/18/desabafo/> - acessado em 24/03/2010

⁴⁸ Disponível on-line em http://evolucaolgbt.blogspot.com/2010/02/e-o-meio-gay-podre-parte-i_20.html

⁴⁹ Disponível on-line em <http://consciencialesbica.blogspot.com/2009/12/o-patria-amada-idolatrada-e-homofobica.html> - acessado em 24/03/2010

- **Post Visibilidade:** na descrição dos blogs temáticos gays a palavra visibilidade é recorrente, traduzindo assim um dos principais desejos dessa blogosfera. São denominados *posts* visibilidade aqueles que têm como objetivo difundir a cultura gay, suas manifestações e suas conquistas. Esses *posts* têm a finalidade de promover atos políticos e culturais como as famosas paradas gays. Informar os resultados obtidos pelos movimentos organizados, apontar as pautas relacionadas aos LGBT que estão em discussão no campo político e social, além de esclarecer aos leitores a importância das manifestações como forma de dar visibilidade a esse público. Os *posts* seguintes explicam a importância dos protestos como ferramenta para alcançar visibilidade e ressaltam a importância de autoridades que se posicionam a favor da causa LGBT.

Uma parada da diversidade é como uma grande festa, como um carnaval, que traz **visibilidade** a esse seguimento da sociedade: LGBT's e simpatizantes. Na verdade não luta diretamente por direitos legislativos: não dá para fazer isto dançando atrás de um trio elétrico na multidão. Mas clama por reconhecimento de sua natureza frente à sociedade, para quem esta é direcionada. É como um "*Nós estamos aqui e merecemos mais direitos, afinal somos seres humanos também*".⁵⁰

Direitos concedidos ou não, é inegável que Obama é o presidente mais simpático aos LGBTs que os EUA já tiveram, e que é importantíssimo que um dos mais influentes políticos do mundo se posicione a seu favor. O discurso de ontem, definitivamente, já entrou para a história, mesmo que alguns estejam insatisfeitos com as muitas promessas e poucas atitudes.⁵¹

- **Post Conscientização:** como a própria nomenclatura sugere, as postagens que apresentam esse caráter têm como objetivo promover uma conscientização política e social tanto dos LGBT quanto das demais singularidades presentes na sociedade. Entre os assuntos encontrados nesse estilo de *post* está a reivindicação por direitos que não são acessíveis e comportados a essa força social, textos que visem conscientizar o público LGBT da importância da produção discursiva como forma de promover uma

⁵⁰ Disponível on-line em <http://notasimpacientes.wordpress.com/2009/09/26/a-importancia-de-lutar-pelos-nossos-direitos/> - acessado em 24/03/2010

⁵¹ Disponível on-line em <http://homomento.wordpress.com/2009/10/11/destaque-da-semana-muita-visibilidade/> - acessado em 24/03/2010

mudança de pensamento. Além disso, esclarecimentos sobre as formas de preconceitos enfrentadas por esse público, como a homofobia e suas conseqüências. Os *posts* abaixo reforçam nosso pensamento e traduzem um dos desejos da blogosfera LGBT brasileira, promover uma conscientização coletiva e conseqüentemente alcançar uma mudança de pensamento.

Por fim, convém lembrar que acho que já está na hora de mudarmos o disco de "você concorda ou discorda da homossexualidade?" Até porque, você concordando ou não com o que os outros são ou fazem na cama, não vai mudar em nada o fato de eles continuarem existindo enquanto tal antes de você chegar na Terra, durante sua estada aqui e quando você partir daqui. Portanto, penso que o debate agora não é se você concorda ou não, acha certo ou não, mas sim, em entender a natureza humana como um todo em sua multiplicidade de manifestações.⁵²

Nada mais nada menos do que, para os homossexuais, são efetivamente suas manifestações emotivas mais comuns. Independente dos encontros íntimos, realizados consensualmente por dois indivíduos em busca de satisfação de seus desejos, o que homens e mulheres gays buscam e se mobilizam cada vez mais é justamente ter o mesmo direito que heteros, quando envolvidos em suas comoções coletivas, se permitem: externarem seus afetos sem se sentirem julgados ou ameaçados ao abraçar e beijar o amigo demonstrando alegria e contentamento.⁵³

Outra instituição que me deixa furioso é a Igreja, e sua hipocrisia. Sempre que falamos de direitos homossexuais, a Igreja sempre vem se manifestar nos apontando o dedo, dizendo que somos contra a natureza, e que destruímos a instituição que é a família. Nós? Nós destruímos a instituição familiar? Muitos de nós só estamos em busca de montar nossa própria família e nada, mas, não precisamos da aprovação da Igreja.⁵⁴

- **Post Comportamento:** as postagens que compreendem esse estilo têm como pauta assuntos referentes ao modo de vida levado pelas inúmeras subjetividades (subculturas) pertencentes ao universo LGBT. São colocados em discussão suas dinâmicas relacionais, os conflitos e as alegrias resultantes das relações homo afetivos, além de peculiaridades que compreendem esse universo. Esses *posts* apresentam um caráter altamente cultural, aspecto que contribui diretamente na desmistificação de velhos conceitos, tabus e paradigmas relacionados à população LGBT. O primeiro

⁵² Disponível on-line em <http://evolucalgbt.blogspot.com/2010/03/chico-xavier-homossexualidade-e-os.html> - acessado em 24/03/2010

⁵³ Disponível on-line em <http://homofobiajaera.wordpress.com/2010/01/22/como-sabemos-que-somos-do-bem/>

⁵⁴ Disponível on-line em <http://respeitogay.blogspot.com/2009/12/casamento-gay.html> - acessado em 24/03/2010

post apresenta explicações acerca da origem do termo Lésbica e seus desdobramentos enquanto no *post* seguinte há um esclarecimento sobre os modelos de relação existentes no universo sexual LGBT.

[...] o preconceito contra o homossexualismo feminino ainda persiste na sociedade e nas leis que ainda fecham os olhos para sua existência. [...] A expressão lesbianismo deriva de Lesbos, ilha grega que tinha como chefe uma poetisa de nome Safo. Esta musa escreveu versos que contam livremente o amor entre mulheres e, seus amores e paixões por sua companheiras (seis séculos atrás). Daí os nomes safismo, sáfico, safista e lesbismo, lesbianismo, lesbiana, lésbica, passaram a ser usados como sinônimos de tribadismo (ato de uma mulher “roçar” em outra).⁵⁵

Na relação homossexual existem três padrões básicos. Os que preferem ser ativos [...] os passivos. Os versáteis. Por causa da nossa cultura machista, muitos gays supervalorizam sua condição de ativo e gostam de desqualificar os passivos. Alguns homossexuais e pessoas que desconhecem a realidade do gay associam ser passivo com ser feminino, o que não é verdade. Existem muitos gays ativos que são efeminados bem como existem muitos gays passivos masculinizados. Além do uso das genitálias para fazer sexo, há muita troca de carinho nas suas relações sexuais.⁵⁶

A partir da análise do conteúdo discursivo produzido por essa blogosfera, podemos afirmar que os desejos e anseios dessas subjetividades perpassam pelos âmbitos político, cultural e social. O discurso que ecoa nessa blogosfera busca a igualdade de direito entre as singularidades sociais, a liberdade de expressão, a mudança de concepções que subordinam os homossexuais frente ao pensamento heteronormativo. Além disso, prega a valorização da diversidade e acredita no poder da produção discursiva como ferramenta de transformação social.

6.3.3 BLOGS LGBT - DISPOSITIVOS DE EXPRESSÃO DA CULTURA SUBJETIVA DE GÊNERO

A noção de blog como um artefato cultural possibilita a ampliação do debate acerca do significado e da importância dos blogs temáticos LGBT dentro dinâmica da blogosfera brasileira, uma vez que eles passam a ser analisados para além da lógica

⁵⁵ Disponível on-line em <http://lesboworldblog.blogspot.com/2010/01/homossexualidade-feminina.html> - acessado em 24/03/2010

⁵⁶ Disponível on-line em <http://tvhg.blogspot.com/2010/03/enquete-passivo-ou-ativo.html> - acessado em 24/03/2010

estrutural e funcional. A partir dessa perspectiva, os blogs temáticos LGBT podem ser compreendidos como verdadeiros espaços de expressão da cultura subjetiva de gênero. Para a melhor compreensão do que vem a ser cultura subjetiva de gênero, iremos fazer uso da definição desse termo tendo como base o pensamento de Simmel, que inicialmente definiu cultura de gênero como um conjunto articulado e articulável de idéias, padrões de comportamento e valores que definem posições, lugares, papéis e funções que serão caracteristicamente atribuídos e “cultivados” por um ou por outro sexo, e que cumpririam a tarefa de marcar social, situacional e historicamente um determinado plano relacional de gênero (MATOS ALMEIDA, 1998).

Além disso, iremos recorrer ao plano cultural elaborado por Simmel (MATOS ALMEIDA, 1998) que estuda a cultura de gênero a partir de duas dimensões. A primeira é a “cultura objetiva de gênero” que durante muitos anos fora apresentada pela “cultura fálica de gênero”, de caráter patriarcal, marcado por uma profunda hierarquização entre os papéis, lugares e funções masculinas e femininas, com prevalência e valorização do sexo masculino. A segunda é a denominada “alternativas culturais subjetivas de gênero” que seriam construídas a partir de diferentes inserções identificatórias de gênero, pertinentes a cada grupo diferenciado de pessoas em suas próprias dinâmicas de gênero, é nessa dimensão cultural que estão inseridos os sujeitos que compõem a força social atuante na blogosfera LGBT brasileira.

Diante dessas considerações, podemos recorrer à análise dos conteúdos veiculados nos blogs temáticos LGBT e reafirmá-los como espaços de produção e de expressão de culturas subjetivas de gênero. Como exemplo, temos o blog “*Confissões Agrídoces*” que em sua descrição se apresenta com um espaço de caráter mais plural com o intuito de ajudar a minimizar o fosso de escassez de informação rica e preciosa sobre transexualidade no ciberespaço de língua portuguesa e afirma que tem como um de seus ideais a produção e tradução de conteúdos diversos para servir de base a reflexões e conhecimento, bem como desmistificar velhos conceitos, tabus e paradigmas⁵⁷, outro blog que reforça nosso

⁵⁷ Descrição do blog *Confissões agrídoces*. Disponível on-line em <http://aquariodasereia.blogspot.com/p/apresentacao-e-disclaimer.html> - acessado em 10/03/2010

pensamento é o blog “*Homofobia já era*” que em sua descrição afirma ter como objetivo primordial criar uma memória permanente e dinâmica da cultura gay, identificando-a além dos limites dos fatos ou pessoas relacionadas ao meio homossexual⁵⁸.

Para reforçarmos a importância da atuação dos LGBT no que tange a produção discursiva em blogs podemos fazer uso do pensamento do Simmel (MATOS ALMEIDA, 1998), que justifica a predominância da cultura objetiva de gênero frente às culturas subjetivas de gênero devido à dimensão discursiva ter sido pouco ou nada desenvolvida pelas demais culturas. Para ele, a linguagem discursiva é um dos principais veículos responsáveis pelo progressivo processo de manutenção e elaboração cultural de gênero, um fator também responsável pela constituição identificatória de gênero e motor de possibilidade de ampliação da negociação democrática para outras esferas sociais. Diante disso vale ressaltar o papel da produção blogueira LGBT brasileira que através da expressão de suas linguagens, subjetividades, desejos, símbolos, anseios e pensamentos, contribuem diretamente para que as mensagens, os simbolismos, as preferências e as novas ideologias de gênero sejam remodeladas.

⁵⁸ Descrição do blog *Homofobia Já era*. Disponível on-line em <http://homofobiajaera.wordpress.com/> - acessado em 10/03/2010

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento de nosso estudo, propomos uma reflexão acerca da blogosfera LGBT brasileira a partir de duas linhas de pensamento. A primeira perspectiva com traços ativistas, busca compreender a blogosfera LGBT brasileira como um movimento de resistência dentro da lógica de comunicação em rede, um olhar advindo das concepções de Castells (2009). Além disso, procura entender a blogosfera LGBT brasileira como uma rede e os blogueiros LGBT como novos militantes. Já em relação à segunda linha de pensamento, por ter como proposta uma reflexão de cunho filosófico, visa definir a blogosfera LGBT brasileira, seu funcionamento, seus discursos e as subjetividades que a constitui, a partir de referências conceituais discutidas no decorrer deste trabalho, entre elas os conceitos de biopolítica, trabalho imaterial e multidão.

A partir da linha de pensamento de caráter ativista, podemos recorrer ao pensamento de Castells (2009) que define o poder na sociedade em rede como um poder que tem como sua principal fonte a comunicação, e considerar a apropriação dos blogs por parte dos LGBT como a aquisição de uma importante modalidade de poder dentro desse novo modelo de sociedade. Lembrando que nos modelos de redes analógicas de comunicação, com destaque para os meios de comunicação de massa, os discursos dessas forças sociais eram filtrados e subordinados aos interesses dos poderes dominantes.

Os discursos contrários aos padrões impostos pelo poder constituído, como o discursivo produzidos pelos LGBT eram submetidos ao poder das redes de comunicação de massa que através de suas ferramentas de poder da rede (o controle do conteúdo das mensagens), do poder de conectar em rede (através do filtro, as mensagens eram difundidas de acordo com os interesses do estado, das empresas e dos mandos financeiros), poder em rede (poder de produção e veiculação da informação concentrado nas mãos de poucos entre eles jornalistas, editores ligados as grandes corporações) e pelo poder de criar redes (o domínio das tecnologias de informação, emissoras de TV, rádio, mídia impressa) mantinham

esses discursivos fora das redes de comunicação, portanto, distante da lógica do poder da comunicação. Na fase de predomínio das redes analógicas de comunicação à produção discursiva LGBT existia sob uma forma alternativa, segundo Lopez Louro (2008), na década de 70 um aparato cultural LGBT composto por revistas, artigos isolados em jornais, panfletos, teatro e arte começaram a surgir em países como Estados Unidos e Inglaterra, e no Brasil, a autora aponta que durante esse período o discurso homossexual teve um relativo espaço nas artes, na publicidade e no teatro.

Nossa perspectiva ativista entende que o advento desse novo modelo de comunicação baseado na internet, uma máquina de expressão de caráter descentralizado, potencializou e viabilizou a inserção desses atores sociais nas dinâmicas de poder das redes de comunicação. A partir da concepção desenvolvida por Castells (2009) acerca das novas dinâmicas de poder nas redes de comunicação, podemos definir que os blogs temáticos LGBT representam um movimento de resistência na rede. Por meio dos blogs, os discursos produzidos pelas subjetividades LGBT conseguem fugir do controle exercido pelas forças dominantes. Os conceitos e as idéias dessa força social rompem os filtros e conseguem potencialmente alcançar um nível global.

Ainda em uma linha de pensamento ativista, podemos propor uma concepção acerca da blogosfera LGBT brasileira a partir das considerações de Negri & Hardt (2005) sobre os movimentos organizados em rede e de Lazzaratto (2006) por meio do conceito de novo militante. Em relação aos movimentos organizados em rede, Negri e Hardt (2005) acreditam que esse modelo permite a um indivíduo ou a um grupo, tomar iniciativas e propor novas formas de ação de maneira mais flexível e responsável. Já em relação à figura do novo militante, Lazzarato (2006) o define como um experimentador capaz de exercer seu poder de luta desvinculado de instituições e partidos. Essas considerações possibilitam compreender a blogosfera LGBT brasileira como um movimento de luta organizado em rede e os blogueiros LGBT como novos militantes. Militantes que por meio de suas expressões singulares –tendo em comum o discurso em defesa das causas LGBT- e através da blogosfera, são capazes de bifurcar os fluxos de palavras de desejos, de imagens e colocá-las a serviço da potência de agenciamento da multiplicidade. Além disso, podemos

entender o blogueiro LGBT como novo militante à medida que este experimenta o blog como ferramenta de luta, incorporando desse modo à alma de experimentador, um dos valores circunscrito no conceito de novo militante (Lazzarato. 2006).

Já a partir de uma perspectiva filosófica, podemos inicialmente compreender os atores sociais que compõem a blogosfera LGBT brasileira como singularidades inseridas na figura ontológica da Multidão. Essa linha de pensamento tem como respaldo as definições elaboradas por Negri & Hardt (2006) acerca da origem da multidão no contexto pós-moderno. Segundo ele, essa figura monstruosa é uma criação do Império e representa o conjunto de todos os explorados e subjugados por esse sistema. É uma força biopolítica que se opõem diretamente ao modelo de poder imperial. Outra definição que justifica nosso pensamento é aquela que entende a constituição da multidão como resultado das revoluções do século XX. A partir dessa perspectiva histórica, podemos destacar o Movimento de Maio de 68 que teve como objetivo principal a liberação sexual e a auto-expressão. Além disso, podemos apontar nesse período o aparecimento dos primeiros movimentos sociais organizados favoráveis à causa LGBT⁵⁹. Além dessas correlações afirmativas, as vontades de poder da multidão, entendidas por Pelbart (2003) a partir de uma concepção nietzschiana como uma vontade que pretende ter como efeito a transvalorização dos valores, destruição e criação de novos valores, e, sobretudo o poder de apropriar-se das condições de produção de valor, também são compartilhadas pelos LGBT.

São inúmeros os argumentos que justificam a compreensão dessa força social junto ao conceito de Multidão, a definição primordial elaborada por Negri & Hardt favorece nosso pensamento. Os autores entendem que a multidão é composta por um conjunto de singularidades, singularidade que pode ser vista como um sujeito social cuja diferença não poder ser reduzida à uniformidade. Essa definição converge com a perspectiva de Louro Lopes (2008) acerca dos LGBT. Ela os define como figuras *Queer*, sujeitos da sexualidade desviantes, de caráter excêntrico, os diferentes que

⁵⁹ Castells (2000) afirma que embora a resistência à heterossexualidade compulsória tenha existido em todos os tempos e culturas, foi apenas nas três última décadas que movimentos sociais em defesa dos direitos lésbicos e gays e a afirmação da liberação sexual explodiram no mundo inteiro, começando nos EUA em 1969-1970, espalhando-se pela Europa, para em seguida tomar conta de quase todo planeta.

não desejam ser integrados e muito menos tolerados. A perspectiva do sujeito *Queer* é correlativa ao pensamento da multidão, uma vez que ambas as concepções não aspiram ao centro nem o querem como referência e desafiam as normas regulatórias da sociedade (LOURO LOPES, 2008). Ainda nessa linha de pensamento podemos inferir que a dinâmica de funcionamento da blogosfera LGBT brasileira é similar ao modo como a multidão produz a si mesma como singularidade, ou seja, através da cooperação, representada pela comunidade lingüística e desenvolvida pelos movimentos de hibridização (Negri e Hardt, 2005).

Prosseguindo em nossa linha de pensamento, iremos retomar os conceitos expostos por Pelbart (2003) e Negri & Hardt (2006) sobre biopolítica e trabalho imaterial. A partir desses conceitos, consideramos a produção discursiva da blogosfera LGBT brasileira como uma expressão de poder biopolítico, à medida que biopolítica pode ser compreendida como uma modalidade de poder que se expressa pela própria vida, não somente no trabalho e na linguagem, mas também nos corpos, nos afetos e nos desejos da sexualidade. Pelbart (2003) ao salientar o campo do desejo sexual como forma de expressão dessa modalidade de poder, nos permite definir os blogs LGBT e, conseqüentemente a blogosfera LGBT brasileira como uma rede biopolítica, ambientes de produção discursiva voltada para a expressão do desejo sexual como forma de poder. Já em relação ao conceito de trabalho imaterial formulado por Negri & Hardt (2006), a sua definição possibilita entender a produção discursiva dos blogs LGBT como uma forma de expressão de trabalho imaterial. Nesse contexto, o ato de blogar caracteriza-se como trabalho imaterial e o discurso temático LGBT como um resultado desse trabalho. Este pensamento é melhor traduzido, ao entendermos que o trabalho imaterial caracteriza-se por produzir, diferente do trabalho material, informação, imagem, conhecimento e essencialmente apresentar trações singulares.

Finalizando nossa linha de pensamento filosófica, podemos definir a blogosfera LGBT brasileira, a partir da perspectiva de Lazzarato (2006) como um devir. Essa concepção acerca da blogosfera LGBT brasileira pode ser compreendida ao recorrermos à definição de devir proposta pelo autor. Segundo ele, que nomeia devir como uma “instituição” e nós utilizaremos o termo rede referindo-se a blogosfera LGBT brasileira, devir é uma rede que não deve ser identificada com as instituições

do poder constituído, por tratar-se de uma rede paradoxal que caracteriza-se por ser tão móvel, falha, excêntrica, fraturada quanto os devires que irão favorecer. A partir dessas considerações a blogosfera LGBT brasileira ganha traços de um devir que abarca devires minoritários. O perfil traçado por nossa pesquisa, acerca das singularidades - devires minoritários- e dos discursos - diferente do discurso dominante - que compõem esse devir, demonstra o seu caráter paradoxal, excêntrico e nos permite definir a blogosfera LGBT brasileira como um ***devir desviante na web*** (LAZZARATO, 2006).

ANEXO I - TABELAS**Tabela 1: BLOGS TEMÁTICOS DE NICHOS**

1. <http://gospelgay.blogspot.com/>
2. <http://bearlicious.blogspot.com>
3. <http://consciencialesbica.blogspot.com/>
4. <http://culturaacd.blogspot.com/>
5. <http://aquariodasereia.blogspot.com/>
6. <http://oraculodelesbos.blogspot.com/>
7. <http://webears.blogspot.com/>
8. <http://fazendoestrelas.blogspot.com/>
9. <http://sapacity.wordpress.com/>
10. <http://sociedadelesbica.blogspot.com/>
11. <http://canoadememinhas.blogspot.com/>
12. <http://contraacorodoscontentes.blogspot.com/>
13. <http://sapatariadf.wordpress.com/>
14. <http://paigay.blogspot.com/>
15. <http://tranhomembrasil.blogspot.com/>
16. <http://diariotlover.com/>
17. www.lesboworldblog.blogspot.com
18. <http://bolacharecheada.wordpress.com/>
19. <http://avozdemilla.blogspot.com/>
20. <http://associacaodastravestisetransexuaisrj.blogspot.com/>
21. <http://lesboterapia.blogspot.com/>
22. <http://www.hdehomem.com/>
23. <http://meninasnaparede.wordpress.com/>

Tabela 2: BLOGS TEMÁTICOS GERAIS

24. <http://diversidade.wordpress.com/>
25. <http://www.alexandreferreiragaspar.blogspot.com/>
26. <http://www.noghetto.caixadepandora.com.br/>
27. <http://doqueosgaysgostam.wordpress.com/>
28. <http://kikoriaze.wordpress.com/>
29. <http://guialiquidificador.blogspot.com/>
30. <http://blogdodondiego.blogspot.com/>
31. <http://cartudos.blogspot.com/>
32. www.tvhg.blogspot.com
33. <http://sampadamaejoana.blogspot.com/>
34. <http://www.noticiag.blogspot.com>
35. <http://baugay.blogspot.com/>
36. <http://www.blog.revistaarcoiris.com.br/>
37. <http://binhosampa.blogspot.com/>
38. <http://chazinhogls.blogspot.com/>
39. <http://passageiromundo.blogspot.com/>
40. <http://sapatilhando.blogspot.com/>
41. <http://babadocerto.wordpress.com/>
42. <http://www.botadentro.com.br/>
43. <http://katiasteelmanwalker.blogspot.com/>
44. <http://doisperdidosnanoite.blogspot.com/>
45. <http://gustavodon.blogspot.com/> -
46. www.notasimpacientes.wordpress.com
47. <http://decoribeirol.blogspot.com/>
48. <http://fervorglbt.blogspot.com/>
49. <http://deunanetgay.blogspot.com/>
50. <http://evolucaolgbt.blogspot.com/br->
51. <http://gaysdedireita.blogspot.com/>
52. <http://ogurizao.blogspot.com/>
53. <http://memoriamhb.blogspot.com/> -
54. <http://generoplanalto.blogspot.com/>
55. <http://mundalternativo.blogspot.com/>
56. <http://superpride.blogspot.com/>
57. <http://qplaneta.blogspot.com/>
58. <http://queerconsumo.blogspot.com/>
59. <http://euporaquigay.blogspot.com/>
60. <http://queerandpolitics.wordpress.com/>
61. <http://gay1noticias.blogspot.com/>
62. <http://euvooucomerocudofreud.blogspot.com/>

Tabela 3: BLOGS ATIVISTAS

63. <http://30ideias.blogspot.com/>
64. <http://homofobiajaera.wordpress.com/>
65. <http://abrindoaroda.blogspot.com/>
66. <http://homomento.wordpress.com/>
67. <http://lgbtt.blogspot.com/> -
68. <http://www.santadiversidade.blogspot.com/>
69. <http://somosglbt.blogspot.com/>
70. <http://ocabideiro.blogspot.com/> -
71. <http://respeitogay.blogspot.com/> -
72. <http://qlsbr.blogspot.com/> -
73. <http://coletivokiu.blogspot.com/> -
74. <http://e-camps.blogspot.com/> -
75. <http://grupoe-jovem.blogspot.com/>
76. <http://carlosalexlima.blogspot.com/> -
77. <http://resfolegando.blogspot.com/> -
78. <http://www.comerdematula.blogspot.com/>
79. <http://www.maringay.com.br/> -
80. <http://www.memoriamhb.blogspot.com/>-
81. <http://luizandre.wordpress.com/> -
82. <http://coletivolgbtufrgs.blogspot.com/> -
83. <http://www.perfectgay.blogspot.com/>
84. <http://blogdoeduardoamaral.blogspot.com/>
85. <http://www.adocaoehomossexualidade.blogspot.com/> -
86. <http://monologay.wordpress.com/>
87. <http://qlibertarios.blogspot.com/>
88. <http://discutindogenero.blogspot.com/>
89. <http://being-queer.blogspot.com/>
90. <http://ligalesbicasp.blogspot.com/>

Tabela 4: BLOGS CONFSSIONAIS

91. <http://guriasqueseamam.blogspot.com/>
92. <http://blogdobhy.blogspot.com/>
93. <http://bhy.tumblr.com/>
94. <http://crossdressworld.blogspot.com/>
95. <http://supersapatosas.blogspot.com/>
96. <http://pegaytion.blogspot.com>
97. <http://canudoscoloridos.blogspot.com/>
98. <http://jadeleticiahmoreno.blogspot.com/>
99. <http://oguiagay.blogspot.com/>
100. <http://homenseanjos.blogspot.com/>
101. <http://vangeleonel.blogspot.com/>
102. <http://fazendomanha.blogspot.com/>
103. <http://semtirar.blogspot.com/>
104. <http://correiomasculino.blogspot.com/>
105. <http://cronicamasculina.blogspot.com/>
106. <http://herycon.blogspot.com/>
107. <http://dormindonacaixa.blogspot.com/>
108. <http://andmyman.blogspot.com/>
109. <http://gayeok.wordpress.com/>
110. <http://blogrof.blogspot.com/>
111. <http://fanchalaranja.blogspot.com/>
112. <http://ascartasdetheo.blogspot.com/>
113. <http://vincenzogonzaga.blogspot.com/>
114. <http://adolescentegay92.blogspot.com/>
115. <http://aliceinlesboland.blogspot.com/> -
116. <http://castelodefarsa.blogspot.com/> -
117. <http://blogduas.blogspot.com/> -
118. <http://putoanonimo.blogspot.com> -
119. <http://anjinhocariocarj.blogspot.com/> -
120. <http://napontadosdedos.wordpress.com/>
121. <http://nerdgayengenheiro.blogspot.com/> - -
122. <http://beldades-vida.blogspot.com> -
123. <http://pardedois.blogspot.com/> -
124. <http://promiscuidaderelativa.blogspot.com/> -
125. <http://quotidianogaym.blogspot.com/>
126. <http://sembolso.blogspot.com/> -
127. <http://primodointerior.blogspot.com/>
128. <http://introspecthive.blogspot.com/>
129. <http://eroticocadernonegro.blogspot.com/> -
130. <http://fodocomgays.blogspot.com/>
131. <http://www.luizmodesto.com.br/> -
132. <http://aimorelo.blogspot.com/> -
133. <http://soumundano.blogspot.com/>
134. <http://paulobraccini-filosofo.blogspot.com/> -
135. <http://gaymulher.blogspot.com/>
136. <http://daquelefuturo.blogspot.com/>
137. <http://quarentaetresquarentaequatro.wordpress.com/>
138. <http://coloridonet.blogspot.com>
139. <http://toaquivocetambem.blogspot.com> -
140. <http://naomemoriasdeumalesbica.blogspot.com/> -
141. <http://sempreavantenonadainfinito.blogspot.com/>
142. <http://pampublikong.blogspot.com/>
143. <http://complexodeanjo2.blogspot.com/>

Tabela 5: BLOGS PARA USUÁRIOS FÃS

144.	http://andremans.blogspot.com -
145.	http://muzablog.blogspot.com/ -
146.	http://katylene.com.br/ -
147.	http://morridentesungabranca.blogspot.com/ -
148.	http://segredosdegarotos.blogspot.com/ -
149.	http://sinopseg.blogspot.com/ -
150.	http://www.ofantasticofuscaverde.com/ -
151.	http://asetimavisao.blogspot.com/
152.	http://cinemahomensepipoca.blogspot.com/ -
153.	http://lasbibasfromvizcaya.podomatic.com/ -
154.	http://universodafenix.blogspot.com/ -
155.	http://www.nalinguadoju.blogspot.com/ -
156.	http://staywilde.blogspot.com/ -
157.	http://chatonoar.blogspot.com/ -
158.	http://moviesmixg.blogspot.com/
159.	WWW.caiunopoco.blogspot.com -
160.	http://blogdiamondg.blogspot.com -
161.	http://oconfessionario.wordpress.com/
162.	http://cicutanalingua.wordpress.com/
163.	http://blog.thanyatulmuto.com/blog1.php
164.	http://centrogb.blogspot.com/
165.	http://gayload.blogspot.com/

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTOUN, Henrique. **Democracia, multidão e guerra no ciberespaço**. In. *Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação* / organizador André Parente. – Porto Alegre: Sulina, 2004.

BLOOD, Rebecca. **O Livro de Bolso do Weblog**. Campo das Letras, 2004

Barbosa e Silva, Jan Alyne. **WEBLOGS: MÚLTIPLAS UTILIZAÇÕES E UM CONCEITO**. Disponível on-line em: http://homer.nuted.edu.ufrgs.br/ObjetosPEAD2006/obj_blog/2003_NP08_silva.pdf - acessado em 15/06/2010

CAIAFFOI, Stéfanis; DA SILVA, Rosane; MACERATA, Iacã; PILZ, Christian. Artigo: **Da multidão-massa a multidão-potência**: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social - *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 59, n. 1, 2007. Disponível on-line em: <http://www.pepsic.bvspsi.org.br/pdf/arb/v59n1/v59n1a04.pdf> - acessado em 24/04/2010

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra. 1999.

CASTELLS, Manuel. **Comunicacion y Poder**. Madrid: Alianza Editorial, S.A, 2009.

Di Felice, Massimo; **Do Público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. 1º Edição - São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. **O BLOG JORNALÍSTICO: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS NA BLOGOSFERA BRASILEIRA**. 2009. Disponível on-line: <<http://www.scribd.com/doc/20861245/O-Blog-Jornalistico-definicoes-e-caracteristicas-na-blogosfera-brasileira>> acesso em 9/06/2010

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____ **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1975.

HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. **Multidão-Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____ **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____ **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Rio, DP&A, 2001

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____ **“Para uma definição do conceito de Biopolítica”** In: *Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia*. n. 5-6. Publicação do NEPCOM (Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação). Rio de Janeiro: Maio – Dezembro 1998.

LE BON, G. **La psychologie des foules**. Paris: PUF, 1963.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MALINI, Fábio. **O Comunismo das redes sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet/ Fábio Malini**. Rio de Janeiro: PPGCOM UFRJ/ECO), 2007.

MATOS ALMEIDA, Marlise Miriam. **“Cultura, Gênero e Conjugalidades: as “transformações da intimidade” como desafio”** In: *Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia*. N. 5-6. Publicação do NEPCOM (Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação). Rio de Janeiro: Maio – Dezembro 1998.

MORAES, DÊNIS. **Por outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder**. Editora Record, 2003

NEGRI, Antonio. **Movimientos en el Império**. Argentina: Paidós Ibérica , 2007

NEVES, Cláudia E. Abbês Baêta. **Sociedade de Controle, o neoliberalismo e os efeitos de subjetivação**. In: SILVA, André do et al. (Org.). *Subjetividade: questões contemporâneas*. São Paulo: Hucitec, 1997. P. 84-91.

PRIMO, Alex. **Comunidades de Blogs e espaços conversacionais**. Disponível online: http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/14_alex_primo_e_ana_smaniotto_prisma.pdf, < acessado em 15/06/2010

RECUERO, Raquel. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais**. Disponível online: <http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf> < acessado em 20/06/2010

RODRIGUES, Paz Carolina. *A Cultura Blog: questões introdutórias* - Revista FAMECOS – Porto Alegre. Nº22. Dezembro 2003. Quadrimestral

SCHILLING, Voltaire. **1968, a Revolução Inesperada**. Porto Alegre. 2008

VIRNO, Paolo. **Gramática da Multidão** - Para uma Análise das Formas de Vida Contemporâneas - Tradução para o português: Leonardo Retamoso Palma Santa Maria, RS, Brasil. Setembro de 2003.

PENNAFORTE, Charles. **DO FORDISMO AO PÓS-FORDISMO: UMA VISÃO DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL**. Disponível na internet: <http://www.charlespennaforte.pro.br/acessoexclusivo/bancodetextos/fordismo_e_pos-fordismo.htm > acesso 25/05/2010

Braga, Ruy. **Trabalho e fluxo informacional: nossa herança (info)taylorista**. Disponível na internet: < http://www.ocomuneiro.com/nr5_07_Ruy%20Braga%20-%20Trabalho%20e%20fluxo%20informacional.html > acesso em 25/05/2010

BONANNO, Alessandro. **A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA E DA SOCIEDADE: FORDISMO E PÓS-FORDISMO NO SETOR AGROALIMENTAR**. Disponível na internet: < http://www2.cddc.vt.edu/digitalfordism/fordism_materials/Bonanno.pdf > acesso em 26/05/2010

RIBEIRO, Felipe. **Web 2.0 Novos conceitos e tecnologia**. 2007. Disponível na internet < www.feliperibeiro.com/web20.pdf > acesso em 07/06/2010

Web 3.0. disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_3.0 - acesso em 07/06/2010.

Keynesianismo <http://pt.wikipedia.org/wiki/Keynesianismo> -08/06/2010
